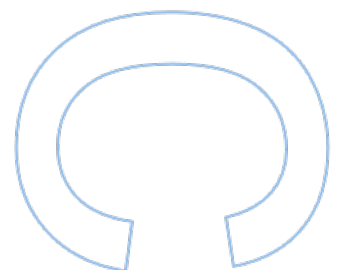
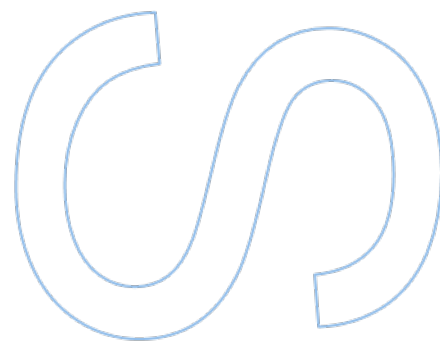
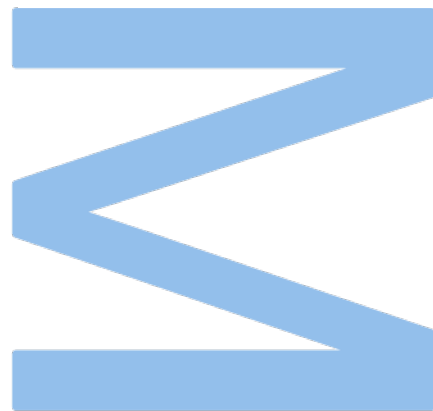


Parques urbanos no Catar: padrões de uso e percepção dos utilizadores em Doha



Adriana Vasconcelos Sousa

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

2025



Parques urbanos no Catar: padrões de uso e percepção dos utilizadores em Doha

Adriana Vasconcelos Sousa

Dissertação realizada no âmbito do mestrado em arquitetura
paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2025

Orientador

Isabel Maria Henriques Martinho da Silva, Professora Auxiliar,
FCUP

*Ao meu avô, cuja memória me acompanha sempre
e a quem dedico este trabalho com eterna saudade.*

Agradecimentos

Ao concluir esta dissertação, sinto que chego não apenas ao fim de um trabalho académico, mas também à etapa final de um percurso desafiante e transformador. Este caminho, marcado por momentos de esforço, descoberta e superação, só foi possível graças ao apoio e incentivo de várias pessoas que caminharam ao meu lado.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, verdadeiro pilar em todo este processo. Aos meus pais, Anabela Sousa e Jorge Sousa, e à minha avó Rosalina Azevedo, que sempre acreditaram em mim, pelo incentivo constante, pela confiança e por me motivarem sempre a seguir o caminho que realmente me apaixona.

Ao meu namorado, Rúben Carneiro, pelo apoio constante nos momentos mais difíceis, pela paciência e por nunca deixar que desistisse quando as soluções pareciam menos claras.

Aos colegas e amigos que tornaram este percurso académico mais leve, com uma especial menção ao Luís Castro, companheiro de estágio no Catar, cuja presença ajudou a transformar uma experiência inicialmente marcada pela incerteza numa oportunidade vivida com maior confiança e entusiasmo. Estendo também o meu agradecimento a Brian Cabuhat, Sam T. Rice, e John Rice, que contribuíram para que a minha estadia no Catar fosse enriquecedora e marcante, e que foram essenciais para que Doha, nesse período, também fosse casa, e cujas amizades levarei comigo.

À minha orientadora, pela orientação, disponibilidade e contributos fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes neste percurso. Este trabalho é também fruto do vosso apoio, e levo comigo a certeza de que cada contributo fez diferença na concretização desta etapa.

Resumo

Esta dissertação analisa os padrões de uso e a percepção dos parques urbanos em Doha, procurando compreender de que forma fatores culturais, sociais e climáticos moldam a relação da população com o espaço público. A investigação teve por base questionários aplicados a expatriados qualificados e observação direta nos principais parques da cidade, colmatando a escassez de estudos centrados na perspetiva quotidiana dos utilizadores.

Os resultados evidenciam que, apesar das condições ambientais extremas, a maioria dos inquiridos indicou os parques como espaço de lazer preferencial. Foram identificados diferentes padrões de frequência, desde utilizadores regulares a visitantes sazonais, com destaque para a concentração no inverno e nos períodos de menor calor. As atividades mais referidas incluem correr ou caminhar, conviver com amigos ou família e levar as crianças a brincar, confirmando a relevância destes espaços para a sociabilidade e o bem-estar. As diferenças de género e nacionalidade revelaram apropriações distintas, sendo as mulheres mais seletivas no horário e tipo de uso, e as comunidades indianas e filipinas particularmente representativas em quase todas as práticas.

Conclui-se que os parques desempenham um papel vital no quotidiano urbano de Doha, mas a sua utilização plena continua condicionada pelo clima, pela acessibilidade desigual e por barreiras socioculturais.

Palavras-chave: Parques urbanos, Doha, Catar, Padrões de uso, Percepção dos utilizadores, Clima árido, Conforto ambiental, Acessibilidade, Barreiras de uso, Expatriados qualificados.

Abstract

This dissertation examines usage patterns and perceptions of urban parks in Doha, with particular attention to the influence of cultural, social, and climatic factors on public space engagement. Data collection involved administering questionnaires to skilled expatriates and conducting direct observations in major city parks. This approach addresses the existing gap in research concerning users' daily experiences.

The results demonstrate that, despite challenging environmental conditions, the majority of respondents identified parks as their primary leisure destination. Usage patterns ranged from regular to seasonal visitation, with peak attendance observed during winter and cooler periods. The most frequently reported activities included running or walking, socializing with friends or family, and accompanying children. These findings underscore the significance of urban parks for community interaction and public health. Analysis of gender and nationality revealed distinct behaviors: women visited parks at specific times and for particular activities, whereas Indian and Filipino groups engaged in a broader range of activities.

The study concludes that urban parks are integral to Doha's urban structure; however, their full potential is constrained by climatic conditions, unequal accessibility, and sociocultural barriers.

Keywords: Urban parks, Doha, Qatar, Patterns of use, User perception, Arid climate, Thermal comfort, Accessibility, Barriers to use, Qualified expatriates.

Índice

Índice	iv
Lista de Figuras	vii
1. Introdução	1
1.1. Problema de investigação	2
1.2. Objetivos e perguntas de investigação	2
1.3. Metodologia	3
1.4. Estrutura da dissertação	3
2. Contexto do Catar	4
2.1. Localização geográfica e urbana	4
2.2. Clima árido e “cultura da noite”: o condicionante que nunca sai de cena.....	6
2.3. Das aldeias costeiras e do comércio das pérolas à descoberta do petróleo .	11
2.4. Sociabilidade antes dos parques: <i>majlis</i> , mesquitas e <i>souqs</i>	14
2.4.1. Os <i>Majlis</i>	14
2.4.2. A mesquita	15
2.4.3. Os <i>souqs</i>	15
2.5. Urbanização moderna: do Corniche aos primeiros espaços verdes.....	18
2.5.1. Al Bidda Park: um marco nos espaços públicos do Catar	20
2.6. Demografia singular e pluralidade de práticas urbanas	23
2.6.1. Introdução	24
2.6.2. Estrutura demográfica.....	25
2.6.3. Migração e trabalho	27
2.6.4. Distribuição urbana	28
2.6.5. Pluralidade de práticas urbanas	29
2.6.6. Síntese	30
2.7. Planeamento recente: visão nacional e diretrizes para espaço público	31
2.8. Conclusão: por que esta história importa para os dados	32
3. Estado da arte	33

3.1.	Parques urbanos em climas áridos: adaptação e conforto	33
3.2.	Funções sociais e culturais dos parques em contextos multiculturais	35
3.3.	Barreiras e percepções de uso dos parques em Doha	36
3.4.	Síntese e lacunas identificadas	38
4.	Metodologia	39
4.1.	Contexto do estudo empírico	39
4.2.	Método de pesquisa	41
4.3.	População e amostra	42
4.4.	Instrumento de recolha de dados: o questionário	42
4.5.	Técnicas de análise de dados	44
4.6.	Limitações metodológicas	45
5.	Resultados	48
5.1.	Dados Demográficos	49
5.2.	Padrões de uso	52
5.3.	Percepções Gerais	70
5.4.	Evidências Fotográficas	76
6.	Discussão dos resultados	91
6.1.	Frequência de utilização: dois perfis distintos	91
6.2.	Padrões semanais e diários de utilização	93
6.3.	Transporte, tempo de deslocação e acessibilidade	94
6.4.	Atividades desenvolvidas nos parques	96
6.5.	Pontos positivos e aspetos em falta	98
7.	Diretrizes	100
7.1.1.	Conforto ambiental	100
7.1.2.	Acessibilidade e mobilidade	101
7.1.3.	Fatores socioculturais	102
	Conclusão	104
	Referências Bibliográficas	107
	Anexos	114

Anexo 1 - Questionário original aplicado	114
Anexo 2 – Total de parques mencionados pelos inquiridos	120

Lista de Figuras

Figura 1 - Localização do Catar no médio oriente. (Fonte: Autor).	4
Figura 2 – Organização administrativa do Catar ao nível municipal (esq.) e Estrutura territorial de Doha ao nível do distrito (dir.). (Fonte: Autor).	5
Figura 3 – Mapa de classificação do clima de Köppen-Geiger,Global.(Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd).	6
Figura 4 - Mapa de classificação do clima de Köppen-Geiger,Catar,(Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd(.	7
Figura 5 - Ciclo Sazonal Temperatura Mínima do Ar de Superfície, Temperatura Média do Ar de Superfície, Temperatura Máxima Média do Ar, Precipitação, Catar, 1991-2020. (Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd9.	8
Figura 6 – Índice de Desconforto, 2002 – 2023. (Fonte: (Patel et al., 2024)).	9
Figura 7 - Temperatura horária média no Catar. (Fonte:Weather Spark, sd).	10
Figura 8 - Embarcação tradicional (dhow). (Fonte: © 2025 Discover Qatar)	11
Figura 9 - Exploração petrolífera em Dukhan, 1956. (Fonte: (QatarEnergy, sd)).	13
Figura 10 – <i>Majlis</i> . (Fonte: ArabicOnline, 2023)	14
Figura 11 – Mesquita Imam Muhammed Ibn Abd Al Wahab, Catar. (Fonte: © 2025 MIMAR Architecture + Engineering.)	15
Figura 12 – Souq Waqif, Doha, Catar. (Fonte: © 2024 Souq Waqif, Doha).	16
Figura 13 - Souq Waqif, Doha, Catar. (Fonte: TripAdvisor).	16
Figura 14 – Evolução do tipo de sociabilidade. (Fonte: Autor).	17
Figura 15 – Usos do solo em Doha, 1990 – 2020. (Fonte:(Ajjur & Al-Ghamdi, 2022)).	18
Figura 16 – Corniche. (Fonte: (A. M. Salama & Khalfani, 2016)).	19
Figura 17 – Localização do Al Bidda Park em Doha, Catar. (Fonte: Autor).	20
Figura 18 – Plano geral do Al Bidda Park, Doha, Catar. (Fonte: © Al Bidda Park 2025).	20
Figura 19 - Plano de Caracterização das Áreas de Plantação. (Fonte: KEO Consulting).	22
Figura 20 - Percentagem de nacionais e não nacionais por pais, do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC). (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).	24
Figura 21 - Evolução da população do Catar, 1960 – 2025. (Fonte: Worldometers.info)	25
Figura 22 – Número de homens por cem mulheres nas populações nacionais e estrangeiras do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) 2010-2016. (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).	26

Figura 23 -Distribuição da população do Qatar por idade, 2025. (Fonte: Worldometers.info)	26
Figura 24 - Percentagem de nacionais e não nacionais por país, do Conselho de Cooperação do Golfo, População empregada, 2020 (GCC). (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).....	27
Figura 25 – Densidade populacional por zona em Doha, Catar,2020. (Fonte: (The World Bank Group, 2025)	28
Figura 26 – Linha cronológica do Catar, de meados do séc. XVII à atualidade. (Fonte: Autor).....	32
Figura 27 - Mapa da localização do escritório da KEO International Consulting em Doha, Catar. (Fonte: Autor).....	40
Figura 28 – Logo KEO. (Fonte: © 2025 KEO)	40
Figura 29 - Etapas de pesquisa e finalidades. (Fonte: Autor).	41
Figura 30 - Divisão das perguntas pelos blocos temáticos. (Fonte: Autor).	42
Figura 31 – Fluxo do questionário aplicado. (Fonte: Autor).	43
Figura 32 – Distribuição etária dos participantes. (Fonte: Autor).	49
Figura 33 – Distribuição etária por género. (Fonte: Autor).	50
Figura 34 – Nível de escolaridade por género. (Fonte: Autor).	50
Figura 35 – Distribuição geográfica dos participantes por país de origem. (Fonte: Autor).	51
Figura 36 – Preferência de espaço principal de lazer. (Fonte: Autor).	52
Figura 37 – Frequência de utilização dos parques por preferência – G1 (Fonte: Autor).	53
Figura 38 – Frequência de utilização dos parques por preferência – G2 (Fonte: Autor).	54
Figura 39 – Modo de transporte e tempo de viagem (Fonte: Autor).	55
Figura 40 - Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G1. (Fonte: Autor).	56
Figura 41 - Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G2. (Fonte: Autor).	57
Figura 42 – Top 5 parques mais mencionados (Fonte: Autor).	58
Figura 43 - Localização dos parques mais mencionados. (Fonte: Autor).	59
Figura 44 - Tendência de transporte por parque. (Fonte: Autor).....	59
Figura 45 – Aspetos valorizados nos parques (Fonte: Autor).	61
Figura 46 – Padrões de frequência de utilização dos parques, ao longo do dia (Fonte: Autor).	62

Figura 47 - Distribuição horária da utilização dos parques por dias da semana. (Fonte: Autor).....	63
Figura 48 – Atividades praticadas nos parques por género (Fonte: Autor).....	64
Figura 49 - Atividades realizadas pelo género feminino às sextas de manhã / sábados de manhã. (Fonte: Autor).	65
Figura 50 – Distribuição da diversidade cultural nas atividades realizadas. (Fonte: Autor).	67
Figura 51 - Preferência de atividades por nacionalidade - Top 5. (Fonte: Autor).....	68
Figura 52 - Preferência de atividades por nacionalidade. (Fonte: Autor)	69
Figura 53 – Perceção da suficiência de parques urbanos em Doha. (Fonte: Autor)....	70
Figura 54 - Relação entre o modo de transporte e a suficiência de parques em Doha (Fonte: Autor).	71
Figura 55 – Perceção sobre a existência de carências nos parques de Doha.(Fonte: Autor).....	72
Figura 56 – Aspetos em falta nos parques de Doha, apontados pelos utilizadores (Fonte: Autor).....	73
Figura 57 - Aspetos em falta nos parques - Utilizadores do G2. (Fonte: Autor).....	74
Figura 58 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,12h55 (Fonte: Autor).	77
Figura 59 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,13h04 (Fonte: Autor)	77
Figura 60 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,13h04 (Fonte: Autor)	78
Figura 61 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,13h05 (Fonte: Autor)	78
Figura 62 - Oxygen Park, Quarta-feira, 07 de Maio de 2025,13h10 (Fonte: Autor)	79
Figura 63 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)	80
Figura 64 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)	80
Figura 65 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)	81
Figura 66 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h07 (Fonte: Autor)	81
Figura 67 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h08 (Fonte: Autor)	82
Figura 68 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 19h36 (Fonte: Autor)	82
Figura 69 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h13 (Fonte: Luís Castro) .	84
Figura 70 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h16 (Fonte: Luís Castro) .	84
Figura 71 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h48 (Fonte: Luís Castro) .	85
Figura 72 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 22h13 (Fonte: Autor)	85
Figura 73 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h56 (Fonte: Autor)	86

Figura 74 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h57 (Fonte: Autor)	86
Figura 75 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h59 (Fonte: Autor)	87
Figura 76 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h06 (Fonte: Autor) ...	87
Figura 77 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h07 (Fonte: Autor) ...	88
Figura 78 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h09 (Fonte: Autor) ...	88
Figura 79 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h32 (Fonte: Luís Castro)	89
Figura 80 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h50 (Fonte: Luís Castro)	89
Figura 81 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h57 (Fonte: Luís Castro)	90
Figura 82 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 01h13 (Fonte: Luís Castro)	90

1. Introdução

Atualmente, os parques urbanos assumem um papel central nas cidades contemporâneas. Existem diversos estudos que sublinham a sua relevância para a saúde física e mental, para a coesão social e para a sustentabilidade ambiental (WHO, 2016). Em países de clima temperado, a fruição ao ar livre ocorre em condições muito distintas das observadas nos territórios áridos do Golfo Pérsico, onde o calor extremo e as particularidades sociais moldam de forma decisiva a vivência dos parques.

É neste enquadramento regional que se insere o estado do Catar, cuja evolução recente ilustra de forma clara como o contexto ambiental e sociocultural influencia o desenho e o uso do espaço público. Em poucas décadas, o país passou de pequenas comunidades costeiras, centradas na pesca e no cultivo e comércio de pérolas (pearling), para uma metrópole global altamente urbanizada, moldada por fluxos migratórios intensos e por uma população maioritariamente expatriada (Gulf Research Center, sd). Esta transformação urbana acelerada, levanta uma questão fundamental: como é que se constrói a vida coletiva em espaços públicos num território onde a cidade moderna surgiu praticamente de forma súbita? É também neste contexto que os parques urbanos assumem um papel estratégico, quer no lazer das famílias, quer na construção de uma imagem internacional de modernidade.

A escolha do Catar como caso de estudo resulta da conjugação de fatores académicos e práticos. Do ponto de vista académico, trata-se de um país marcado por um desenvolvimento urbano acelerado, por um contexto climático árido e por uma composição demográfica singular, onde a predominância de expatriados coloca desafios específicos ao desenho e à utilização dos espaços públicos, tornando-o um exemplo particularmente relevante para investigação. No plano prático, a oportunidade de realizar um estágio curricular em Doha, na KEO Consulting, permitiu-me residir temporariamente na cidade e observar de perto a realidade urbana e social do país. Este enquadramento facilitou igualmente o processo de recolha de dados, já que a empresa colaborou na divulgação dos questionários junto dos seus colaboradores.

A investigação existente ainda não responde a uma questão central: de que forma os utilizadores vivenciam e se apropriam destes espaços no quotidiano. Embora a proliferação recente de parques e espaços abertos seja evidente, subsiste uma escassez de estudos que procurem compreender o seu uso a partir da perspetiva dos utilizadores. A literatura existente concentra-se sobretudo em diretrizes institucionais (Qatar National Master Plan, 2017) e em análises arquitetónicas ou urbanísticas

(Salama & Wiedmann, 2016). A experiência no Catar revelou-se particularmente significativa, na medida em que possibilitou a observação direta da vida urbana, permitindo compreender os usos dos espaços públicos e, sobretudo, evidenciar a necessidade de os analisar a partir da vivência quotidiana.

1.1. Problema de investigação

Tendo em conta o enquadramento apresentado, importa explicitar o problema central que orienta esta investigação. Apesar do investimento estatal na criação e expansão de parques urbanos (Ataullah Sanaullah, 2022), a ausência de estudos que integrem a perspetiva dos utilizadores limita a compreensão do seu real impacto (Zhu et al., 2025). Reconhecem-se benefícios universais dos parques urbanos para a saúde, a coesão social e a sustentabilidade, mas permanece por esclarecer como os residentes de Doha efetivamente utilizam estes espaços no quotidiano.

Na prática, isso significa que ainda não sabemos com rigor:

- Qual é a frequência real de uso dos parques.
- Que atividades são praticadas nos parques.
- Quais os fatores que afastam parte da população dos parques.
- Como se refletem as especificidades demográficas (idade, nacionalidade, nível de educação) e climáticas (calor, humidade, sazonalidade) nos padrões de uso dos parques em Doha.

1.2. Objetivos e perguntas de investigação

Tendo em conta esta lacuna, a presente investigação procura contribuir para o conhecimento empírico sobre a forma como os parques urbanos são vividos em contextos áridos e multiculturais. Assim, esta dissertação tem como objetivo analisar e caracterizar os padrões de uso e percepção dos parques urbanos em Doha, relacionando-os com fatores culturais e climáticos que condicionam a vivência dos espaços públicos no Catar.

A partir deste objetivo geral, emergem as seguintes perguntas que estruturam a investigação:

- a) Quais os horários e épocas do ano preferidos para uso dos parques?
- b) Que atividades se destacam e como variam segundo o perfil dos utilizadores?
- c) Quais as principais barreiras à utilização dos parques urbanos em Doha?
- d) Que diferenças emergem entre grupos (ex.: por idade, nacionalidade ou afinidade com parques)?

1.3. Metodologia

Para responder às questões de investigação, adotou-se uma metodologia mista que combinou a aplicação de questionários com observação direta. O questionário foi distribuído a 562 participantes, abrangendo aspetos demográficos, frequência e horários de visita, atividades realizadas, bem como percepções de conforto e barreiras ao uso. A escolha de desenvolver questionários justificou-se pela possibilidade de recolher uma base quantitativa sólida, capaz de ser cruzada com variáveis sociodemográficas. Já a observação, apoiada em registo fotográfico sistemático, trouxe densidade qualitativa, permitindo identificar no terreno comportamentos e práticas que os números apenas sugeriam.

Os dados foram analisados através de estatística descritiva, complementada por cruzamentos simples entre variáveis, de modo a identificar padrões relevantes. Paralelamente, foi reunido um registo fotográfico dos usos quotidianos nos parques de Doha, que serviu de apoio à interpretação qualitativa e ajudou a contextualizar os resultados num quadro cultural e climático específico.

1.4. Estrutura da dissertação

A presente dissertação está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo introduz o tema, definindo o enquadramento, os objetivos e a relevância do estudo e a metodologia. O segundo capítulo apresenta o contexto histórico, social e climático do Catar, essencial para compreender os padrões de uso dos parques urbanos. O terceiro corresponde à revisão da literatura, reunindo os principais contributos teóricos sobre espaço público e parques no Médio Oriente. O quarto capítulo descreve a metodologia adotada, incluindo o desenho do questionário, a caracterização da amostra e os procedimentos de análise. O quinto capítulo apresenta os resultados obtidos, que são discutidos em profundidade no sexto, à luz do contexto cultural e ambiental. Por fim, o sétimo capítulo sintetiza as conclusões e propõe diretrizes de projeto centradas no utilizador, bem como pistas para futuras investigações.

2. Contexto do Catar

Inserido na região do Golfo Pérsico, na extremidade oriental da Península Arábica, o Catar destaca-se como um dos menores estados do Médio Oriente, cuja trajetória, em poucas décadas, passou de comunidades costeiras modestas para um estado de alto rendimento per capita, profundamente urbanizado e ligado às cadeias globais de energia (Stiftung, 2024).

Essa transformação rápida não se explica apenas pela descoberta de petróleo e gás natural: envolve uma geografia desértica severa, uma história social marcada pelo mar, e uma demografia singular, na qual a maioria da população residente é expatriada, com implicações diretas na vida urbana e no uso do espaço público. Compreender esta linha do tempo, desde a exploração económica de pérolas até à metrópole contemporânea, é essencial para interpretar os padrões de uso dos parques que esta tese revela.

2.1. Localização geográfica e urbana

O Catar ocupa uma península de cerca de 11 636,8 km², situada na extremidade oriental da Península Arábica, projetada no Golfo Pérsico e limitada a sul pela Arábia Saudita (Planning and Statistics Authority (PSA, 2020). A configuração geográfica simples facilita a percepção do território, mas concentra a população em áreas costeiras, sobretudo na capital, Doha.



Figura 1 - Localização do Catar no médio oriente. (Fonte: Autor).

A capital Doha, localizada na costa leste, concentra a grande maioria da população e constitui o centro político e económico do país. Para efeitos desta dissertação, a capital é o foco principal de análise, devido à concentração dos parques urbanos mais relevantes identificados no questionário.

A organização territorial do Catar está estruturada em três níveis administrativos principais: município, zona e distrito (PSA, 2020). O primeiro nível corresponde ao município, que constitui a unidade administrativa de base e divide o país em oito grandes áreas. Segue-se a subdivisão em zonas, num total de 91, que assegura uma maior proximidade na gestão do território e permite o enquadramento de políticas setoriais. Por fim, o nível mais detalhado corresponde ao distrito, que desagrega as zonas em 781 unidades, fornecendo um recorte espacial de elevada precisão. Esta malha territorial constitui um instrumento fundamental para o planeamento urbano, a produção estatística e a organização dos serviços locais.

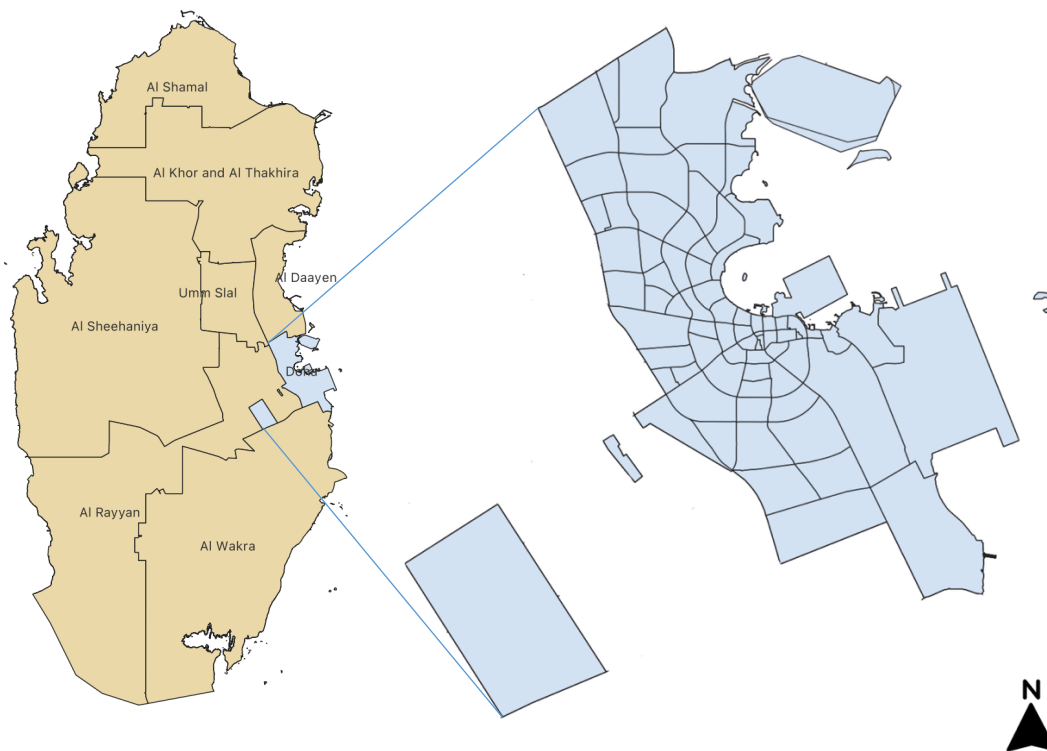


Figura 2 – Organização administrativa do Catar ao nível municipal (esq.) e Estrutura territorial de Doha ao nível do distrito (dir.). (Fonte: Autor).

2.2. Clima árido e “cultura da noite”: o condicionante que nunca sai de cena

Num mundo cada vez mais afetado por fenómenos climáticos extremos, a classificação dos climas constitui um referencial fundamental para compreender as condições ambientais que moldam os modos de vida e a ocupação do espaço urbano.

De acordo com o sistema de Köppen-Geiger (Peel et al., 2007), grande parte das zonas áridas, em particular os climas classificados como BWh (desértico quente), correspondem a regiões de latitudes médias baixas, como o Norte de África, a Península Arábica e áreas adjacentes, caracterizadas por precipitações escassas e temperaturas persistentemente elevadas.

Köppen-Geiger Climate Classification
Qatar • 1991-2020

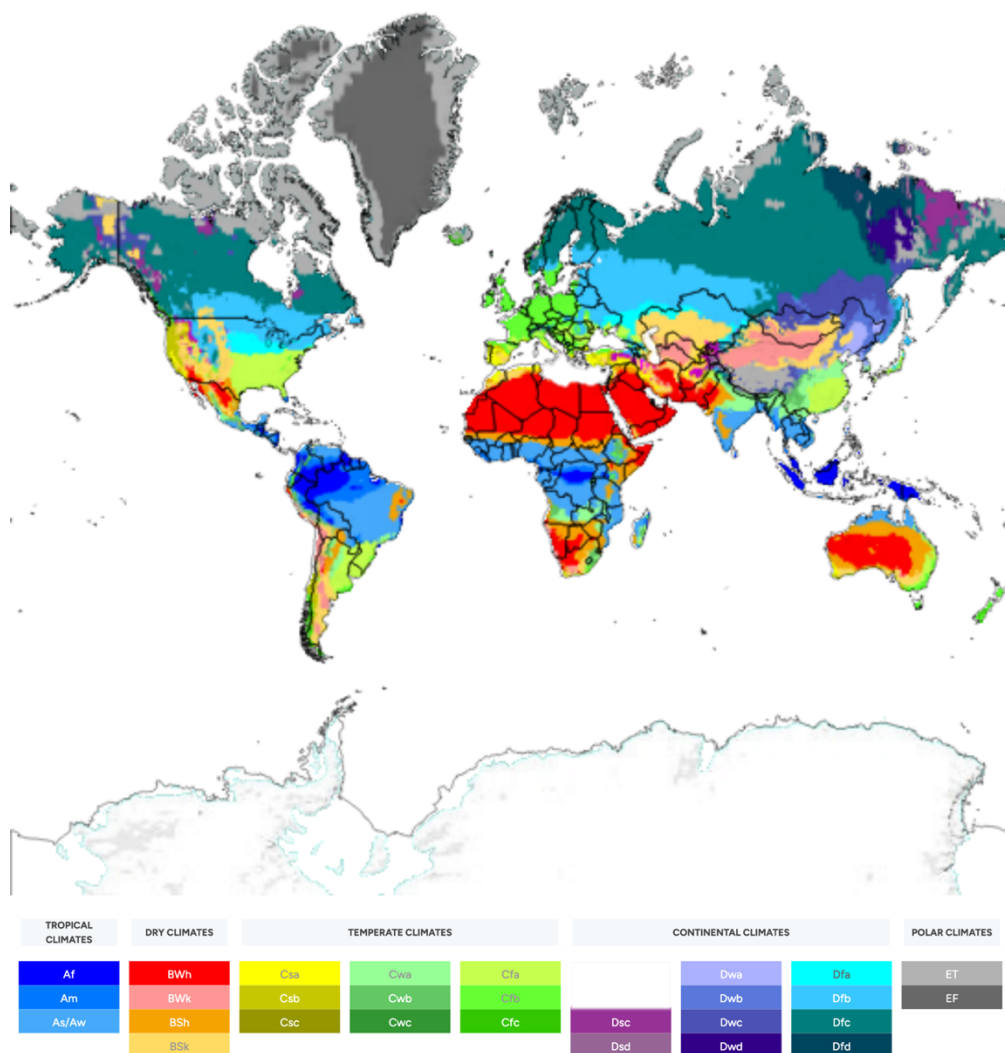


Figura 3 – Mapa de classificação do clima de Köppen-Geiger, Global. (Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd).

Köppen-Geiger Climate Classification
Qatar • 1991-2020

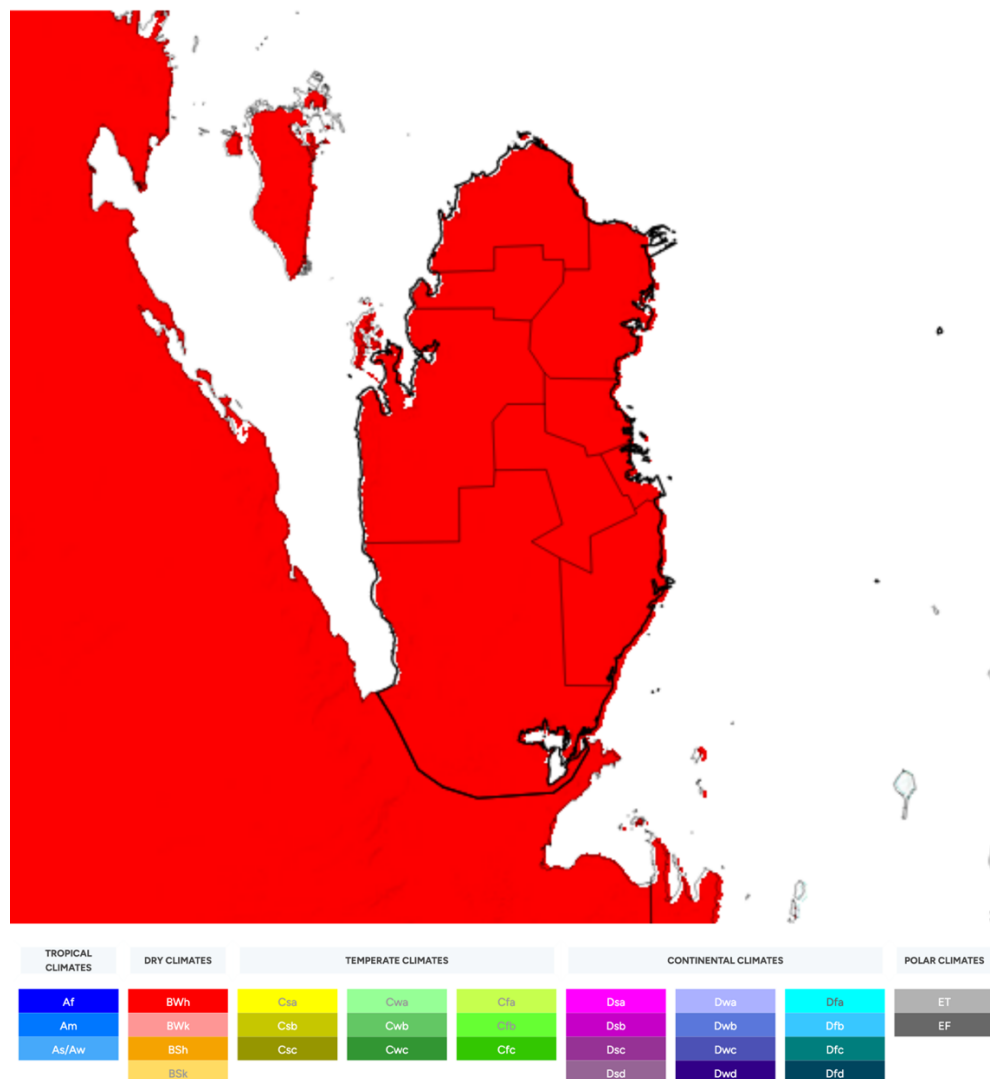


Figura 4 - Mapa de classificação do clima de Köppen-Geiger,Catar,(Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd).

É neste enquadramento que o Catar se insere, partilhando as características próprias do clima árido desértico. Segundo dados climatológicos observados entre 1991 e 2020, as temperaturas médias máximas mensais em Doha variam entre cerca de 21 °C em janeiro e 41 °C em julho, enquanto a precipitação se concentra entre novembro e fevereiro, com valores médios mensais próximos dos 12 mm (Climate Change Knowledge Portal, sd)(Figura 5). Estas oscilações traduzem-se em limitações significativas para a utilização diurna dos espaços exteriores.

O período estival, compreendido entre maio e setembro, caracteriza-se por temperaturas frequentemente superiores a 40 °C, com máximos absolutos que em alguns anos ultrapassam os 48 °C, caracterizando situações de elevado stress térmico. Nas zonas costeiras, a humidade relativa varia entre 20% durante o dia e mais de 85%

durante a noite, intensificando a sensação de desconforto (*Annual Relative Humidity and Rainfall – Qatar — State of Qatar Open Data*, sd) . A estas condições acresce a influência dos ventos sazonais *shamal*, provenientes do quadrante noroeste, que transportam poeiras em suspensão e reduzem a qualidade ambiental exterior ((Yu et al., 2016)).

Em contrapartida, o inverno, que decorre de novembro a março, apresenta temperaturas médias entre 12 °C e 22 °C, associadas a alguma precipitação. Nas estações de transição, abril e outubro, observam-se condições intermédias, com temperaturas médias em torno dos 28 °C e precipitação residual ((Climate Change Knowledge Portal, sd)).

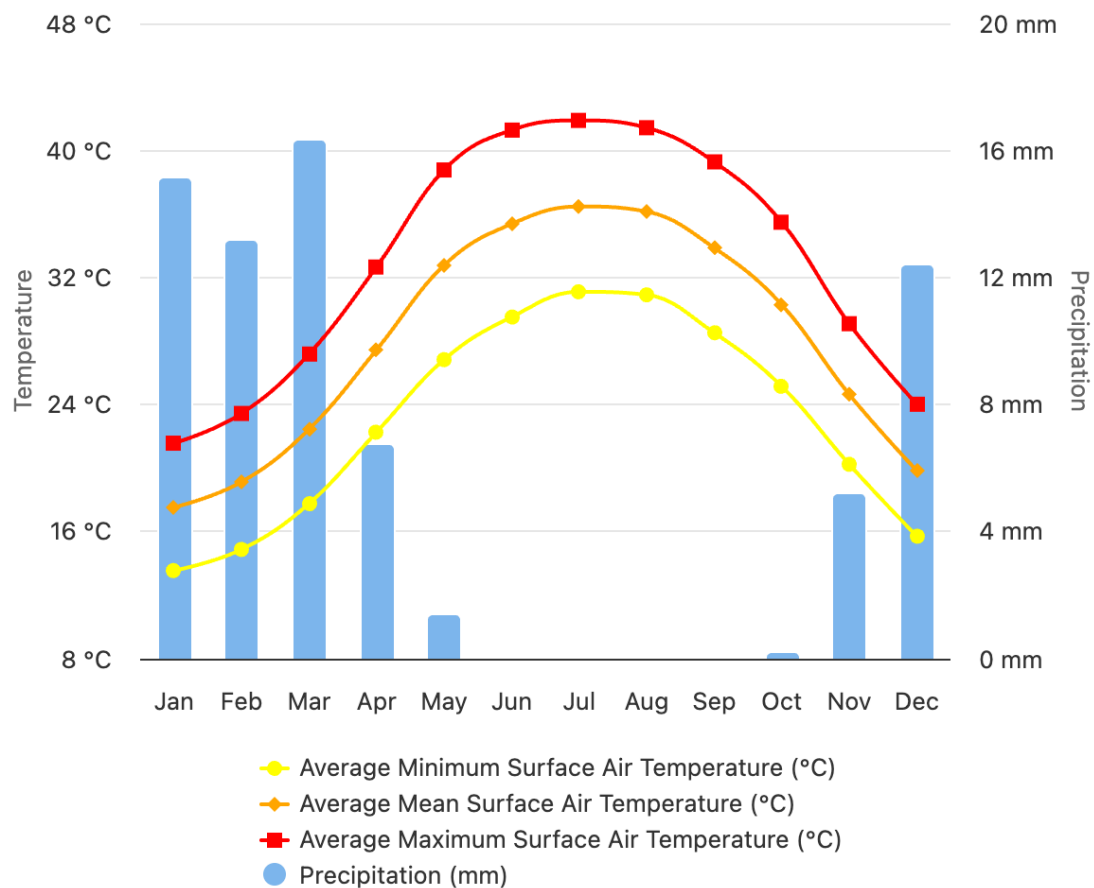


Figura 5 - Ciclo Sazonal Temperatura Mínima do Ar de Superfície, Temperatura Média do Ar de Superfície, Temperatura Máxima Média do Ar, Precipitação, Catar, 1991-2020. (Fonte: Climate Change Knowledge Portal, sd9).

A relevância destas condições climáticas tem vindo a ser confirmada pela investigação empírica. O estudo de Patel S., ao recorrer a índices como o Índice de Desconforto ou *Discomfort Index* (DI) e o Temperatura Aproximada do Globo do Bulbo Húmido ou *Approximated Wet-Bulb Globe Temperature* (AWBGT), demonstrou que, entre 2002 e 2023, se verificou uma transição de situações de conforto moderado para contextos de stress térmico extremo durante o verão, principalmente em zonas costeiras. (Patel et al., 2024)



Figura 6 – Índice de Desconforto, 2002 – 2023. (Fonte: (Patel et al., 2024)).

A análise das variações diárias reforça esta percepção. Durante o período diurno, as condições combinam-se de forma particularmente severa: as temperaturas frequentemente superiores a 40 °C, podendo alcançar 50 °C, somadas à incidência direta da radiação solar e à radiação térmica emitida pelas superfícies urbanas aquecidas, acentuam o desconforto. Acresce ainda a ação dos ventos sazonais *shamal*¹, provenientes do quadrante noroeste, cuja intensidade é máxima durante o dia e que se associam ao transporte de poeiras em suspensão e à consequente redução da visibilidade atmosférica (Yu et al., 2016). Em contrapartida, durante a noite, verifica-se uma alteração substancial destes parâmetros: a temperatura desce para valores em torno de 30–35 °C e a humidade relativa aumenta significativamente, passando de

¹ O *shamal* é um vento quente e seco proveniente do Norte ou Noroeste da Península Arábica, que sopra sobretudo em junho e julho, geralmente com velocidades até 50 km/h, podendo gerar intensas tempestades de poeira na região (Encyclopaedia Britannica, s.d.).

mínimos diurnos próximos de 20% para máximos que podem ultrapassar os 90% (Li & Sadr, 2021).

Embora esta maior saturação de vapor de água contribua para uma sensação de abafamento, a ausência de radiação solar direta, a redução da intensidade dos ventos *shamal* e, conseqüentemente, da carga de poeira na atmosfera, bem como a circulação de brisas nas áreas costeiras, tornam as condições ambientais noturnas comparativamente mais toleráveis.

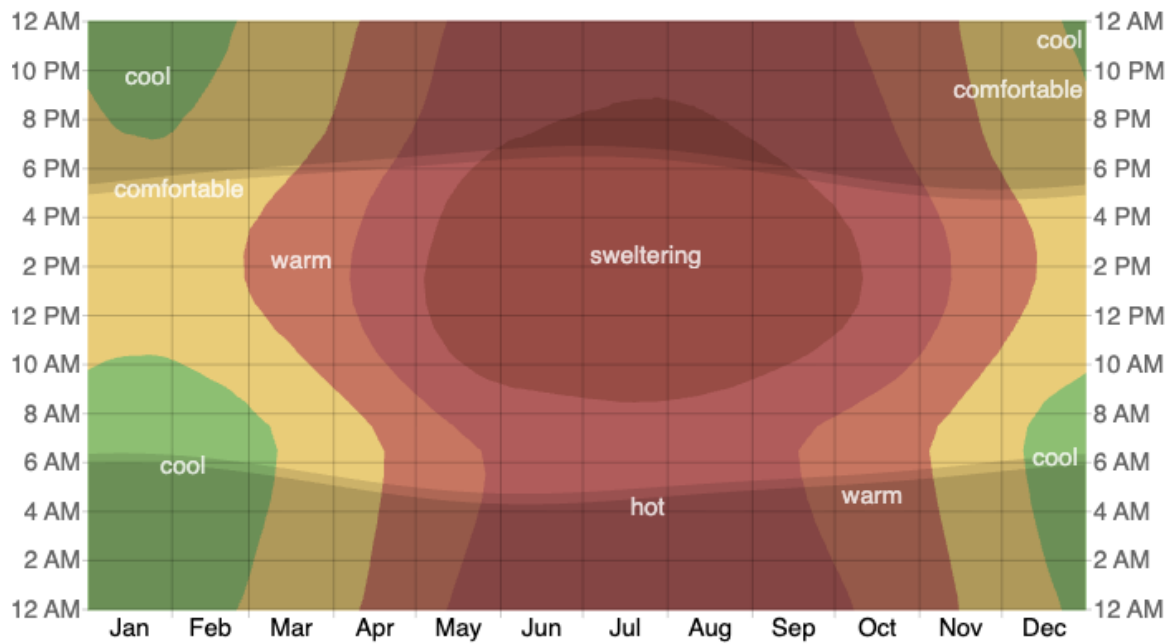


Figura 7 - Temperatura horária média no Catar. (Fonte: Weather Spark, sd).

Assim, a conjugação destes fatores ajuda a compreender por que motivo o período noturno oferece condições relativamente mais favoráveis ao usufruto dos espaços públicos exteriores em Doha.

2.3. Das aldeias costeiras e do comércio das pérolas à descoberta do petróleo

Antes da centralidade do comércio de pérolas, o território do Catar era habitado por comunidades tribais que combinavam atividades nómadas no deserto com povoações costeiras voltadas para a pesca e o comércio. Povoamentos como Al Bidda, considerado o embrião da atual Doha, e Zubarah, no noroeste da península, já eram conhecidos nos séculos XVIII e XIX como núcleos regionais de troca e de vida urbana (*Qatar in History: Ties to World's Earliest Civilizations*, sd).

A consolidação da liderança da família Al Thani, que migrou da região de Najd e se estabeleceu em Zubarah antes de se fixar em Doha, deu maior estabilidade política ao território (Morgan et al., sd). Esse poder foi formalizado em 1868, com a assinatura de um tratado com o Reino Unido que reconhecia a autoridade do clã e estabelecia a base do protetorado britânico que perduraria até ao século XX (Morgan et al., sd).

Esta fase antecedeu a economia baseada no pearling, que viria a marcar a identidade do país até às primeiras décadas do século XX. Entre maio e setembro, milhares de mergulhadores saíam em embarcações tradicionais (*dhow*)(Figura 6) para recolher ostras no fundo do Golfo Pérsico. Mais do que uma atividade económica, o comércio das pérolas constituía um eixo estruturante da vida social e cultural, mobilizando mercadores, artesãos e famílias inteiras dependentes da safra anual.



Figura 8 - Embarcação tradicional (dhow). (Fonte: © 2025 Discover Qatar)

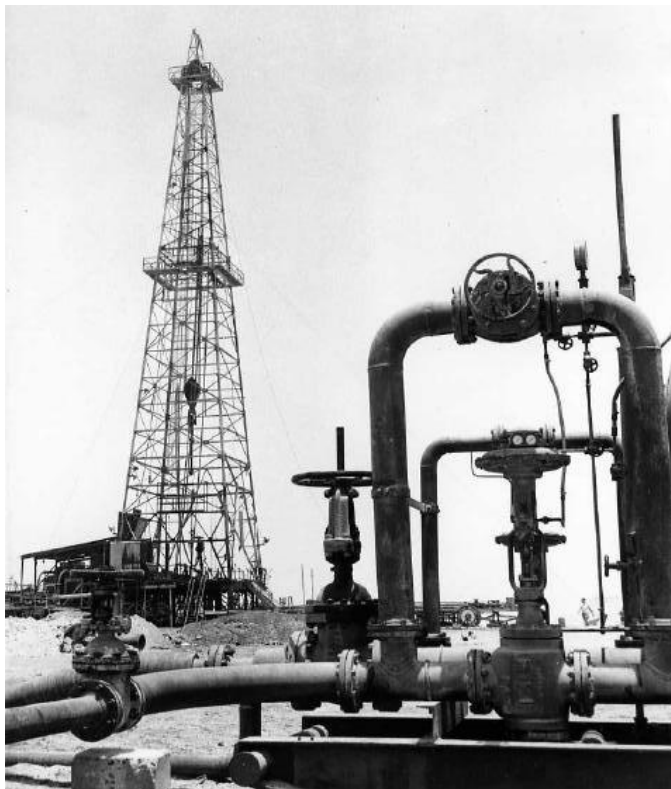
Durante séculos, as pérolas do Golfo foram altamente valorizadas nos mercados da Índia, da Pérsia e até da Europa, criando uma rede comercial vital para pequenas comunidades costeiras como Doha, Wakrah ou Al Bidda (A. M. A. Salama & Wiedmann, 2016). No entanto, esse sistema colapsou de forma dramática por volta de 1930. O fator decisivo foi a introdução das pérolas cultivadas no Japão, com um método desenvolvido por Mikimoto Kōkichi no início do século XX (Aqil, 2018).

Estas pérolas de cultivo, eram visualmente indistinguíveis das naturais, mas podiam ser produzidas em larga escala e a custos muito mais baixos. A partir da década de 1920-30, o mercado mundial inundou-se de pérolas japonesas, provocando uma queda abrupta no valor das pérolas naturais do Golfo Pérsico (Aqil, 2018).

Este choque tecnológico coincidiu com a Grande Depressão² (1929-1939), que reduziu ainda mais a procura internacional de produtos de luxo. O impacto desta transformação foi devastador para a região. No Catar, mergulhadores e mercadores viram desaparecer os seus meios de subsistência, arrastando consigo comunidades inteiras cuja economia dependia quase exclusivamente da safra anual das pérolas. Como consequência, a população enfrentou um período prolongado de pobreza e de estagnação económica (Qatar Digital Library, sd; Morgan et al., sd).

A recuperação económica do Catar começou a concretizar-se com a descoberta de petróleo no Campo de Dukhan, em 1939. Apesar da interrupção da produção durante a Segunda Guerra Mundial, o período pós-guerra marcou o início da exploração em larga escala. Segundo estudos, este foi o verdadeiro ponto de viragem que transformou de forma decisiva a economia do país (Orient-Institut Beirut, sd; Wiedmann et al., 2012).

² A Grande Depressão foi uma crise económica mundial que começou em 1929 e durou até finais da década de 1930, marcada por forte desemprego, queda da produção e graves consequências sociais em vários países (Encyclopaedia Britannica, sd).



Oil Rig no. 54, Gas separator valves in foreground, Dukhan, July 1956.

منصة الحفر رقم 54، وتظهر في واجهة الصورة صمامات فصل الغاز،
دخان يوليو 1956.

Figura 9 - Exploração petrolífera em Dukhan, 1956. (Fonte: (QatarEnergy, sd)).

Nas décadas seguintes, a exploração e exportação de petróleo e, posteriormente, de gás natural consolidaram esta transformação, permitindo a passagem de pequenas comunidades costeiras empobrecidas para uma das nações mais ricas do mundo. Em 2021, o Catar apresentava o RNB per capita mais elevado a nível mundial, estimado em cerca de 98.111 USD (aproximadamente 83.598,33 €), mais 16.800 USD (aproximadamente 14.314,93 €) do que qualquer outra nação, e concentrava 13% das reservas globais de gás natural, sendo ultrapassado apenas pela Rússia e pelo Irão (Khan et al., 2021). Essa mudança refletiu-se na rápida modernização urbana e na construção de infraestruturas, entre as quais os primeiros parques públicos.

2.4. Sociabilidade antes dos parques: *majlis*, mesquitas e *souqs*

Antes da adoção de modelos urbanos «verdes», de matriz ocidental ³, a vida social no Catar articulava-se em funções distintas, cada uma ancorada a espaços próprios, que estruturavam o quotidiano e asseguravam formas de convívio comunitário.

Esses espaços podem ser compreendidos em três planos principais: o doméstico, o religioso-cívico e o económico-social, cada um associado a lugares específicos de encontro.

2.4.1. Os *Majlis*

No plano doméstico e de vizinhança, destacava-se o *majlis*, tradicionalmente associado à sociabilidade masculina e, que se encontrava localizado junto à entrada principal das casas tradicionais, funcionando como um espaço de receção de visitantes, de conversas formais e de decisões coletivas, assegurando a hospitalidade e a mediação comunitária. Estes espaços, eram normalmente mobilados com sofás corridos ou almofadas encostadas às paredes e complementados por tapetes e mesas baixas. Em paralelo, as mulheres organizavam os seus convívios em áreas interiores mais reservadas, onde combinavam tarefas domésticas com momentos de convívio e encontros de vizinhança (Al-Azri, 2012; AL-Mohannadi et al., 2023).

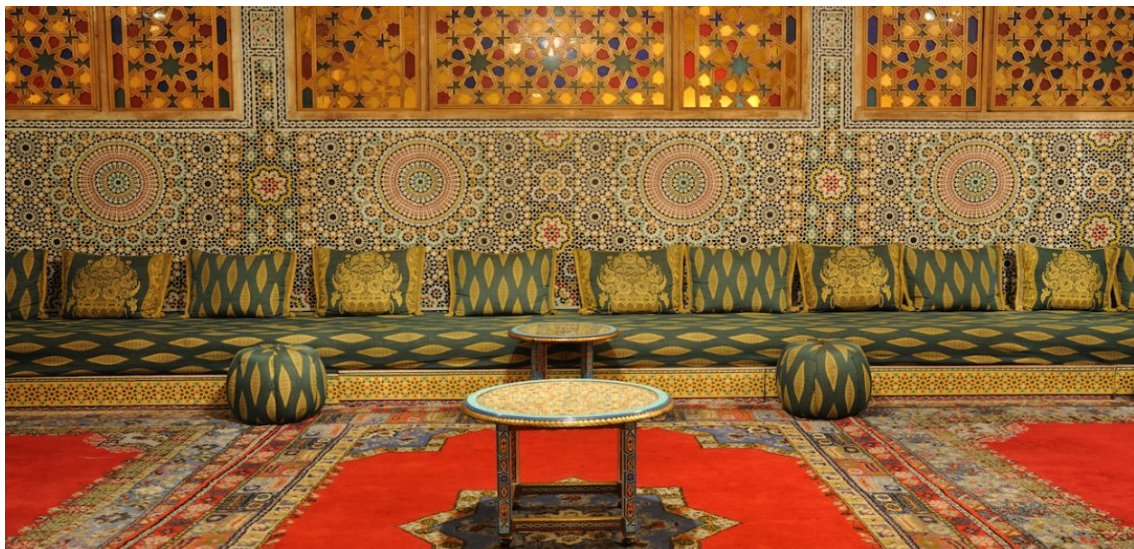


Figura 10 – *Majlis*. (Fonte: ArabicOnline, 2023)

³ A expressão “modelo urbano verde”, de matriz ocidental, refere-se ao planeamento urbano que integra parques e espaços verdes públicos como elementos estruturantes da cidade, associados a ideais de modernidade, higiene e lazer coletivo, tal como se consolidou na Europa e na América do Norte a partir do século XIX (Howard, 1902; Beatley, 2000).

2.4.2.A mesquita

No plano religioso e cívico, a mesquita constituía o principal espaço coletivo. Para além da função espiritual, desempenhava também um papel cívico, funcionando como fórum de encontro e de debate comunitário. A sua configuração era geralmente simples, composta por espaços amplos e flexíveis, pavimentados com tapetes, que permitiam não só acolher as orações diárias, mas também reuniões comunitárias e atividades de ensino (Mubarak, 2021; Wiedmann et al., 2012).



Figura 11 – Mesquita Imam Muhammed Ibn Abd Al Wahab, Catar. (Fonte: © 2025 MIMAR Architecture + Engineering.).

2.4.3.Os *souqs*

No plano económico e social, os *souqs* representavam o grande espaço público quotidiano, onde comércio e convívio se entrecruzavam (Wiedmann et al., 2012). Entre estes mercados, destaca-se o Souq Waqif, considerado atualmente um dos mais importantes sítios patrimoniais do Catar e associado à fundação original de Doha (Eddisford et al., sd; Radoine, sd). A sua configuração inicial incluía casas tradicionais térreas de pátio, que estruturavam o traçado urbano e davam forma a uma sociedade que articulava a dimensão económica com a vida social (Furlan & Al-Mohannadi, 2020; Jaidah & Bourennane, 2009).



Figura 12 – Souq Waqif, Doha, Catar. (Fonte: © 2024 Souq Waqif, Doha).



Figura 13 - Souq Waqif, Doha, Catar. (Fonte: TripAdvisor).

Estudos recentes sobre a herança construída do Catar sublinham o papel do Souq Waqif como “espaço aberto tradicional” e mercado vivo “de dia e de noite”, sintetizando uma forma de urbanização anterior aos parques contemporâneos (Fadli & AlSaeed, 2019) .

Para além destes planos estruturados, a vida comunitária no Catar tradicional, recorria igualmente a espaços informais de sociabilidade. Destacavam-se, neste âmbito, as *baraha*, pequenas praças de areia inseridas nos bairros residenciais, que serviam de palco a brincadeiras infantis, encontros de vizinhança e celebrações quotidianas (Wiedmann et al., 2012), bem como as frentes marítimas, ligadas às atividades de pesca e de comércio, que proporcionavam ocasiões de convívio e troca de informações entre trabalhadores e comerciantes. Apesar da existência dos *majlis* no plano doméstico, os pátios e os alpendres cobertos (*iwans*) cumpriam igualmente um papel relevante, acolhendo momentos de convívio familiar e de vizinhança em contextos mais privados (AL-Mohannadi et al., 2023; Al-Mohannadi & Furlan, 2022).

Em conjunto, estes espaços informais complementavam os lugares formais de convívio, oferecendo múltiplos palcos para a vida coletiva antes do aparecimento dos parques urbanos (Fadli & AlSaeed, 2019).

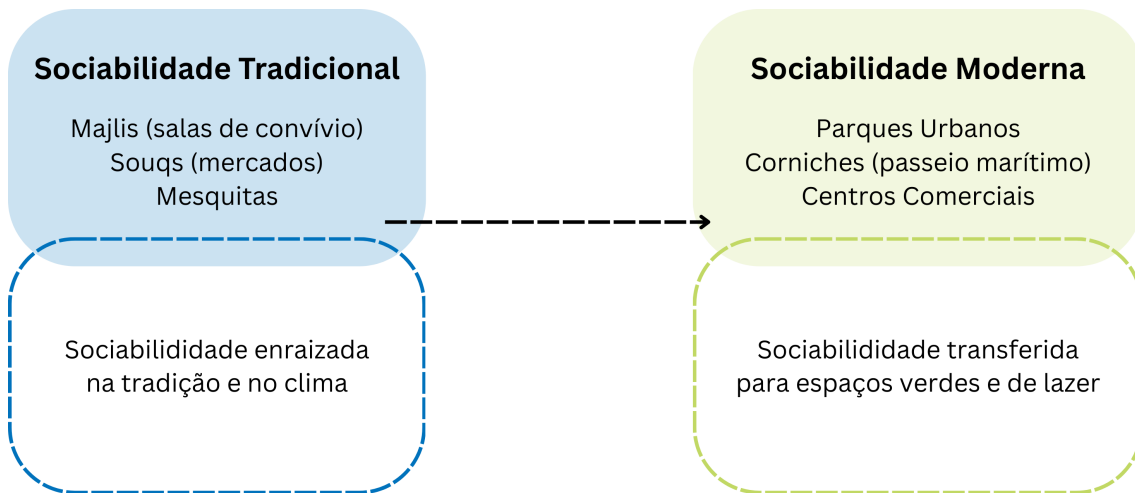


Figura 14 – Evolução do tipo de sociabilidade. (Fonte: Autor).

2.5. Urbanização moderna: do Corniche aos primeiros espaços verdes

Nos anos 1970, o afluxo sem precedentes de receitas petrolíferas proporcionou ao Catar os recursos necessários para investir em larga escala no desenvolvimento urbano (Al-Buainain, sd; El Mallakh, 2015). Este momento assinalou a primeira fase da urbanização moderna, nos anos 1970 e 1980, marcada pela construção de novas infraestruturas, habitação e equipamentos públicos destinados a traduzir o projeto de modernização do Estado (A. M. A. . Salama & Wiedmann, 2016). A partir da década de 1990, iniciou-se uma segunda fase, vinculada à diversificação económica, em que o setor imobiliário se tornou o motor central do crescimento urbano, exemplificando a financeirização do espaço construído (Salama & Wiedmann, 2016). Com o passar dos anos, este crescimento foi-se tornando visível. A análise dos usos do solo mostra que as áreas urbanas aumentaram e que, já em 2000, se notava também um acréscimo dos espaços verdes.

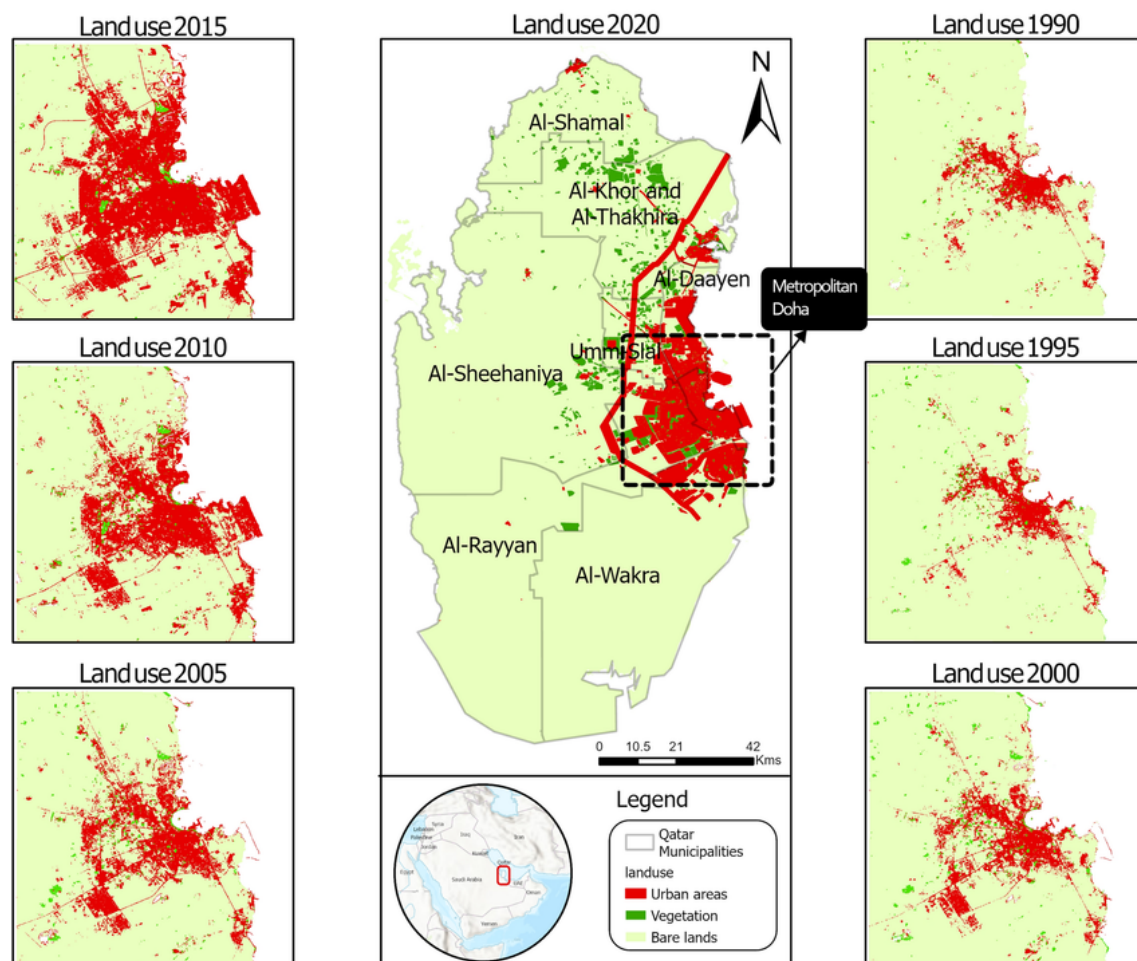


Figura 15 – Usos do solo em Doha, 1990 – 2020. (Fonte:(Ajjur & Al-Ghamdi, 2022)).

Entre os empreendimentos mais emblemáticos da primeira fase destacou-se o Doha Corniche, uma *promenade* semicircular construída sobre terrenos de aterro e concebida como a montra do país. Ao longo desta frente cívica, implantaram-se edifícios institucionais e, no extremo norte, o hotel e centro de conferências inaugurado em 1982, que simbolizou o gesto de modernidade e a afirmação da imagem nacional (Abbas, 2021).



Figura 16 – Corniche. (Fonte: (A. M. Salama & Khalfani, 2016)).

É neste mesmo contexto que surgem os primeiros espaços verdes planeados. A área histórica de Al Bidda/Al Rumaila foi gradualmente convertida em parque urbano ao longo da segunda metade do século XX. Enquanto estudos ligados ao projeto Origins of Doha referem a demolição do tecido antigo e a transformação da área já nos anos 1960, outras fontes situam a formalização do parque moderno nos anos 1990 (Furlan & Petruccioli, 2016), culminando numa grande requalificação e reabertura em 2018 (ElGahani & Furlan, 2018). Mais do que a cronologia exata, importa sublinhar o marco cultural: a passagem de *souqs* e mesquitas como principais palcos de convivência para os parques urbanos enquanto novas infraestruturas de lazer da cidade moderna.

2.5.1. Al Bidda Park: um marco nos espaços públicos do Catar

No coração de Doha, junto à baía histórica da cidade, encontra-se o Al Bidda Park, o maior espaço verde urbano da capital e um dos projetos mais emblemáticos da transformação recente do Catar. Com uma área total de cerca de 1.745.000 metros quadrados, o parque foi concebido não apenas como espaço de lazer, mas como uma infraestrutura urbana estruturante, planeada para acompanhar o crescimento da capital e refletir a identidade cultural do país (KEO/InSite, 2018).



Figura 17 – Localização do Al Bidda Park em Doha, Catar. (Fonte: Autor).



Figura 18 – Plano geral do Al Bidda Park, Doha, Catar. (Fonte: © Al Bidda Park 2025).

O parque resulta da transformação da área anteriormente ocupada, desde os anos 1990, pelo Rumaila Park, um dos primeiros parques urbanos de Doha. Contudo, com o rápido crescimento de Doha, esse espaço tornou-se desajustado face às novas necessidades da população e da ambição do Catar em se afirmar internacionalmente. Assim, em 2014 o parque foi encerrado para uma requalificação total. O processo foi conduzido pela KEO International Consultants, em associação com a InSite, e foram responsáveis pelo plano diretor, projeto de arquitetura paisagista, desenho do espaço público, engenharia de infraestruturas e supervisão integral da obra, até à entrega em 2018 (KEO/InSite, 2018).

As motivações que estiveram na base do projeto são identificáveis desde o relatório de projeto concetual de 2015. Nesse documento, sublinhava-se a necessidade de criar um parque multifuncional, que respondesse ao quotidiano dos residentes e ao mesmo tempo servisse de palco para eventos de grande escala, como o Dia Nacional do Qatar, o Dia Nacional do Desporto e, posteriormente, as zonas de adeptos do mundial de 2022 (KEO/InSite, 2015; Qatar Tribune, 2017). Essa intenção é retomada no documento de 2018, que assinala a conclusão do projeto, onde se reforça que o parque foi desenhado para ser o maior espaço verde contínuo no centro de Doha, planeado para evoluir em paralelo com a expansão urbana (KEO/InSite, 2018).

O desenho foi orientado por quatro pilares fundamentais, definidos desde a fase conceptual e que se materializaram no resultado: Natureza, Cultura, História e Função.

No que respeita à natureza, o projeto procurou introduzir uma vasta mancha verde central, capaz de melhorar o microclima urbano e oferecer contacto direto com a vegetação num território de clima árido. O relatório de 2015 já previa a coexistência de áreas luxuriantes e zonas concebidas para reduzir o consumo de água através de espécies resistentes à seca (KEO/InSite, 2015). No resultado, o parque inclui mais de 1.766 árvores, cerca de 514.000 metros quadrados de relvados e 274.500 metros quadrados de áreas plantadas, assegurando diversidade de cores, formas e odores ao longo do ano e promovendo a biodiversidade local (KEO/InSite, 2018; Qatar Tribune, 2017; Al Bidda Park, sd).

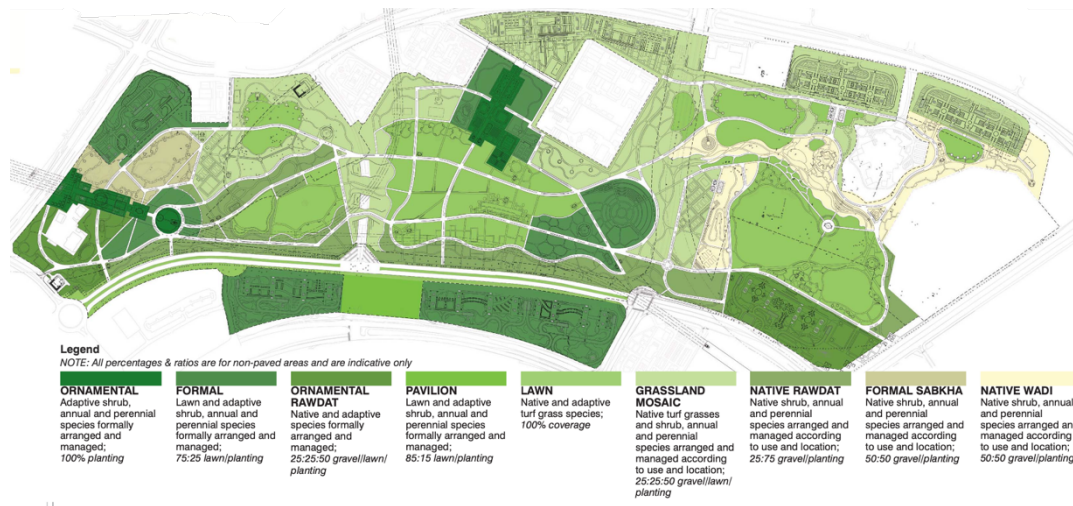


Figura 19 - Plano de Caracterização das Áreas de Plantação. (Fonte: KEO Consulting).

No domínio da cultura, a ambição era criar um espaço de encontro comunitário e palco para manifestações artísticas e festas de grande escala (KEO/InSite, 2015). Na concretização final, este objetivo materializou-se num teatro ao ar livre com 850 lugares, complementado por áreas abertas destinadas a festivais e feiras (KEO/InSite, 2018; Al Bidda Park, sd). Atualmente, o parque é regularmente utilizado em celebrações nacionais, reforçando a sua relevância cultural (Qatar Tribune, 2017).

Do ponto de vista da história, o projeto reconheceu a importância simbólica do território ocupado pelo parque, situado junto à Corniche e associado à memória coletiva da cidade. O documento de 2015 destacava a necessidade de preservar essa herança através da reinterpretação do antigo Rumaila Park (KEO/InSite, 2015). Esta orientação traduziu-se, no projeto concluído, na integração de percursos históricos e na inclusão de uma mesquita e de salas de oração, que mantêm vivas práticas sociais e religiosas centrais no quotidiano do Catar (Al Bidda Park, sd).

Quanto à função, o foco foi colocado na utilidade quotidiana do parque, conciliando lazer, desporto, inclusão e acessibilidade. O relatório conceptual já previa múltiplas infraestruturas para recreio e desporto (KEO/InSite, 2015). A versão final concretizou esta visão com oito áreas de recreio infantil, seis zonas de exercício exterior, ginásios de grande escala, courts de ténis, basquetebol e voleibol, bem como zonas de piquenique e churrascos (KEO/InSite, 2018). A funcionalidade do parque foi reforçada ainda pela criação de áreas infantis adaptadas a crianças com mobilidade reduzida, pela disponibilização de carrinhos elétricos gratuitos e pela presença de um ginásio exclusivo para mulheres (FORFIT ladies) (Al Bidda Park, sd). A inovação social destacou-se

também com a abertura do primeiro parque *pet-friendly* do Catar, através do L'Arche Dog Park, com áreas dedicadas a cães de vários portes (Al Bidda Park).

O impacto do Al Bidda Park ultrapassa a dimensão física e programática. Socialmente, tornou-se um espaço de encontro intergeracional e multicultural, que democratizou o acesso ao lazer urbano. Culturalmente, consolidou-se como palco privilegiado para eventos nacionais e internacionais, reforçando a identidade do Catar e a coesão comunitária (Gulf Times, 2022). Ambientalmente, funciona como pulmão verde central, contribuindo para a melhoria do microclima urbano e para a sustentabilidade ecológica da cidade (Qatar Tribune, 2017). Do ponto de vista económico e turístico, a sua utilização em celebrações nacionais e como espaço de acolhimento de multidões durante o Mundial de 2022 ilustra a sua relevância estratégica na promoção da imagem internacional do país (Gulf Times, 2022).

Assim, o Al Bidda Park não é apenas um espaço verde, mas uma infraestrutura urbana multifuncional, que marca uma viragem na forma como o Catar concebe os seus espaços públicos. Ao conjugar funções sociais, culturais, económicas e ecológicas, este parque tornou-se símbolo de uma nova visão para a cidade de Doha, projetando simultaneamente a identidade nacional e a ambição global do país.

2.6. Demografia singular e pluralidade de práticas urbanas

Neste sub-capítulo utilizam-se três categorias de referência: nacionais catarenses, para designar a população cidadã; expatriados qualificados, para estrangeiros de rendimento médio e alto em profissões especializadas; e trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento, para estrangeiros empregados em setores manuais e de serviços com contratos temporários. Esta opção terminológica procura refletir a diferenciação efetiva existente na literatura académica e nas políticas urbanas do Catar, de forma a distinguir diversos perfis socioeconómicos e culturais presentes no país.

2.6.1. Introdução

A singularidade urbana do Catar não pode ser compreendida sem atender à sua composição demográfica. Ao contrário da maioria dos países, a população nacional constitui uma minoria no seu próprio território. Em meados de 2022, apenas cerca de 12% da população era composta por cidadãos catarenses, enquanto os restantes 88% correspondiam a não nacionais, maioritariamente trabalhadores estrangeiros temporários ((Gulf Research Center, Sd). Este quadro populacional, altamente atípico, não resulta apenas da rápida modernização económica e urbana do país desde a década de 1970, mas também da dependência estrutural de mão-de-obra estrangeira.

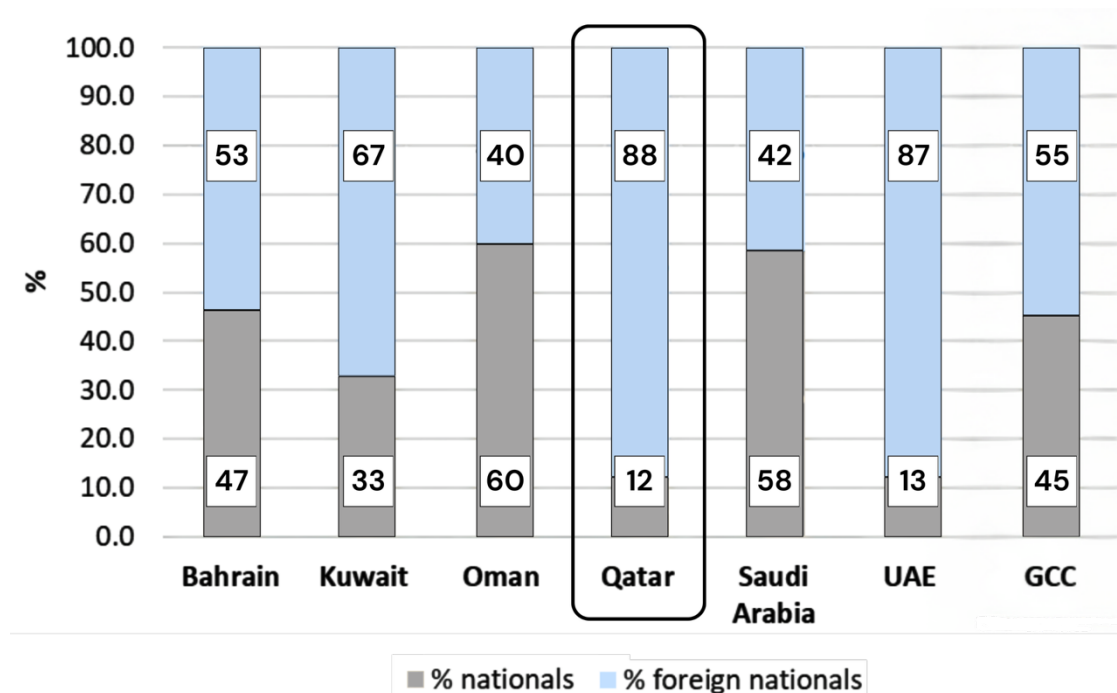


Figura 20 - Percentagem de nacionais e não nacionais por país, do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC). (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).

Este desequilíbrio cria condições singulares para a vida urbana, uma vez que diferentes grupos sociais, tais como nacionais, expatriados qualificados e trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento, vivem no mesmo território, mas em condições distintas e com práticas espaciais frequentemente fragmentadas. Compreender esta demografia singular é, portanto, essencial para analisar a pluralidade de usos e apropriações da cidade de Doha, em particular dos seus espaços públicos.

2.6.2. Estrutura demográfica

O Catar contava com uma população estimada em cerca de 2,7 a 2,9 milhões de habitantes em 2024 ((Stiftung, 2024)), tendo atingido estimadamente os 3,1 milhões em 2025. A urbanização é praticamente total, com 99,3% da população residente em áreas urbanas (The World Bank Group, 2025), fazendo de Doha o centro quase exclusivo da vida social e económica do país.

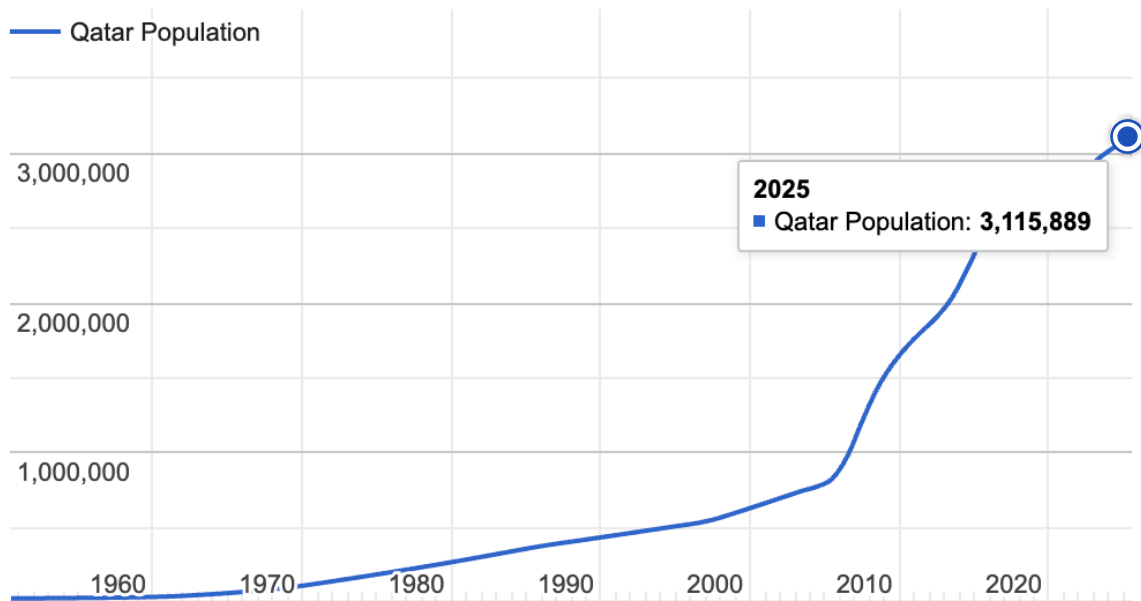


Figura 21 - Evolução da população do Catar, 1960 – 2025. (Fonte: Worldometers.info)

O contraste entre nacionais e não nacionais é acompanhado por fortes assimetrias de género. Entre os estrangeiros, sobretudo trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento, predominam homens em idade ativa. Em 2015, havia mais de 700 homens por cada 100 mulheres entre a população estrangeira empregada, enquanto entre os nacionais a proporção se aproximava da paridade (Gulf Research Center, sd). O resultado é uma sociedade profundamente masculinizada, em que determinados espaços urbanos e residenciais são dominados por populações exclusivamente masculinas.

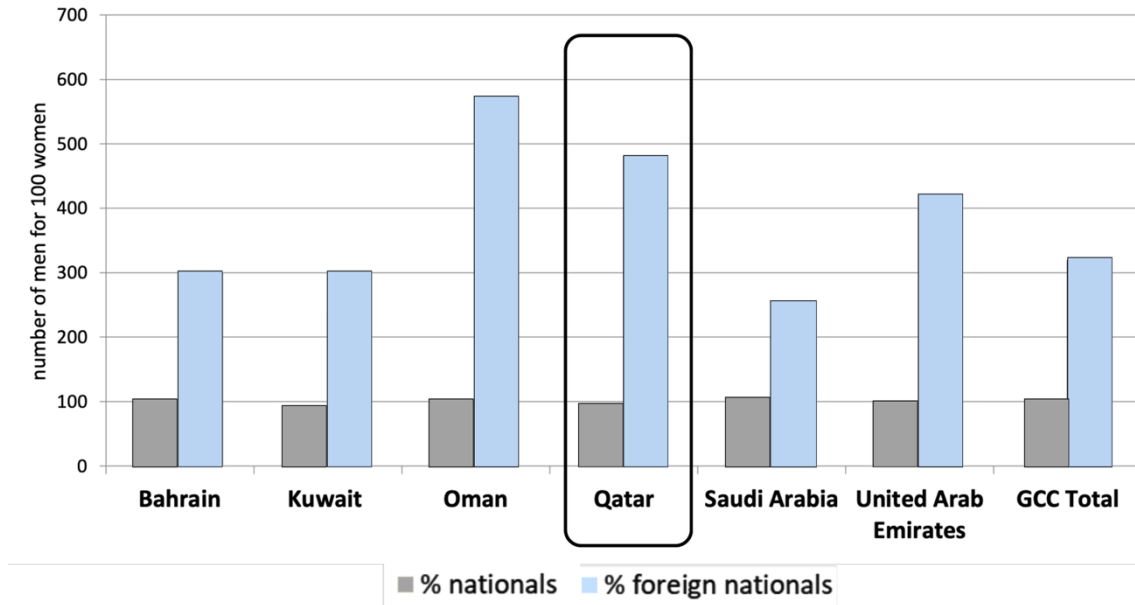


Figura 22 – Número de homens por cem mulheres nas populações nacionais e estrangeiras do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) 2010-2016. (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).

A análise etária confirma a especificidade desta estrutura. Os não nacionais concentram-se quase totalmente nas faixas etárias ativas (15–64 anos), representando mais de 90% da população nesse grupo (Gulf Research Center, Sd). Em contrapartida, entre crianças e idosos, a presença de nacionais é proporcionalmente mais significativa, reforçando o papel das famílias catarenses na preservação de tradições e estruturas sociais em contraste com a população temporária.

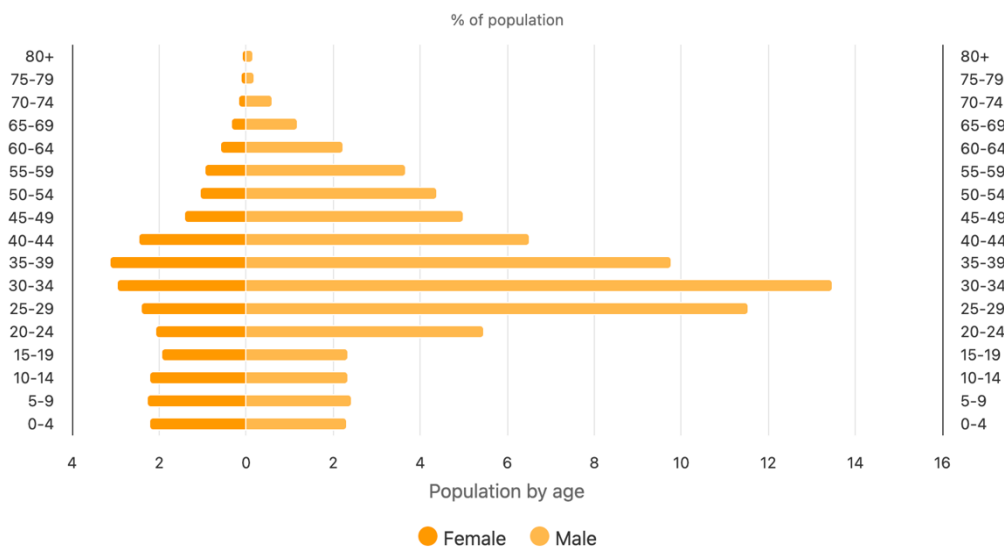


Figura 23 -Distribuição da população do Qatar por idade, 2025. (Fonte: Worldometers.info)

2.6.3. Migração e trabalho

A economia do Catar assenta estruturalmente no trabalho estrangeiro. Em 2020, cerca de 95% da força de trabalho era composta por não nacionais ((A. M. A. . Salama & Wiedmann, 2016; Wiedmann et al., 2012). Esta presença não é homogénea: inclui tanto profissionais altamente qualificados, oriundos sobretudo da Europa, América do Norte e alguns países árabes, como trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento recrutados principalmente do Sul e Sudeste Asiático ((Fromherz, 2012); Babar, 2017).

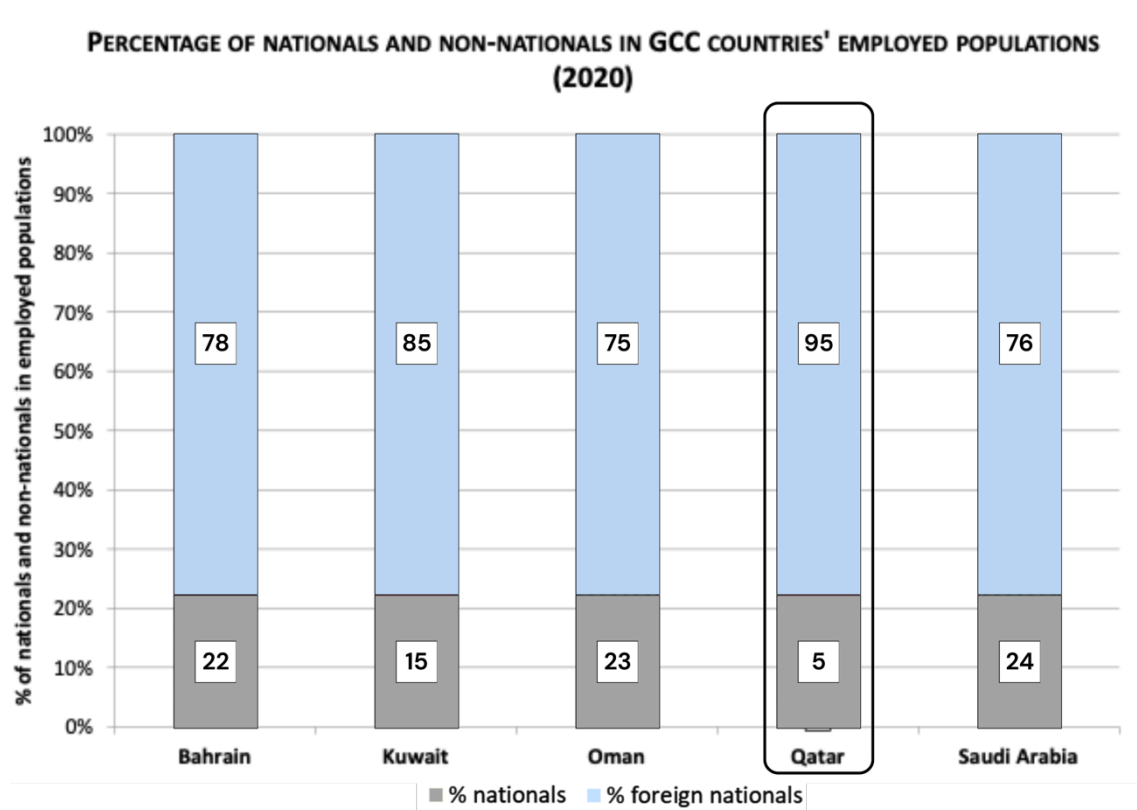


Figura 24 - Percentagem de nacionais e não nacionais por país, do Conselho de Cooperação do Golfo, População empregada, 2020 (GCC). (Fonte: Adaptado de (Gulf Research Center, Sd)).

As condições de vida e de trabalho divergem de forma acentuada entre estes grupos. Enquanto os profissionais qualificados dispõem de maior acesso a habitação moderna e serviços urbanos, uma parte significativa dos trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento enfrenta condições precárias de alojamento coletivo, frequentemente em áreas periféricas e com recursos limitados (Stiftung, 2024). Estas desigualdades sociais e económicas têm impacto direto na forma como os diferentes grupos experienciam a cidade e os seus espaços de lazer.

2.6.4. Distribuição urbana

A distribuição espacial da população no território reflete as desigualdades sociais e económicas que marcam o Catar. Com uma taxa de urbanização superior a 99%, Doha concentra praticamente toda a população do país (The World Bank Group, sd).

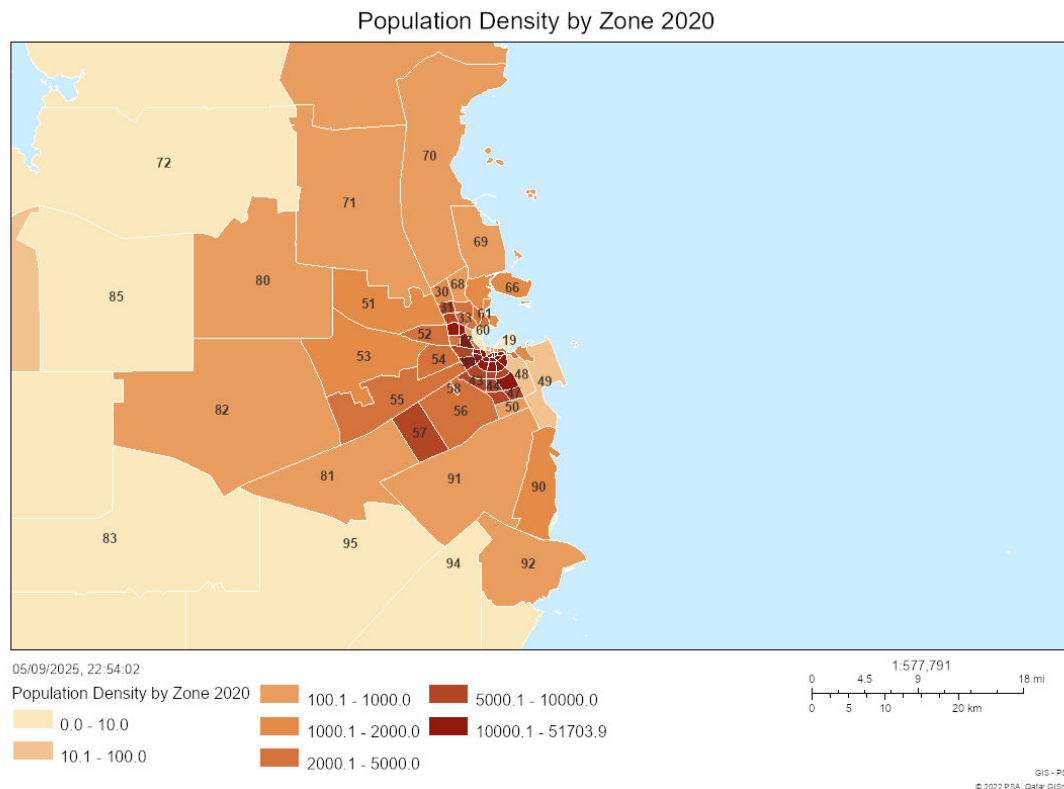


Figura 25 – Densidade populacional por zona em Doha, Catar, 2020. (Fonte: (The World Bank Group, 2025))

Os nacionais catarenses residem sobretudo em bairros suburbanos e residenciais consolidados, em moradias unifamiliares (vilas) inseridas em lotes espaçosos e murados, que asseguram privacidade e preservam redes familiares. Entre os exemplos mais referidos contam-se Madinat Khalifa, Al Markhiya e áreas suburbanas em expansão como Al Rayyan, Umm Salal e Al Wakra, que acolhem muitas famílias devido à disponibilidade de terrenos e à possibilidade de construir casas maiores (A. M. A. . Salama & Wiedmann, 2016; Wiedmann et al., 2012). Este padrão contrasta com o de outros grupos, pois evidencia uma geografia residencial fortemente ligada à identidade nacional e ao valor cultural atribuído à habitação familiar.

Em contraste, os expatriados de médio e alto rendimento ocupam áreas como West Bay e The Pearl-Catar, concebidas como enclaves modernos, associados a serviços de luxo, ao setor financeiro e ao turismo internacional (A. M. A. . Salama & Wiedmann, 2016). Já os trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento vivem sobretudo em bairros mais

antigos e densificados, como Najma, Old Airport, Al Mansoura e Al Hilal, onde a habitação é mais acessível (Fromherz, 2012; Wiedmann et al., 2012). Nos extremos da segregação espacial encontram-se os campos de trabalho ou *labour camps*, localizados na área industrial, que concentram largas comunidades de trabalhadores em condições frequentemente precárias e afastadas do centro urbano (Furlan & Petruccioli, 2016).

Este padrão de ocupação traduz-se diretamente na experiência urbana quotidiana: enquanto alguns grupos dispõem de acesso diversificado a espaços de lazer e sociabilidade, outros limitam-se aos poucos espaços públicos gratuitos e centrais, tornando os parques e a Corniche lugares fundamentais de encontro e recreio para populações diversas.

2.6.5.Pluralidade de práticas urbanas

A diversidade demográfica do Catar traduz-se em práticas urbanas plurais, ainda que marcadas por divisões sociais.

Entre os nacionais (catarenses), a sociabilidade continua fortemente ancorada em espaços privados, como o *majlis*, e em clubes sociais exclusivos. No entanto, espaços públicos como a Corniche e os parques urbanos ganham centralidade em momentos de celebração nacional ou em convívios familiares, funcionando como palcos de afirmação comunitária (A. M. A. . Salama & Wiedmann, 2016)

Os expatriados de rendimento alto, sobretudo oriundos da Europa e da América do Norte, tendem a frequentar centros comerciais, cafés e urbanizações residenciais, mas também utilizam os parques como lugares de lazer em família e de prática de corrida ou ciclismo (A. M. Salama & Khalfani, 2016).

Já os trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento, que constituem a maioria da população, encontram nos espaços públicos gratuitos, como os parques, a Corniche e as praias públicas, que representam os principais lugares de lazer e convivência. Estes espaços são particularmente frequentados às sextas-feiras, dia de descanso semanal, quando grandes grupos de trabalhadores estrangeiros se reúnem em busca de sociabilidade, desporto e convívio (Fromherz, 2012).

Para as mulheres, os espaços públicos apresentam-se como ambientes relativamente inclusivos, ainda que permeados por restrições culturais. Projetos recentes de parques urbanos incluem áreas de recreio adaptadas, ginásios femininos e espaços destinados

ao lazer familiar, criando alternativas às limitações existentes em contextos mais privados (Al-Azri, 2012; AL-Mohannadi et al., 2023).

Finalmente, a juventude apropria-se intensamente da cidade no período noturno, adaptando-se às condições climáticas áridas. Parques e a Corniche tornam-se lugares de encontro, de prática desportiva e de sociabilidade intercultural, ainda que muitas vezes dentro dos limites definidos pela segmentação social e cultural.

Assim, a cidade contemporânea de Doha revela-se simultaneamente partilhada e fragmentada: se, por um lado, os espaços públicos permitem o convívio entre diferentes grupos, por outro, a coexistência nem sempre se traduz em integração efetiva.

2.6.6.Síntese

A demografia singular do Catar, marcada por uma minoria nacional, uma maioria de trabalhadores estrangeiros temporários, fortes desequilíbrios de género e uma urbanização quase absoluta, molda de forma decisiva as práticas urbanas da sua população. A análise das condições de residência, trabalho e sociabilidade mostra que, embora diferentes grupos partilhem a cidade, os seus quotidianos são profundamente diferenciados.

Neste quadro, parques urbanos, a Corniche e outros espaços abertos surgem como infraestruturas essenciais que não apenas oferecem lazer e recreio, mas também funcionam como lugares de contacto entre comunidades diversas. No entanto, esses encontros são muitas vezes atravessados por desigualdades sociais, económicas e culturais, o que torna a pluralidade de práticas urbanas em Doha um reflexo direto da composição demográfica única do país.

2.7. Planeamento recente: visão nacional e diretrizes para espaço público

Nas últimas décadas, o crescimento urbano acelerado de Doha, aliado ao aumento populacional exponencial e à forte dependência do automóvel como principal meio de transporte, trouxe consigo desafios sociais, ambientais e territoriais. Entre os mais relevantes destacam-se a fragmentação da paisagem urbana, o congestionamento do tráfego e a perda de padrões tradicionais de coesão comunitária (Furlan & Sinclair, 2021). Perante estas condições, o Estado do Catar decidiu adotar instrumentos de planeamento estratégico que orientassem o desenvolvimento de forma equilibrada e sustentável.

Foi neste quadro que, em 2008, se criou a Visão Nacional do Catar 2030⁴ (QNV 2030), concebida como guia estratégico de longo prazo, assente em quatro pilares fundamentais (humano, social, económico e ambiental), com o objetivo de conciliar modernização e identidade cultural num horizonte de sustentabilidade (General Secretariat For Development Planning, 2008).

Para operacionalizar essa visão no plano territorial, foi desenvolvido o Plano Nacional de Ordenamento do Catar⁵ (QNMP), publicado em 2014 e consolidado até 2017, que estabeleceu as bases do ordenamento urbano e da gestão do solo a nível nacional e municipal. O QNMP representa a tradução prática da QNV 2030, transformando objetivos estratégicos em orientações espaciais concretas para o crescimento da cidade e a estruturação das suas infraestruturas. Entre os documentos setoriais do QNMP destacam-se as Diretrizes para Espaços Abertos, Recreação e Instalações Desportivas⁶ (2017) (Open Space Guidelines), que pela primeira vez enquadraram formalmente o papel dos parques e espaços abertos na política urbana do país. Estas diretrizes reconhecem parques, praças e avenidas arborizadas como infraestruturas essenciais para a qualidade de vida e para “harmonizar a natureza e o homem”, institucionalizando a relevância do verde urbano num território de condições ambientais áridas.

Ainda que esta dissertação não se debruce sobre as normativas oficiais em detalhe, importa destacar que a expansão de parques e passeios no Catar não se limita a objetivos estéticos ou de representação internacional. Existe um discurso de política pública que legitima e orienta esse investimento, em articulação com fatores culturais, limitações climáticas e a diversidade da população utilizadora.

⁴ Qatar National Vision 2030, título oficial em inglês

⁵ Qatar National Master Plan, título oficial em inglês.

⁶ Open Space, Recreation and Sport Facilities Development Guidelines, título oficial em inglês.

2.8. Conclusão: por que esta história importa para os dados

A trajetória urbana do Catar não é apenas uma sucessão de acontecimentos históricos, mas sim um processo que moldou profundamente a forma como a sociedade se organiza e utiliza o espaço público. A linha cronológica apresentada não tem apenas uma função ilustrativa, esta sintetiza a sequência e o ritmo acelerado das transformações territoriais, sociais e económicas que marcaram o país, condensando em imagem os processos analisados ao longo do capítulo.

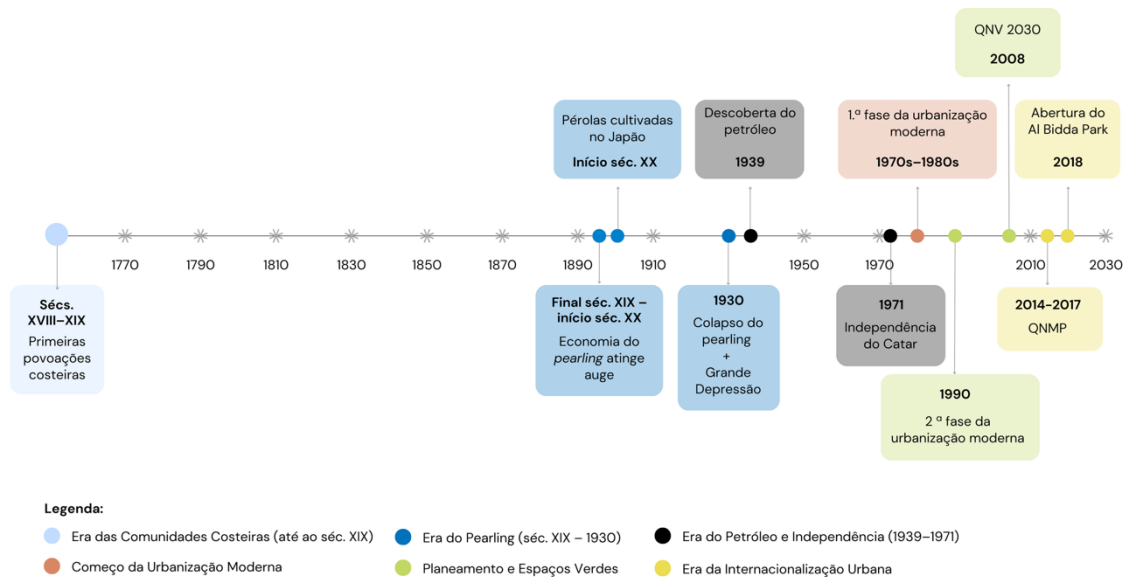


Figura 26 – Linha cronológica do Catar, de meados do séc. XVII à atualidade. (Fonte: Autor)

Mais do que um enquadramento de fundo, este percurso histórico fornece as chaves interpretativas necessárias para compreender o presente. Questões centrais desta dissertação, como a pluralidade de práticas urbanas, a procura por espaços verdes e as diferentes formas de sociabilidade, só podem ser analisadas de forma consistente quando entendidas à luz da herança histórica e territorial que moldou Doha.

Assim, o percurso apresentado neste capítulo não é apenas uma contextualização histórica, uma vez que constitui um quadro interpretativo que permitirá, nos capítulos seguintes, analisar de forma fundamentada os dados empíricos recolhidos através dos questionários.

3. Estado da arte

A revisão de literatura tem como finalidade situar a presente investigação no quadro do debate académico sobre parques urbanos em contextos áridos e no Médio Oriente, com destaque para o Catar.

O objetivo desta revisão não é apenas descrever estudos anteriores, mas sim identificar consensos estabelecidos, reconhecer contributos relevantes e evidenciar lacunas por preencher. Para tal, a seleção bibliográfica seguiu um critério em três níveis: referências internacionais, que permitem situar consensos globais, seguidas de estudos do Golfo Pérsico, que fornecem o enquadramento regional e por último, trabalhos sobre o Catar, que ancoram a análise no contexto local.

Desta forma, esta revisão permite esclarecer até que ponto o conhecimento existente responde às questões de investigação formuladas e em que aspetos a presente dissertação acrescenta valor. Para esse efeito, o capítulo organiza-se em quatro secções: a primeira aborda a relação entre parques urbanos e condições de clima árido, a segunda analisa as funções sociais e culturais dos parques em contextos multiculturais, a terceira discute as barreiras e percepções de uso em Doha e a quarta sintetiza as lacunas identificadas, preparando o terreno para a investigação empírica.

3.1. Parques urbanos em climas áridos: adaptação e conforto

A literatura internacional reconhece de forma consistente que os parques urbanos são infraestruturas críticas de saúde pública e bem-estar, associados à redução de morbilidade, melhoria de saúde mental e promoção de atividade física. Estes benefícios estão amplamente documentados por revisões sistemáticas e relatórios de referência, que sublinham também a importância do acesso e da qualidade do verde urbano (Kabisch et al., 2016; Peters et al., 2010; WHO, 2016).

Contudo, em climas áridos e quentes, a efetiva habitabilidade destes espaços depende da resposta ao *stress* térmico e à humidade costeira, o que condiciona fortemente os horários e a intensidade de uso. Estudos aplicados a Doha e a outras cidades do Golfo Pérsico mostram que, no período estival, os índices bio meteorológicos de desconforto atingem classes elevadas, corroborando a necessidade de estratégias de mitigação no desenho dos parques (Patel, Indraganti, & Jawarneh, 2024). Em Doha, análises recentes com séries temporais longas evidenciam agravamento do desconforto durante o verão. Um estudo comparativo de Patel et al. (2024) entre os verões de 2002-2003, 2013 e 2022 mostra aumento dos índices de *stress* térmico no espaço público, assim como Lucio e Gomes (2023) que analisam as condições térmicas exteriores no contexto

climático do Mundial de 2022, confirmando padrões sazonais pronunciados de desconforto térmico.

A medição e comparação do conforto térmico exterior têm sido feitas com vários índices validados internacionalmente, entre os quais o DI, WBGT, o Temperatura Fisiológica Equivalente (PET) e o Índice Universal de Clima Térmico (UTCI), que integram, com graus de complexidade distintos, variáveis como temperatura do ar, radiação, vento e humidade (Shashua-Bar et al., 2011). Em Doha, a aplicação do índice de Temperatura Aproximada do Globo do Bulbo Húmido (AWBGT) demonstrou a passagem, nas últimas décadas, de condições de conforto moderado para *stress* térmico extremo no verão (Patel et al., 2024). Relativamente aos Emirados Árabes Unidos, estudos que aplicam DI e UTCI em espaços abertos confirmam padrões semelhantes de desconforto e ajudam a calibrar medidas de projeto. Mais do que dados técnicos, estes instrumentos funcionam como ponte entre medições físicas e percepções dos utilizadores, constituindo uma base para decisões de desenho.

A literatura de clima-urbano e arquitetura paisagista em climas áridos converge em soluções de desenho que reduzem a carga térmica e ampliam a janela de habitabilidade: sombreamento contínuo ao nível do utilizador, geometrias que promovem ventilação sem aumento de poeiras, materialidades de alto albedo ⁷ e baixa inércia térmica, água como moderador microclimático e vegetação adaptada à seca (Ferwati et al., 2019; Santamouris, 2014; Shashua-Bar et al., 2011). Enquanto alguns autores enfatizam o papel da sombra contínua como condição mínima, outros demonstram que vegetação densa ou elementos de água podem ter efeitos igualmente relevantes. Contudo, em climas áridos como o do Catar, estas soluções enfrentam limites claros: a vegetação abundante implica elevado consumo hídrico e custos de manutenção, e os elementos de água exigem gestão cuidadosa num contexto de escassez. Estes constrangimentos reforçam a necessidade de soluções integradas, em vez de respostas isoladas.

Comparações com outras cidades áridas da região reforçam a generalização dos padrões: em Riade, a presença e a configuração de vegetação têm impacto mensurável no UTCI (Binabid & Anteet, 2024); Em Abu Dhabi e Al Ain, intervenções morfológicas e de materiais mostram potencial para reduzir o sobreaquecimento ao nível do utilizador (Bande et al., 2021). Estes resultados alinham-se com a evidência global sobre parques como mitigadores da ilha de calor urbana, mas sublinham que, no Golfo

⁷ O albedo designa a fração da luz refletida por uma superfície. Quando elevado, a superfície reflete maior parte da radiação solar e absorve menos calor, o que contribui para reduzir as temperaturas superficiais e atenuar o aquecimento local. (Santamouris, 2014).

Pérsico, a eficácia depende de soluções robustas de sombreamento e de gestão hídrica adaptada.

Em síntese, a literatura indica que, em climas áridos como o do Catar, a mera existência de parques não garante o seu uso: é a adaptação climática que torna possível a sua função social. Para a presente dissertação, isto significa que a análise dos padrões de uso e dos horários de visita deve ser lida à luz das condições bio meteorológicas locais e das estratégias de desenho adotadas, articulando dados objetivos (índices de conforto) com a percepção dos utilizadores.

3.2. Funções sociais e culturais dos parques em contextos multiculturais

Os parques urbanos não são apenas espaços de recreio físico ou contacto com a natureza, mas desempenham também um papel social e cultural de primeira ordem. A literatura internacional tem demonstrado que, enquanto em muitos contextos ocidentais estes espaços estão associados a práticas individuais, como a corrida, a leitura ou o passeio de animais de companhia, em sociedades árabes e do Golfo a ênfase recai em atividades coletivas e familiares (Peters et al., 2010). Estudos etnográficos descrevem como os parques e espaços públicos funcionam como arenas de convivência comunitária, privilegiando piqueniques, jogos infantis, encontros intergeracionais e até celebrações religiosas informais, refletindo valores culturais de partilha e de centralidade da família (Addas & Rishbeth, 2018; Alabdullah, 2020)

No Catar, estas funções sociais assumem um relevo particular devido à composição demográfica singular do país, em que cerca de 85 a 90% da população é composta por não nacionais (Gulf Research Center, sd). Esta diversidade transforma os parques em lugares de encontro multicultural, onde diferentes hábitos de lazer coexistem. Estudos como o de Furlan e Sinclair (2021) sobre o MIA Park revelam que os residentes de Doha atribuem a estes espaços um valor que vai além do recreio: tratam-nos como locais de convívio e de expressão identitária, fundamentais para a vida comunitária. Do mesmo modo, Khalida (2022) ,ao mapear a equidade do acesso aos parques de Greater Doha e Al-Daayen, demonstrou que, apesar da sua importância social, estes espaços nem sempre estão igualmente disponíveis para todos os grupos, sobretudo para trabalhadores migrantes de baixo rendimento, que enfrentam barreiras de proximidade e acessibilidade.

Esta heterogeneidade cultural traduz-se em exigências programáticas distintas (ex.: áreas de piquenique e churrasco para uso familiar vs. pistas contínuas de corrida), e em

requisições operacionais (iluminação noturna eficaz, sanitários suficientes e limpos, espaços de oração), sob pena de certos grupos se verem excluídos de usos preferidos.

Assim, embora a literatura reconheça a centralidade dos parques urbanos no reforço da coesão social e no acolhimento de comunidades multiculturais, falta ainda compreender de forma sistemática como estas diferenças culturais e de género se traduzem em práticas concretas de uso. É precisamente neste vazio que a presente investigação se insere: ao recolher dados empíricos junto de utilizadores de diferentes origens e ao observar a sua interação nos espaços públicos de Doha, procura documentar de que modo o parque se afirma como arena multicultural e quais os desafios que essa diversidade coloca ao desenho urbano.

3.3. Barreiras e percepções de uso dos parques em Doha

Apesar do investimento crescente em parques urbanos no Catar, a sua frequência e apropriação estão longe de ser uniformes. A literatura evidencia que, para além do condicionamento climático, existem barreiras sociais, culturais e espaciais que influenciam a forma como estes espaços são vividos.

Um primeiro grupo de barreiras relaciona-se com o género e a cultura. Alguns estudos referem distinções de género, mostrando que mulheres e homens podem ter padrões distintos de apropriação do espaço, influenciados por normas sociais e pela presença ou ausência de equipamentos adequados (Al-Azri, 2012; AL-Mohannadi et al., 2023; Al-Mohannadi & Furlan, 2022). Para além disso, o horário de utilização interliga-se com a percepção de segurança: a noite, mais fresca e preferida para atividades no Golfo, pode simultaneamente constituir um momento de maior vulnerabilidade para mulheres, o que pode condicionar os seus usos e padrões de permanência. (Ahmad et al., 2025; Dubey et al., 2024; Kaplan & Chalfin, 2021).

Em Doha, tem-se procurado responder a esta questão com iniciativas como a criação de ginásios femininos em parques ou zonas de recreio adaptadas, mas a literatura assinala que a segregação implícita ainda condiciona a apropriação plena por parte das mulheres (Wiedmann et al., 2012). Outros grupos sociais, como os trabalhadores migrantes de baixo rendimento, enfrentam também barreiras específicas, muitas vezes relacionadas com horários de trabalho e distância às zonas centrais. (Mohamed, 2024)

Um segundo grupo refere-se às barreiras espaciais e de acessibilidade. A dependência estrutural do automóvel no Catar dificulta o acesso equitativo aos parques, sobretudo para trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento, que vivem frequentemente em

zonas periféricas com fraca cobertura de transportes públicos (Nafi et al., 2021; Rasheed, 2021)

Para além da distância e do transporte, a disponibilidade de tempo condiciona o acesso, em especial entre trabalhadores migrantes com horários extensos, gerando picos de uso à sexta-feira (dia de descanso). (Khalida, 2022), demonstrou empiricamente que a distribuição espacial dos parques em Doha não assegura igual proximidade para todos os residentes, revelando assimetrias que se refletem diretamente na frequência.

A estas condições juntam-se as barreiras ambientais: calor extremo, humidade elevada e tempestades de poeira reduzem drasticamente o tempo de uso efetivo, sobretudo durante o dia e nos meses de verão. Ainda que a “cultura da noite” descrita por (A. M. Salama et al., atenue parcialmente este problema, os parques permanecem sujeitos a restrições temporais significativas, que afetam de modo desigual diferentes grupos da população.

Por fim, é importante sublinhar as barreiras institucionais e percecionais. Documentos estratégicos como a Visão Nacional do Qatar 2030 e o Plano Diretor Nacional do Qatar (General Secretariat For Development Planning, 2008), reconhecem formalmente a relevância dos espaços públicos, chegando a publicar diretrizes específicas para espaços abertos em 2017. No entanto, estes instrumentos refletem uma perspetiva eminentemente *top-down*⁸, focada em objetivos de planeamento, sem integrar de forma sistemática a experiência subjetiva dos utilizadores. As diretrizes nacionais carecem de monitorização pós-ocupação sistemática, o que deixa por avaliar em que medida os parques planeados respondem aos padrões reais de uso e às percepções dos utilizadores. Autores como A. M. Salama e Azzali, assinalam que a produção académica sobre Doha tem privilegiado a escala institucional e arquitetónica, negligenciando a percepção quotidiana dos cidadãos (A. M. Salama & Azzali, 2015).

Assim, a literatura confirma a existência de múltiplas barreiras, entre elas de género, de acessibilidade, ambientais e institucionais, que moldam o uso dos parques urbanos em Doha. Contudo, permanece por aprofundar como estas barreiras são experienciadas e percecionadas pelos diferentes grupos da população.

⁸ termo usado para designar abordagens planeadas e implementadas, definidas por instituições ou autoridades sem integração sistemática da experiência dos utilizadores finais.

3.4. Síntese e lacunas identificadas

A literatura sobre parques urbanos em contextos áridos e no Golfo apresenta consensos claros, mas também limitações evidentes. Do ponto de vista climático, está bem documentado que o calor extremo, a humidade elevada e as tempestades de poeira constituem barreiras centrais ao uso dos parques, transferindo a vida pública para o inverno e para o período noturno. Contudo, ainda não se sabe de forma sistemática como os utilizadores adaptam os seus horários, rotinas e práticas quotidianas a estas condições, o que corresponde diretamente à primeira questão de investigação desta dissertação.

No plano social e cultural, a investigação confirma que os parques no Médio Oriente são sobretudo espaços de convívio coletivo, com uma dimensão multicultural única, dominados por piqueniques familiares, encontros intergeracionais e práticas comunitárias, em contraste com usos mais individualizados em contextos ocidentais. No entanto, falta compreender como diferentes grupos (nacionais, expatriados qualificados e trabalhadores estrangeiros de baixo rendimento) experienciam e atribuem significado a esses espaços. A presente investigação incide apenas sobre expatriados qualificados, pelo que a experiência de cidadãos nacionais e de trabalhadores migrantes de baixo rendimento permanece fora do alcance empírico deste estudo, constituindo um campo relevante para futuras investigações.

Quanto às barreiras de uso, a literatura aponta condicionantes relevantes: género, acessibilidade física, distância residencial, transporte e perceções de segurança. Paralelamente, os documentos institucionais, como a *QNV 2030* e o *Plano Diretor Nacional do Qatar*, consagram formalmente o valor dos parques, mas de uma perspetiva *top-down*, focada em metas de planeamento. Permanece em falta a integração da voz dos utilizadores, de modo a perceber como percebem estas barreiras e como estas condicionam a apropriação real dos parques.

Em síntese, a revisão permite identificar três lacunas principais, no que diz respeito ao Catar:

- Sabe-se que o clima impõe fortes limitações, mas não como os utilizadores ajustam os seus padrões de uso.
- Reconhece-se que os parques são arenas sociais multiculturais, mas não como diferentes grupos populacionais os vivenciam na prática.
- Identificam-se barreiras ambientais, espaciais e sociais, mas não as perceções subjetivas que determinam a frequência e a apropriação efetiva.

4. Metodologia

A presente investigação desenvolveu-se durante o estágio curricular realizado em Doha, onde se aplicou trabalho de campo com enfoque empírico. O instrumento principal foi um questionário distribuído a 562 colaboradores da empresa de engenharia e arquitetura KEO Consulting, do qual se obtiveram 177 respostas, das quais 169 válidas, correspondendo a uma taxa de resposta de 31,5%. O questionário incluiu dimensões como dados demográficos, frequência e horários de uso dos parques, preferências de atividades, percepções de conforto e barreiras à utilização. Complementarmente, foi reunido um registo fotográfico de usos quotidianos em diferentes parques urbanos e espaços verdes da cidade, que funcionou como suporte qualitativo e visual da análise.

Este capítulo descreve a metodologia utilizada, apresentando o contexto em que o estudo foi desenvolvido, o método de pesquisa adotado, a população e a amostra consideradas, os instrumentos de recolha de dados, as técnicas de análise aplicadas e as principais limitações encontradas. O objetivo é garantir transparência e rigor científico, permitindo compreender de que forma os resultados foram obtidos.

4.1. Contexto do estudo empírico

Fundada em 1964, a KEO é uma das maiores empresas de consultoria multidisciplinar do Médio Oriente, com presença em países como Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Omã e Arábia Saudita, e atuação também na África e na Ásia. A empresa intervém em áreas como planeamento urbano, arquitetura, engenharia, sustentabilidade e gestão de projetos, estando envolvida em empreendimentos de grande escala, incluindo espaços públicos, parques urbanos e infraestruturas estratégicas.

A escolha desta empresa como contexto de aplicação decorreu da realização do estágio em Doha, que possibilitou o acesso direto aos colaboradores e facilitou a recolha de dados. O perfil dos participantes (profissionais qualificados, maioritariamente expatriados), com formação em áreas relacionadas com o ambiente construído, confere particular relevância à amostra, dado o conhecimento e sensibilidade destes grupos relativamente ao espaço urbano.

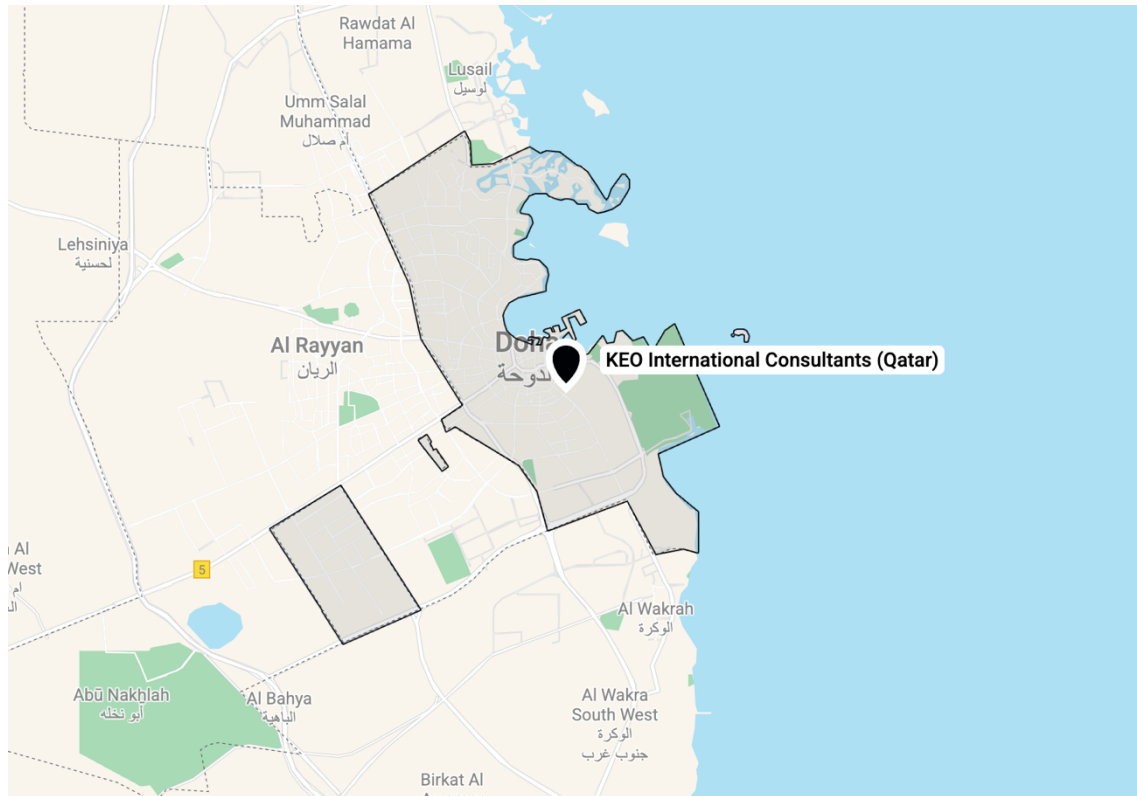


Figura 27 - Mapa da localização do escritório da KEO International Consulting em Doha, Catar. (Fonte: Autor).



Figura 28 – Logo KEO. (Fonte: © 2025 KEO)

4.2. Método de pesquisa

A presente investigação seguiu uma abordagem descritiva, procurando caracterizar os padrões de utilização dos parques urbanos em Doha e as percepções dos seus utilizadores. Para tal, combinou-se um instrumento quantitativo (questionário online de autopreenchimento (Microsoft Forms)), com técnicas qualitativas de observação direta e registo fotográfico em parques urbanos. Esta estratégia permitiu recolher informação estruturada e comparável, complementada por evidência visual e notas de campo que reforçam a leitura das práticas quotidianas.

O questionário foi estruturado em blocos temáticos e aplicado a todos os colaboradores do escritório da KEO em Doha, através do email institucional. As observações fotográficas foram posteriormente organizadas em categorias de uso e horários, apoiando a triangulação dos dados.

A análise foi conduzida com recurso a estatística descritiva em Microsoft Excel e Power BI, permitindo identificar distribuições, frequências e cruzamentos simples entre variáveis (ex.: idade × frequência de visita; género × horários de uso). As respostas abertas foram sujeitas a categorização temática, assegurando uma componente qualitativa complementar.

A Figura 29 sintetiza o método de pesquisa adotado:

Etapa	Descrição	Finalidade
Abordagem geral	Estudo descritivo, com combinação de técnicas quantitativas e qualitativas.	Garantir uma visão integrada dos padrões de uso e percepções.
Instrumento principal	Questionário online (Microsoft Forms), estruturado em blocos: dados sociodemográficos, padrões de uso, percepções e barreiras.	Recolher dados quantitativos comparáveis entre perfis de utilizadores.
Complemento qualitativo	Observação direta em parques urbanos e registo fotográfico de usos quotidianos.	Documentar práticas de forma visual e apoiar a interpretação dos resultados.
Análise de dados	Tratamento estatístico descritivo (Excel/Power BI) e categorização temática de respostas abertas.	Sistematizar tendências e triangular informação quantitativa e qualitativa.

Figura 29 - Etapas de pesquisa e finalidades. (Fonte: Autor).

4.3. População e amostra

O perfil da amostra confere particular interesse à investigação, uma vez que os participantes dispõem de conhecimento técnico e sensibilidade específica relativamente ao espaço urbano. Embora a amostra represente de forma adequada a população do escritório, não pode ser generalizada à população total de Doha. O seu alcance é exploratório, refletindo as percepções de um segmento específico da sociedade, profissionais expatriados qualificados, cuja visão é, ainda assim, relevante para compreender o uso e a apropriação dos parques urbanos no Catar.

4.4. Instrumento de recolha de dados: o questionário

O questionário foi organizado em três blocos temáticos de forma a garantir uma progressão lógica e a cobertura equilibrada das dimensões em estudo. O primeiro bloco incidiu na caracterização sociodemográfica, necessária para enquadrar os perfis dos participantes. O segundo abordou preferências e padrões de uso, permitindo relacionar a frequência, os locais e os modos de acesso com diferentes grupos sociais. Por fim, o terceiro centrou-se na percepção global dos parques, incluindo a sua suficiência e carências, de modo a captar avaliações críticas e sugestões diretas dos utilizadores. Esta estrutura permitiu articular informação objetiva, práticas de uso e percepções subjetivas, assegurando uma leitura integrada do fenómeno.

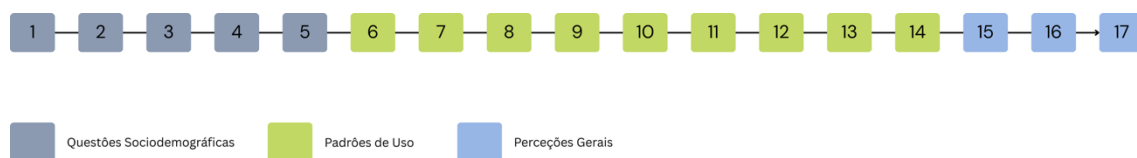


Figura 30 - Divisão das perguntas pelos blocos temáticos. (Fonte: Autor).

A elaboração do questionário procurou assegurar clareza e adequação ao contexto sociocultural. Para tal, recorreu-se a linguagem simples e evitou-se a introdução de tópicos não essenciais ao objeto do estudo. O inquérito integrou 17 perguntas principais, com subitens condicionais em função das respostas, organizadas de forma progressiva do mais geral para o mais específico. A lógica de ramificação (skip logic) foi usada de forma pontual para ajustar a formulação e a sequência de algumas perguntas consoante respostas anteriores, por exemplo, ativando apenas a questão sobre estação do ano quando alguém assinalava uso sazonal. Apesar dessas ramificações, todos os participantes responderam a núcleos comparáveis de conteúdo, o que assegurou consistência analítica.

Para a construção do questionário foram adotados diferentes formatos de resposta, escolhidos de acordo com a natureza de cada dimensão que se pretendia analisar. As perguntas de escolha única foram utilizadas sempre que era necessário obter uma opção exclusiva, como no caso da frequência de visita aos parques ou do modo principal de deslocação. Já as perguntas de múltipla escolha foram introduzidas em situações em que interessava captar a diversidade de práticas e preferências, permitindo que os participantes assinalassem, por exemplo, várias atividades realizadas durante a visita a um parque.

Por fim, recorreu-se a perguntas de resposta aberta, destinadas a recolher contributos mais livres e detalhados, sobretudo no que respeita a comentários adicionais ou à identificação de barreiras e necessidades que não estavam contempladas nas opções predefinidas.

Esta combinação de formatos tornou possível equilibrar a comparabilidade estatística das respostas com a riqueza qualitativa das percepções individuais, assegurando uma visão mais completa do fenómeno estudado.

A versão integral original do questionário encontra-se no [Anexo 1](#).

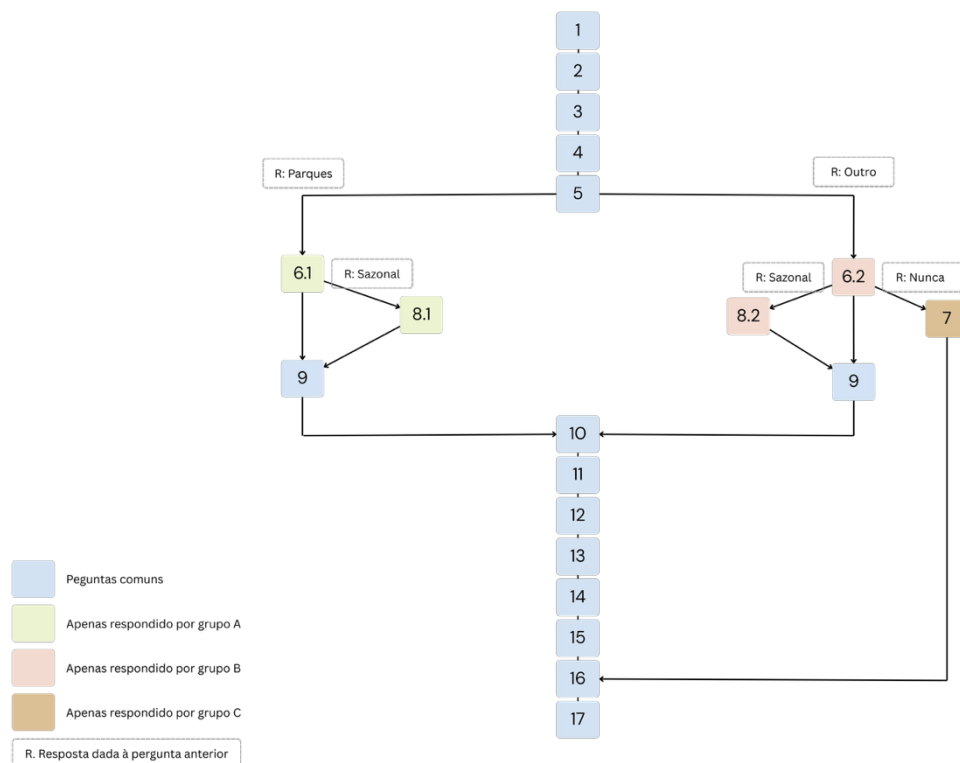


Figura 31 – Fluxo do questionário aplicado. (Fonte: Autor).

4.5. Técnicas de análise de dados

Os dados recolhidos foram inicialmente tratados em Microsoft Excel, onde se procedeu a operações de pré-tratamento e de garantia de consistência. Nesta fase, foram excluídas as respostas que mencionavam exclusivamente parques localizados fora do Catar, uma vez que não se enquadravam no âmbito territorial da investigação e presumiam a ausência de experiência local. As respostas incompletas foram mantidas sempre que continham informação relevante em variáveis essenciais, de modo a preservar o maior número de casos possível. Adicionalmente, foi realizada uma uniformização dos nomes dos parques, assegurando consistência ortográfica e lexical. Quando um mesmo parque era identificado por diferentes designações, foi adotada a denominação mais usualmente utilizada em fontes públicas.

Uma vez que o questionário tinha sido aplicado em inglês, procedeu-se à tradução integral das perguntas e opções de resposta para português, de modo a assegurar coerência com a redação da dissertação. Em seguida, cada pergunta foi transformada em variáveis de análise, com codificação apropriada para tratamento estatístico.

Concluída esta etapa, os dados foram exportados para o Power BI e analisados a partir do número total de respostas obtidas em cada variável, o que permitiu identificar padrões nas escolhas relativas à frequência de visita, meios de transporte, horários e atividades. Sempre que pertinente, foram elaboradas representações gráficas que facilitaram a leitura dos resultados. Não foram aplicados testes de estatística inferencial, uma vez que o objetivo do estudo se centra na caracterização descritiva dos padrões de uso e percepção, sem pretensão de generalização estatística à população total de Doha.

Paralelamente, foram realizados cruzamentos exploratórios entre variáveis consideradas relevantes para as questões de investigação, como, por exemplo, a relação entre modo de transporte e tempo de deslocação ou entre género e horários de utilização. Estes cruzamentos serviram para identificar tendências e relações de interesse, mas a sua apresentação detalhada é reservada ao capítulo de resultados.

As respostas abertas incluídas no questionário foram sujeitas a categorização temática, agrupando os comentários em eixos de significado recorrentes, como conforto térmico, conectividade ou disponibilidade de atividades. Esta análise qualitativa permitiu complementar a leitura estatística com contributos mais interpretativos, revelando preocupações ou expectativas que não estavam previstas nas opções de resposta fechada.

A observação fotográfica recolhida em diferentes parques urbanos foi igualmente organizada de forma sistemática. Após a captura das imagens, estas foram classificadas segundo critérios de tipo de uso, horário e tipologia de atividade, de forma a sustentar a análise quantitativa com evidência visual. As fotografias incluídas na dissertação foram selecionadas por ilustrarem de forma representativa padrões de uso observados. Durante o processo de recolha, procurou-se sempre evitar imagens em que fosse possível identificar claramente os utilizadores. Nos casos em que tal não foi possível, foi solicitado consentimento verbal às pessoas fotografadas, explicando que as imagens seriam utilizadas exclusivamente para fins académicos no âmbito desta dissertação.

4.6. Limitações metodológicas

Tal como em qualquer investigação empírica, a metodologia adotada apresenta limitações que importa reconhecer de forma transparente. Estas fragilidades não anulam a relevância do estudo, mas ajudam a enquadrar o alcance dos resultados e a cautela necessária na sua interpretação.

A primeira limitação prende-se com a amostra. O inquérito foi aplicado apenas junto de colaboradores da empresa KEO em Doha, o que restringe a diversidade social e cultural dos participantes. Todos os inquiridos eram expatriados qualificados, sem incluir cidadãos nacionais ou trabalhadores migrantes de baixo rendimento, mulheres fora do setor da construção, estudantes ou outros grupos populacionais. Esta composição reflete a estrutura do universo a que se teve acesso, mas condiciona a generalização dos resultados. Acresce que, apesar de se terem obtido 169 respostas válidas (correspondendo a uma taxa de 31,5%), este número não assegura representatividade estatística da população de Doha. A taxa de resposta situa-se, contudo, dentro do intervalo considerado aceitável em inquéritos online, o que confere consistência ao estudo enquanto exercício exploratório. No entanto, como sublinham os mesmos autores, a aceitabilidade da taxa de resposta não elimina as limitações associadas à representatividade.

No que respeita ao instrumento de recolha, o recurso a um questionário online de autopreenchimento apresenta riscos próprios. Existe sempre a possibilidade de interpretações diferentes da formulação das perguntas ou de viés de desejabilidade social, isto é, os participantes tenderem a responder de acordo com o que consideram mais adequado. Apesar de o inquérito ter sido totalmente anónimo, este risco não pode ser eliminado. Acresce que as perguntas fechadas, embora fundamentais para a quantificação, limitaram a diversidade de respostas possíveis. Já as perguntas abertas, em menor número, foram tratadas através de categorização temática, o que introduz inevitavelmente margem de subjetividade.

Outra limitação diz respeito ao período e ao contexto da recolha. O inquérito esteve disponível apenas durante um mês, entre 24 de abril e 24 de maio de 2025, o que constitui um intervalo relativamente curto e não permite captar variações sazonais no uso dos parques, sendo ainda possível que algumas respostas tenham sido influenciadas pelas condições meteorológicas sentidas quando foram dadas. Além disso, o facto de o questionário ter sido distribuído através do departamento de recursos humanos pode ter condicionado a percepção de anonimato entre alguns participantes. Ainda que tenha sido explicitado que se tratava de uma investigação académica independente, é possível que alguns colaboradores tenham hesitado em responder de forma inteiramente livre. Este risco é mitigado, no entanto, pela presença de respostas críticas e sugestões dirigidas à própria empresa, o que demonstra que os participantes se sentiram, em geral, confortáveis em partilhar a sua opinião.

As opções de análise constituem também uma limitação. O tratamento dos dados baseou-se exclusivamente em estatística descritiva, com frequências absolutas e relativas, distribuições percentuais e cruzamentos exploratórios entre variáveis. Esta abordagem permitiu identificar padrões e tendências, mas não possibilita estabelecer relações causais nem generalizar os resultados à população total de Doha, uma vez que não foram aplicados testes de estatística inferencial. As respostas abertas foram trabalhadas qualitativamente através de agrupamento em categorias de significado, o que reforça o carácter interpretativo e não sistematizado desta componente.

No que se refere à observação fotográfica, esta foi realizada com carácter ilustrativo e não sistemático, destinando-se a complementar os dados recolhidos pelo questionário. As imagens foram classificadas por tipo de uso, horário e atividade, mas não asseguram cobertura de todos os parques ou de todos os períodos de utilização. Por isso, devem ser entendidas como um contributo auxiliar, e não como prova exaustiva. Do ponto de vista ético, procurou-se evitar a captação de imagens que permitissem identificar claramente os utilizadores. Nos casos em que tal poderia acontecer, foi solicitado o consentimento explícito das pessoas fotografadas, ou então a fotografia foi eliminada, garantindo-se assim a preservação da privacidade.

Em síntese, as principais limitações decorrem da natureza restrita da amostra, da utilização de um questionário online de autopreenchimento, do período limitado de recolha, da análise centrada apenas em estatística descritiva e do carácter ilustrativo da observação fotográfica. Reconhecer estas fragilidades não diminui o valor do estudo, mas antes reforça a sua transparência e delimita o alcance das conclusões, que devem ser lidas como indicativas de tendências relevantes mais do que como generalizações representativas.

5. Resultados

A organização deste capítulo segue a estrutura do questionário, de modo a garantir consistência e transparência entre recolha e análise. Assim, inicia-se com a caracterização sociodemográfica da amostra (idade, género, nacionalidade e escolaridade), que permite enquadrar quem são os participantes e em que medida refletem a diversidade da população de Doha.

Em seguida, são apresentados os padrões de uso dos parques, estes resultados quantitativos permitem observar não só a intensidade de utilização, mas também as possíveis barreiras que podem afastar parte da população. Sempre que pertinente, os dados descritivos são acompanhados por cruzamentos simples entre variáveis sociodemográficas (como idade, género ou nacionalidade) e padrões de uso, com o objetivo de evidenciar tendências relevantes. A interpretação detalhada destes cruzamentos será desenvolvida no capítulo seguinte, dedicado à discussão.

Por fim, são exploradas as respostas abertas, que complementam a leitura estatística com contributos qualitativos. Estas observações individuais oferecem pistas relevantes sobre expectativas, frustrações e oportunidades de melhoria, constituindo um material particularmente valioso para a discussão e para a formulação de diretrizes de projeto nos capítulos seguintes.

5.1. Dados Demográficos

Distribuição etária dos participantes

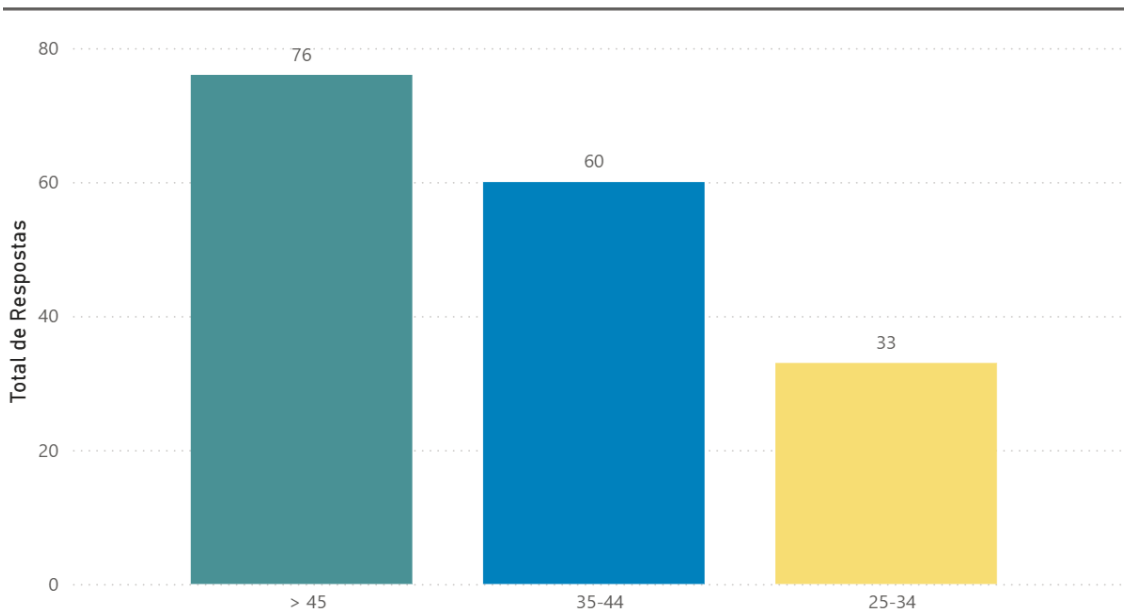


Figura 32 – Distribuição etária dos participantes. (Fonte: Autor).

A Figura 32 apresenta a distribuição etária dos participantes no inquérito. Observa-se que o grupo mais representado corresponde aos maiores de 45 anos, com 76 respostas, que simboliza cerca de 45% da amostra, seguindo-se a faixa etária dos 35-44 anos, com 60 respostas (aprox.35%). O grupo entre os 25-34 anos regista o menor número de participantes, totalizando 33 respostas. Este gráfico permitiu cruzar os dados recolhidos de forma a caracterizar a demografia dos utilizadores dos parques, evidenciando a predominância de adultos.

Distribuição etária por género

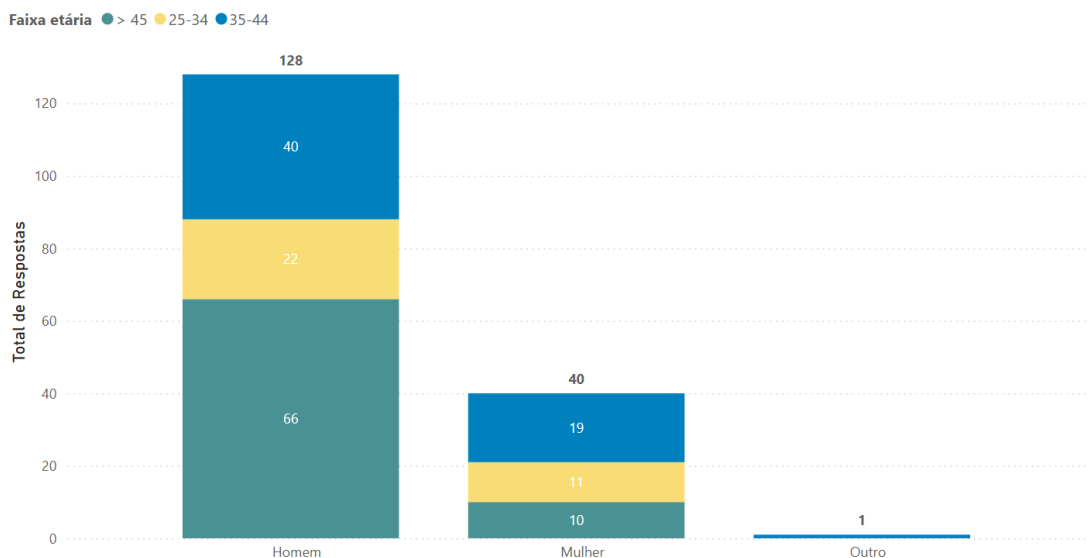


Figura 33 – Distribuição etária por género. (Fonte: Autor).

A Figura 33 apresenta a distribuição etária dos participantes em função do género. No total, responderam ao inquérito 128 homens (cerca de 75% da amostra), 40 mulheres (23,5%) e 1 participante que se identificou na categoria “Outro”.

Entre os homens, o grupo etário mais representado foi o dos maiores de 45 anos, com 66 respostas. Seguiram-se os grupos dos 35-44 anos (40 respostas) e dos 25-34 anos (22 respostas).

No caso das mulheres, a maior concentração encontra-se no grupo dos 35-44 anos, com 19 respostas. Este é seguido pelo grupo dos 25-34 anos (11 respostas) e pelo dos mais de 45 anos (10 respostas), apresentando uma distribuição mais equilibrada do que a observada entre os homens.

Por fim, o único participante identificado como “Outro” pertenceu ao grupo etário dos 35-44 anos. Em conjunto, estes resultados evidenciam não só a predominância masculina na amostra, mas também que a distribuição etária das mulheres é mais uniforme, contrastando com a concentração dos homens nas idades mais elevadas.

Nível de escolaridade por género

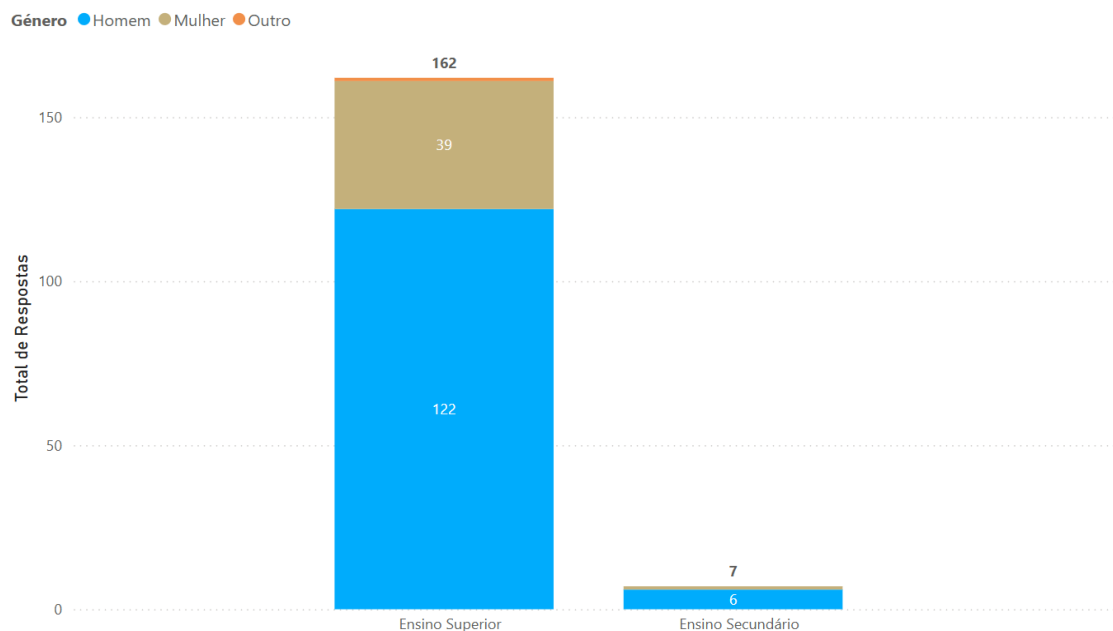


Figura 34 – Nível de escolaridade por género. (Fonte: Autor).

A Figura 34 apresenta a distribuição do nível de escolaridade dos participantes, diferenciada por género. No total, 162 inquiridos (97,0% da amostra) declararam possuir

ensino superior, entre os quais 122 homens, 39 mulheres e 1 participante identificado como “Outro”. Apenas 7 participantes (4,2%) referiram ter concluído o ensino secundário, sendo 6 homens e 1 mulher. Nenhum inquirido assinalou os níveis de educação primária ou ausência de escolaridade.

À primeira vista, o gráfico poderia sugerir que as mulheres têm menor nível de escolaridade; contudo, esta percepção resulta apenas da diferença numérica entre géneros na amostra. De facto, enquanto 95,3% dos homens possuem ensino superior, no caso das mulheres essa proporção é ainda mais elevada, atingindo 97,5% (apenas uma das 40 participantes não apresentou ensino superior).

Distribuição geográfica dos participantes, por país de origem

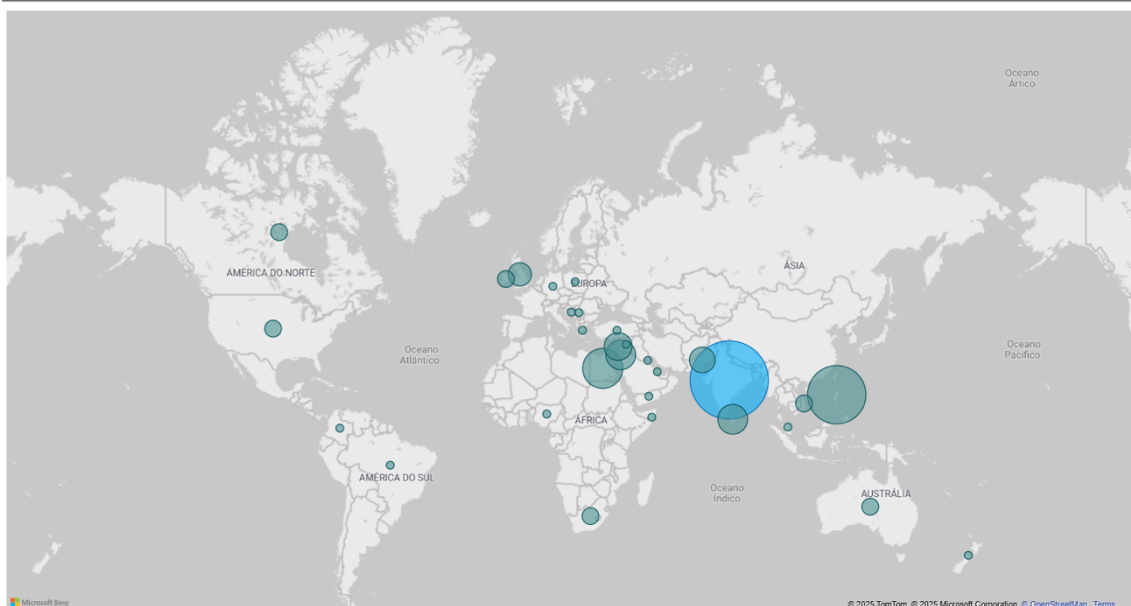


Figura 35 – Distribuição geográfica dos participantes por país de origem. (Fonte: Autor).

A Figura 35 apresenta a distribuição geográfica dos participantes, organizada por país de origem. Verifica-se uma forte concentração no Sul da Ásia e no Médio Oriente, regiões de onde provêm a maioria das respostas. Este padrão reflete a composição demográfica típica do Catar, marcada pela predominância de trabalhadores expatriados oriundos de países como Índia, Nepal, Bangladesh e Filipinas, que constituem uma parte significativa da população residente.

As restantes respostas encontram-se mais dispersas, abrangendo diferentes continentes, nomeadamente África, Europa, América do Norte, América do Sul e Austrália. Esta dispersão, ainda que em menor escala, confirma a diversidade internacional da amostra, característica intrínseca da sociedade de Doha, onde coexistem múltiplas nacionalidades em contextos profissionais e sociais distintos.

A análise desta distribuição geográfica é relevante para a investigação, na medida em que evidencia a multiculturalidade que caracteriza os utilizadores dos parques urbanos. O cruzamento entre a origem dos participantes e os seus padrões de uso permite compreender como diferentes grupos culturais se apropriam do espaço público, revelando potenciais diferenças nas práticas, nas preferências e nas percepções de conforto. Assim, este dado contribui para reforçar a leitura dos parques como arenas multiculturais, fundamentais para a sociabilidade e para a construção de pertença numa cidade marcada pela diversidade demográfica.

5.2. Padrões de uso

Concluída a caracterização sociodemográfica da amostra, importa agora analisar os padrões de uso dos parques urbanos. Esta passagem é essencial, pois permite compreender de que forma variáveis como idade, género ou nacionalidade se refletem nas práticas concretas dos utilizadores, evidenciando preferências, frequências e modos de apropriação dos espaços. Assim, neste subcapítulo apresentam-se os resultados relativos à frequência de visita, aos horários mais comuns, às épocas do ano de maior utilização e às atividades desenvolvidas, fornecendo uma visão detalhada sobre a forma como os parques são efetivamente vividos no quotidiano.

Preferência de espaço principal de lazer

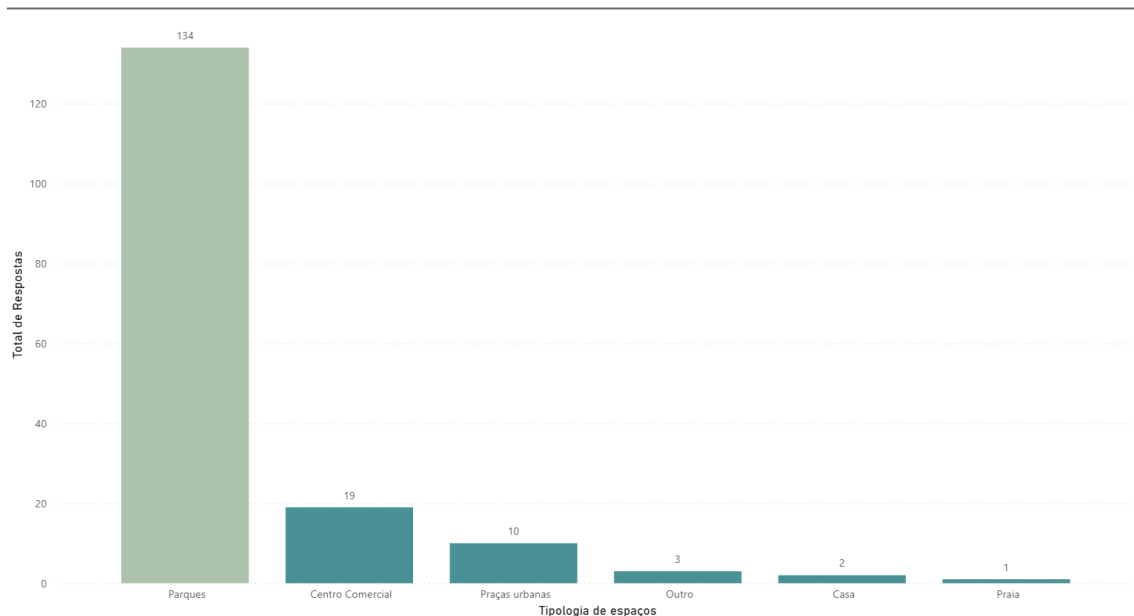


Figura 36 – Preferência de espaço principal de lazer. (Fonte: Autor).

A Figura 36 mostra a preferência principal de espaço de lazer dos participantes. Verifica-se uma predominância expressiva dos parques, escolhidos por 134 inquiridos (79,3%). Em número bastante inferior surgem os centros comerciais, com 19 respostas, e as

praças urbanas, com 10. As restantes opções registaram valores residuais: outros espaços (3 respostas), casa (2 respostas) e praia (1 resposta).

Ao mesmo tempo, esta recolha de dados revelou-se essencial para identificar os casos em que os parques não surgem como primeira escolha, permitindo que, em momentos posteriores da análise, seja possível compreender as razões que explicam esta opção por outros locais, tendo aqui surgido os grupos G1 (utilizadores que têm parques como primeira opção) e G2 (utilizadores que não têm parques como primeira opção). Assim, este gráfico não apenas evidencia a predominância dos parques, como também abre caminho para uma reflexão mais aprofundada sobre os fatores que influenciam as escolhas dos utilizadores, aspeto que será explorado noutras secções deste trabalho.

Frequência de utilização dos parques por preferência - Utilizadores do G1

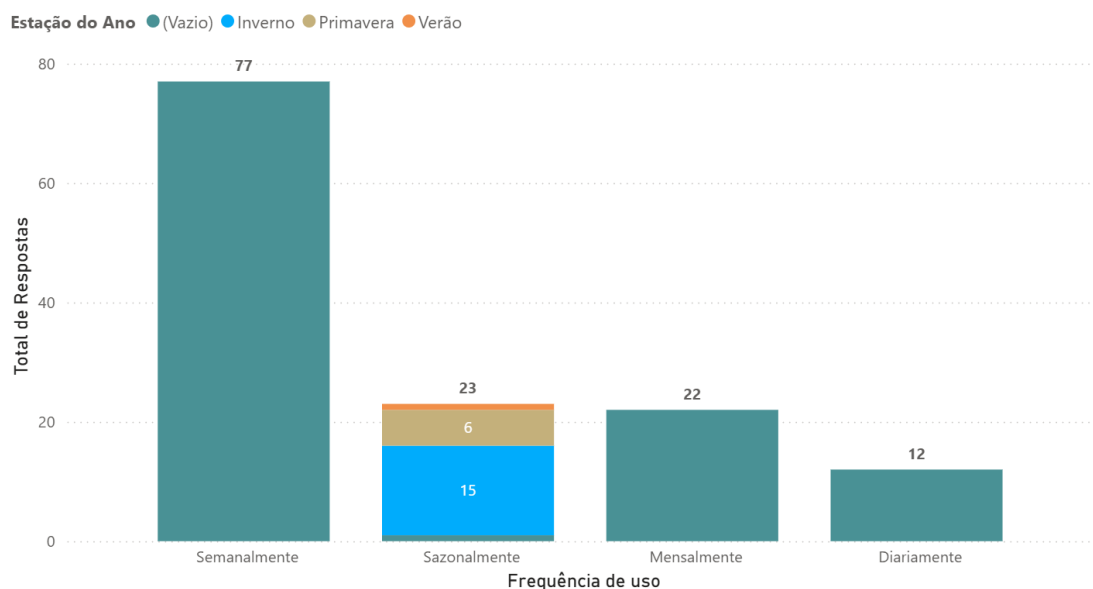


Figura 37 – Frequência de utilização dos parques por preferência – G1 (Fonte: Autor).

A Figura 37 apresenta a frequência de utilização dos parques pelos participantes que os indicaram como primeira opção de lazer (G1). A categoria mais representativa corresponde à utilização semanal, com 77 respostas, seguida pela frequência sazonal (23 respostas), mensal (22 respostas) e diária (12 respostas). Entre os que referiram uma utilização sazonal, observa-se ainda a distribuição ao longo do ano: 15 respostas apontaram o inverno, 6 a primavera e 2 o verão. Este resultado permite cruzar a preferência pelos parques com a frequência de uso, fornecendo uma visão mais detalhada do grau de envolvimento dos utilizadores com este tipo de espaço. Verifica-se que, para a maioria dos que consideram os parques como a sua principal escolha de lazer, a utilização semanal constitui o padrão dominante, revelando uma forte

regularidade na prática. A análise destes dados é fundamental para compreender não apenas a intensidade de utilização dos parques, mas também os diferentes perfis de frequência entre os utilizadores. Este cruzamento constitui, assim, um contributo essencial para avaliar em que medida os parques respondem às necessidades de lazer da população e como fatores externos, como a sazonalidade, podem condicionar os padrões de uso.

Frequência de utilização dos parques por preferência - Utilizadores do G2

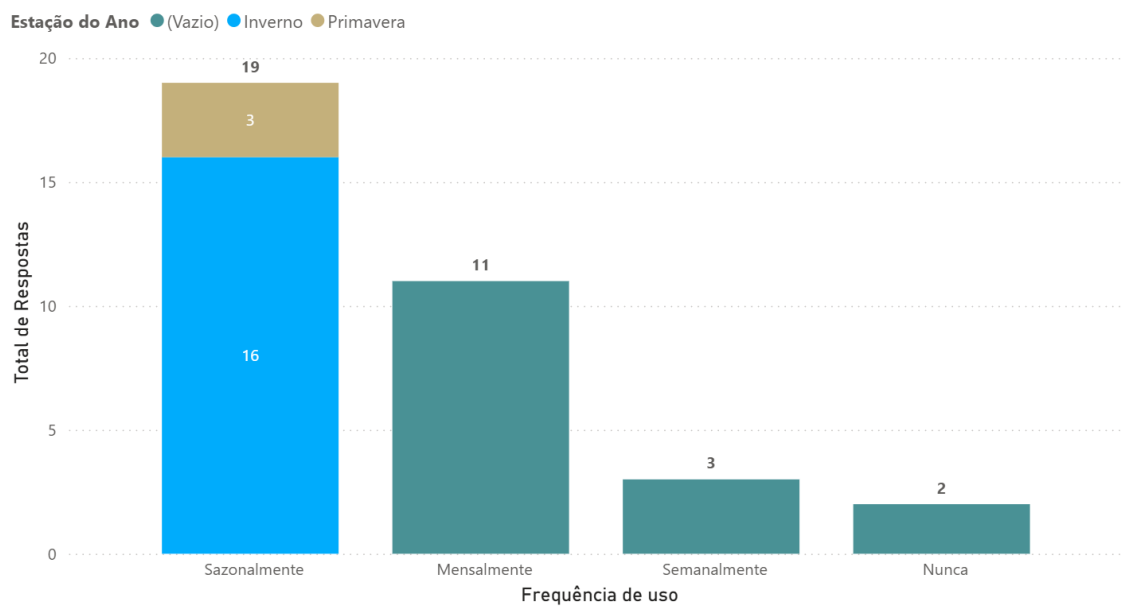


Figura 38 – Frequência de utilização dos parques por preferência – G2 (Fonte: Autor).

A Figura 38 apresenta a frequência de utilização dos parques pelos participantes que não os indicaram como primeira opção de lazer (G2). Verifica-se que a categoria mais representativa é a utilização sazonal (19 respostas), seguida pela frequência mensal (11 respostas), semanal (3 respostas) e, por fim, a opção “nunca” (2 respostas). Entre os utilizadores sazonais, a maioria referiu o inverno (16 respostas), ao passo que 3 respostas indicaram a primavera. Este cruzamento de dados é fundamental para a investigação, uma vez que evidencia dois perfis distintos de utilizadores: os que integram os parques na sua rotina de lazer e aqueles que recorrem a estes espaços de forma ocasional ou limitada.

Após caracterizada a frequência de utilização dos parques pelos dois grupos de participantes, torna-se relevante analisar as formas de deslocação utilizadas. A observação dos meios de transporte e do tempo de viagem associado permite compreender em que medida a acessibilidade influencia o uso dos parques, revelando padrões complementares aos resultados anteriores.

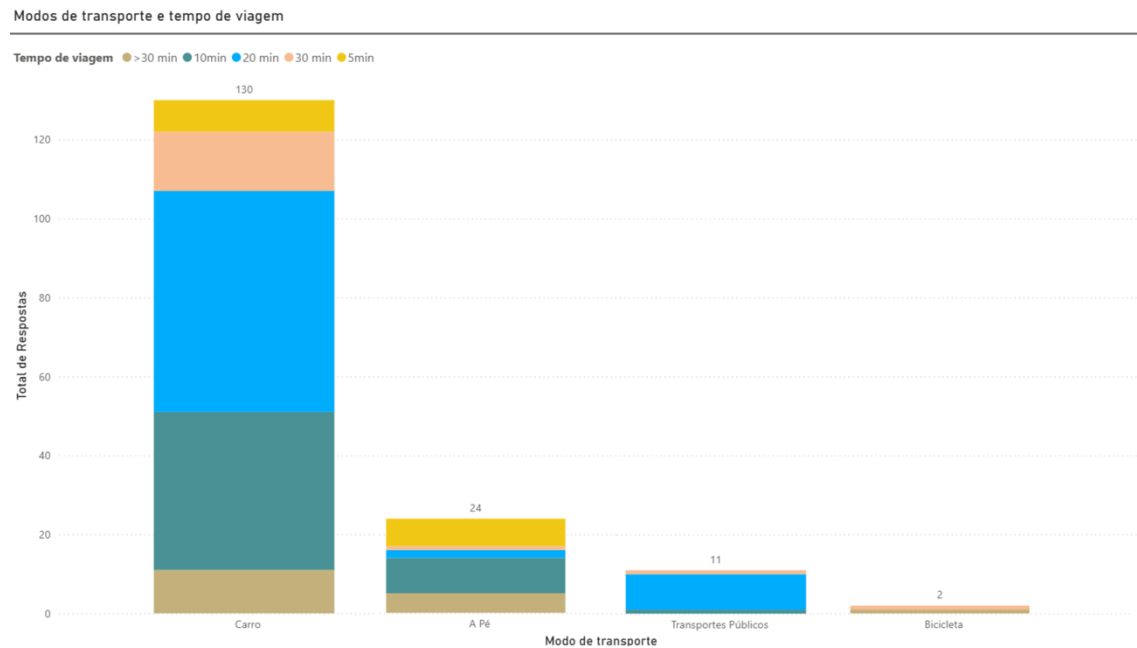


Figura 39 – Modo de transporte e tempo de viagem (Fonte: Autor).

A Figura 39 apresenta os modos de transporte utilizados para aceder aos parques, cruzados com o tempo médio de deslocação. O carro foi referido por 130 participantes (77,0%), abrangendo tempos de viagem que variam entre 5 minutos e mais de 30 minutos. A deslocação a pé foi indicada por 24 participantes (14,2%), associada sobretudo a percursos inferiores a 20 minutos. Os transportes públicos foram mencionados por 11 participantes (6,5%), registando-se maioritariamente tempos médios em torno dos 20 minutos. A bicicleta foi referida em 2 casos (1,2%), ambos correspondentes a deslocações inferiores a 10 minutos.

Após esta caracterização geral, coloca-se a questão da frequência com que cada participante visita os parques em função do meio de transporte utilizado. Para além da análise global, esta relação será também diferenciada entre os dois grupos definidos anteriormente: G1, que indicou os parques como a sua principal escolha de lazer, e G2, que não os indicou como primeira opção. Esta distinção permitirá compreender se a forma de deslocação está associada a padrões distintos de utilização entre utilizadores regulares e ocasionais.

Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G1

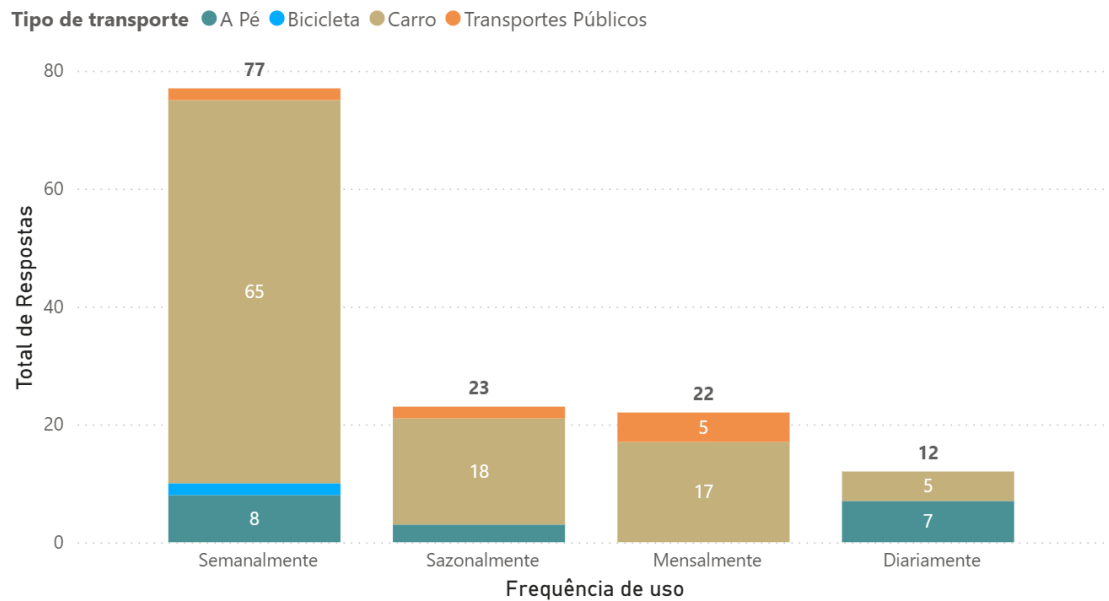


Figura 40 - Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G1. (Fonte: Autor).

A Figura 40 mostra a relação entre a frequência de utilização dos parques pelo grupo G1 e o tipo de transporte utilizado. Entre os que frequentam semanalmente, predomina o carro, seguindo-se as deslocações a pé, em menor número registam-se respostas relativas ao transporte público e apenas um caso de utilização da bicicleta. Nos que assinalaram frequência sazonal, volta a destacar-se o recurso ao carro, embora surjam também deslocações a pé, por transporte público e de bicicleta. No caso da utilização mensal, observa-se apenas a presença do carro e do transporte público. Já entre os utilizadores diários, identificam-se deslocações a pé e de carro, não tendo sido registada qualquer utilização de transportes públicos ou bicicleta. Assim, nota-se que a deslocação a pé surge sobretudo associada aos que frequentam os parques de forma semanal ou diária, enquanto os transportes públicos não são referidos por nenhum participante que visita os parques diariamente.

Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G2

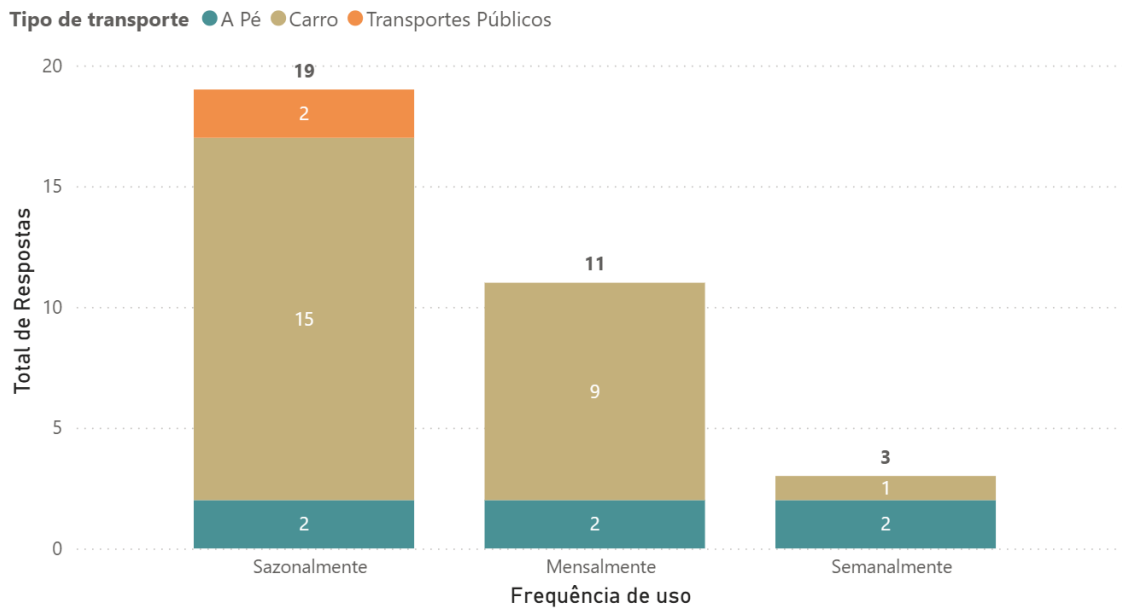


Figura 41 - Relação entre a frequência de utilização e o transporte utilizado - G2. (Fonte: Autor).

Na Figura 41 observa-se a relação entre a frequência de utilização dos parques e o transporte utilizado pelo grupo G2. Entre os utilizadores sazonais, foram registadas 19 respostas: 15 correspondem ao uso do carro, 2 ao deslocar-se a pé e 2 ao recurso a transportes públicos. Na frequência mensal surgem 11 respostas, das quais 9 indicam o carro como meio de transporte e 2 a deslocação a pé. Já na frequência semanal contabilizam-se 3 respostas, sendo 2 referentes ao deslocar-se a pé e 1 ao carro. Assim, verifica-se que em todas as frequências de utilização estão presentes utilizadores que se deslocam a pé, enquanto o transporte público surge apenas associado às visitas sazonais. Em comparação com o grupo G1, onde os transportes públicos aparecem distribuídos por várias frequências de uso, no grupo G2 a sua presença é muito mais restrita, limitada apenas ao perfil sazonal.

Após a análise dos modos de transporte e da sua relação com a frequência de utilização, seguem-se os resultados referentes aos parques mais visitados pelos participantes. As respostas incluem não apenas parques localizados em Doha, mas também alguns situados fora da cidade, o que deve ser tido em conta na leitura dos dados.

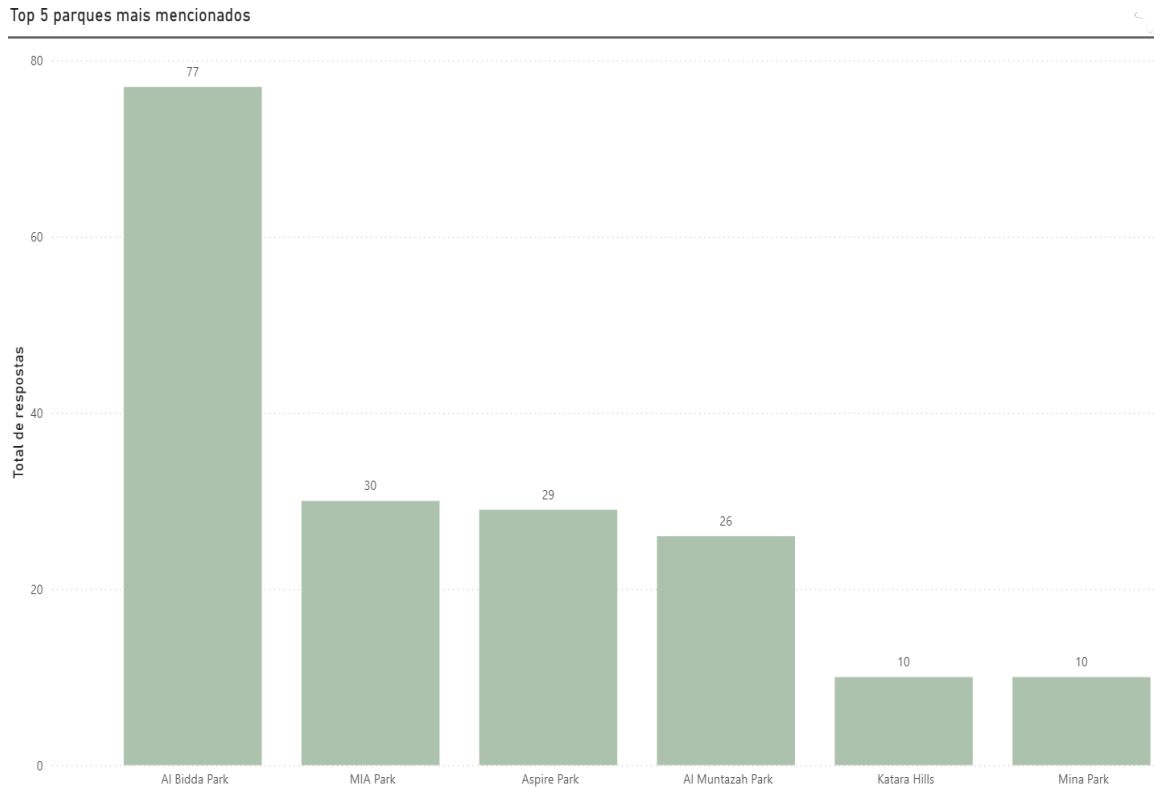


Figura 42 – Top 5 parques mais mencionados (Fonte: Autor).

A Figura 42 apresenta os cinco parques urbanos do Catar mais referidos pelos participantes, num total de 30 parques mencionados (ver [Anexo 2](#) para a lista completa). O Al Bidda Park destacou-se claramente, com 77 respostas, o que representa mais 157% de menções do que o segundo parque mais referido, o MIA Park, com 30 respostas. Seguiram-se o Aspire Park, com 29 respostas, o Al Muntazah Park, com 26 respostas, e, por fim, o Katara Hills e o Mina Park, ambos com 10 respostas.

Para além da frequência de menções, é igualmente relevante compreender a localização dos parques mais referidos no inquérito. A Figura 43 apresenta o mapa do Catar com a distribuição espacial destes parques, permitindo observar a sua implantação na área urbana de Doha e em zonas adjacentes. Este enquadramento cartográfico facilita a percepção da acessibilidade relativa de cada parque e da sua inserção no território.

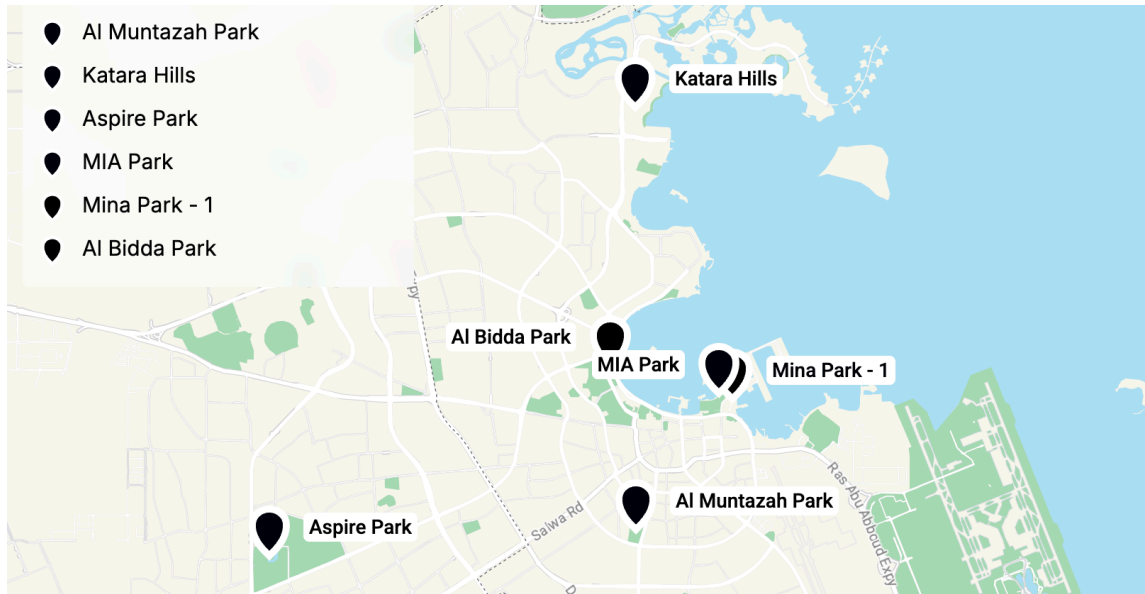


Figura 43 - Localização dos parques mais mencionados. (Fonte: Autor).

Após identificar os parques mais referidos e a sua distribuição no território, importa compreender de que forma os utilizadores acedem a estes espaços. Os dados seguintes apresentam os modos de transporte utilizados pelos participantes para chegar aos parques, bem como a frequência com que recorrem a cada um deles. Esta informação permite contextualizar melhor os padrões de utilização, mostrando não apenas quais os parques escolhidos, mas também como os utilizadores se deslocam até eles.

Tendência de transporte por parque

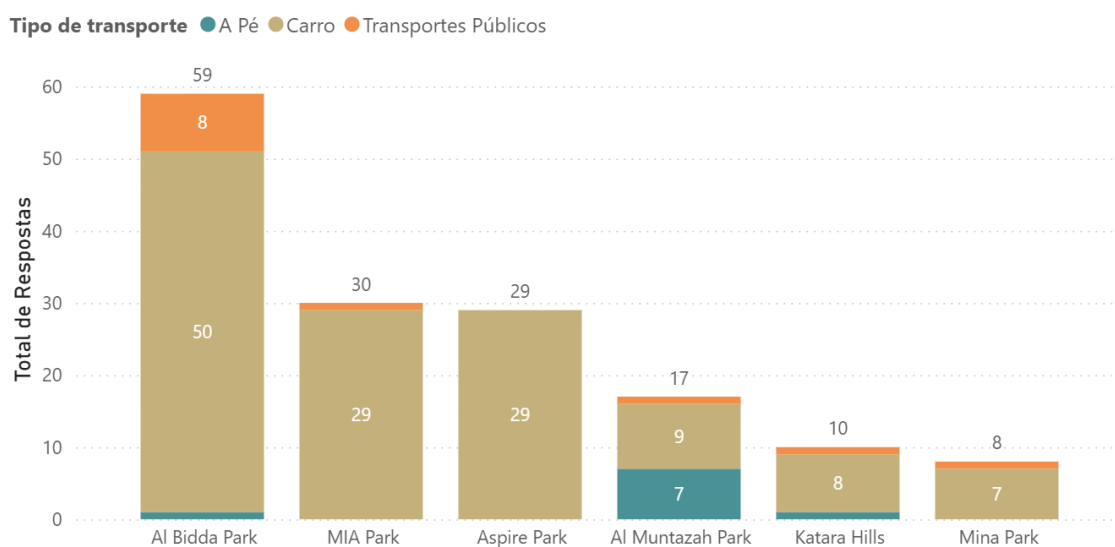


Figura 44 - Tendência de transporte por parque. (Fonte: Autor).

Para esta análise, apresentam-se apenas os cinco parques mais mencionados, de modo a relacionar de forma mais clara a tendência de transporte utilizada pelos participantes.

O Al Bidda Park é o mais frequentado, reunindo 59 respostas. A maioria das deslocações é realizada de carro, mas o parque destaca-se por apresentar o maior número de utilizadores de transportes públicos entre todos os parques. É ainda o segundo parque com maior número de deslocações a pé.

O MIA Park regista 30 respostas, com deslocações quase exclusivamente de carro e apenas uma pequena utilização de transportes públicos, não havendo registo de deslocações a pé. Já o Aspire Park, com 29 respostas, apresenta um padrão ainda mais homogéneo, sendo todas as deslocações realizadas de carro.

O Al Muntazah Park, com 17 respostas, revela uma distribuição mais equilibrada, já que as deslocações se repartem entre carro e a pé, existindo ainda uma pequena percentagem de utilização de transportes públicos.

Nos parques de menor dimensão em termos de respostas, Katara Hills e Mina Park, os padrões são semelhantes. O Katara Hills, com 10 respostas, apresenta uma maioria de deslocações de carro, acompanhada por registos residuais de deslocações a pé e em transportes públicos. O Mina Park, com 8 respostas, é o menos referido, sendo as deslocações realizadas sobretudo de carro, com apenas uma pequena expressão de transportes públicos e sem relevância de deslocações a pé.

Aspetos valorizados nos parques

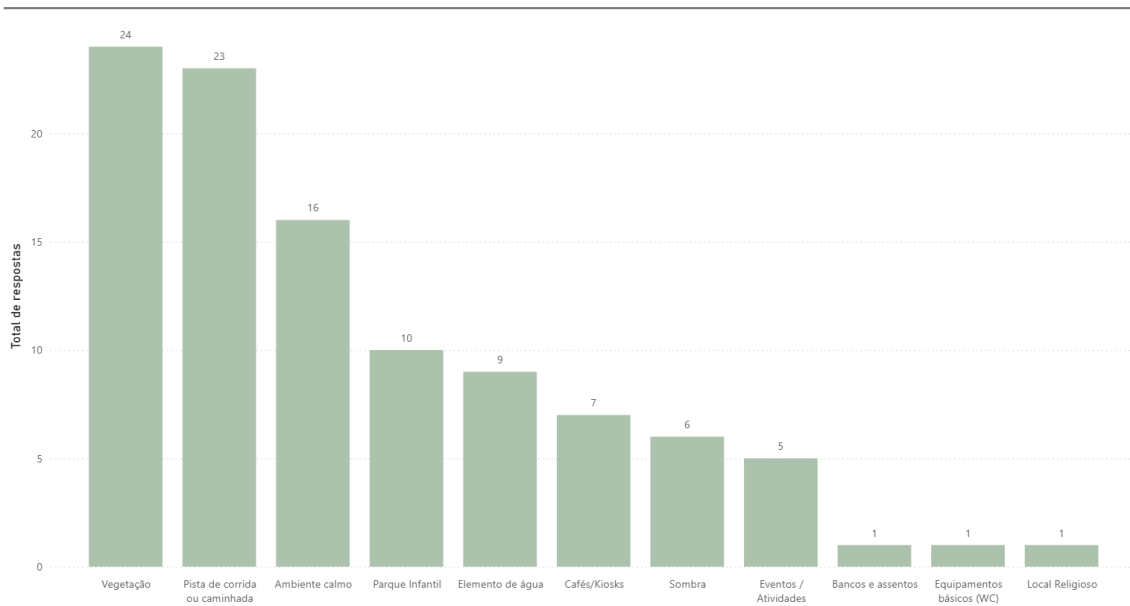


Figura 45 – Aspetos valorizados nos parques (Fonte: Autor).

A Figura 45 mostra os aspetos valorizados pelos participantes nos parques. O fator mais referido foi a vegetação (24 respostas), seguido de pista de corrida ou caminhada (23 respostas) e de um ambiente calmo (16 respostas). O parque infantil foi mencionado em 10 respostas, enquanto elementos de água surgiram em 9 respostas. Outros aspetos apontados foram cafés/kiosks (7 respostas), sombra (6 respostas) e eventos/atividades (5 respostas). Menos frequentes foram as menções a bancos e assentos, equipamentos básicos (WC) e local religioso, cada um com 1 resposta.

Para contextualizar a separação dos dias da semana apresentada a seguir, é importante salientar que, ao contrário do padrão europeu e da maioria dos países ocidentais, onde a semana de trabalho decorre de segunda a sexta-feira e o fim de semana corresponde a sábado e domingo, no Catar a estrutura semanal é diferente. O fim de semana oficial ocorre à sexta-feira e ao sábado, sendo o domingo considerado o primeiro dia útil da semana. Assim, ao analisar a distribuição da frequência por dias da semana, torna-se essencial ter em conta esta diferença estrutural nos horários semanais.

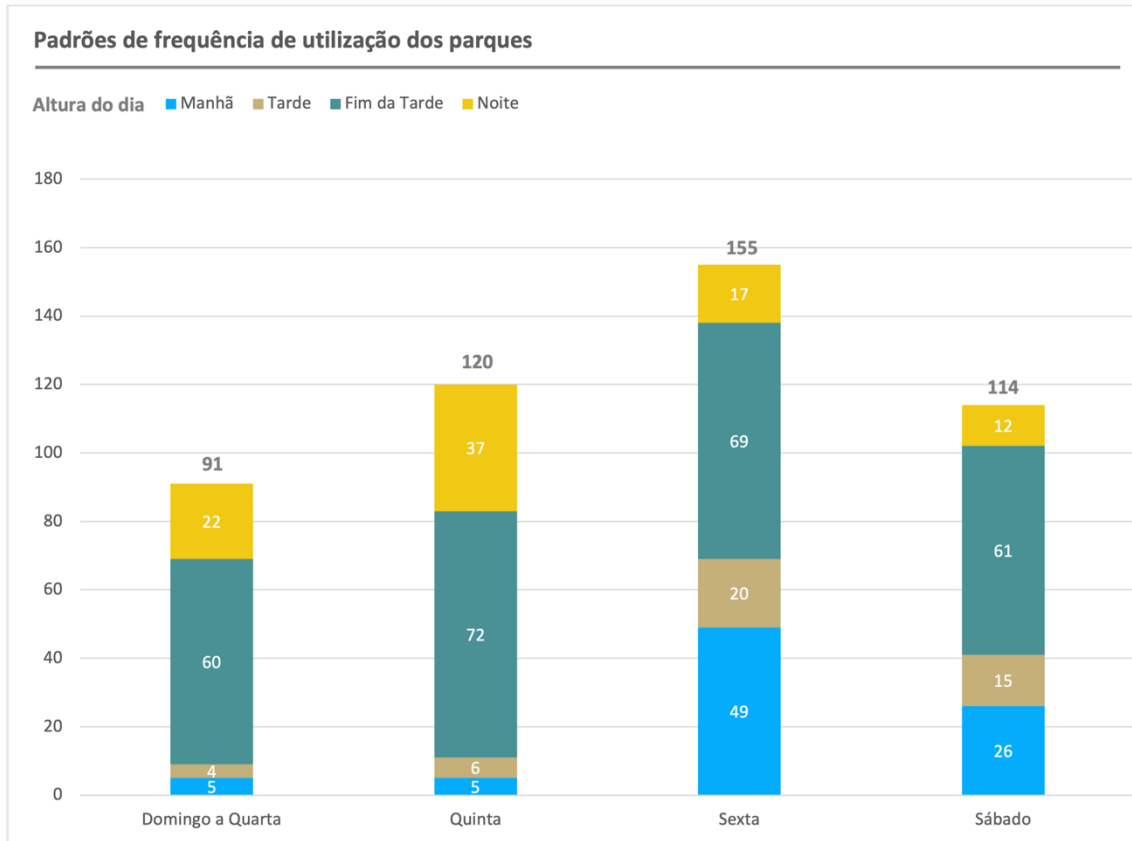


Figura 46 – Padrões de frequência de utilização dos parques, ao longo do dia (Fonte: Autor).

A Figura 46 apresenta os padrões de frequência de utilização dos parques ao longo da semana, diferenciados pela altura do dia. Entre domingo e quarta-feira, verifica-se a predominância do fim da tarde, seguido pela tarde, com poucas respostas de manhã e de noite. À quinta-feira, mantém-se a concentração no fim da tarde, mas regista-se também um aumento de respostas no período da tarde em comparação com os dias anteriores. A sexta-feira destaca-se como o dia com maior número total de respostas, com forte presença no fim da tarde e na manhã, além de valores expressivos também na tarde e na noite. O sábado apresenta valores intermédios, mas distribui-se de forma semelhante, com respostas significativas em todos os períodos do dia. No conjunto, observa-se que a sexta-feira é o dia mais referido e que o fim da tarde constitui o período preferencial de utilização dos parques. Contudo, tanto à sexta-feira como ao sábado nota-se que a utilização se distribui de forma mais equilibrada ao longo de todo o dia, em contraste com os restantes dias da semana, em que a concentração de respostas se foca sobretudo no fim da tarde e na noite.

Após esta análise geral, procedeu-se à desagregação dos dados por género, de modo a compreender com maior detalhe como homens e mulheres utilizam os parques ao longo dos dias da semana e das diferentes alturas do dia. O objetivo desta separação é tornar a leitura mais precisa, uma vez que a predominância de respostas masculinas na amostra poderia, caso os dados fossem analisados em conjunto, ocultar diferenças relevantes nos padrões de utilização.

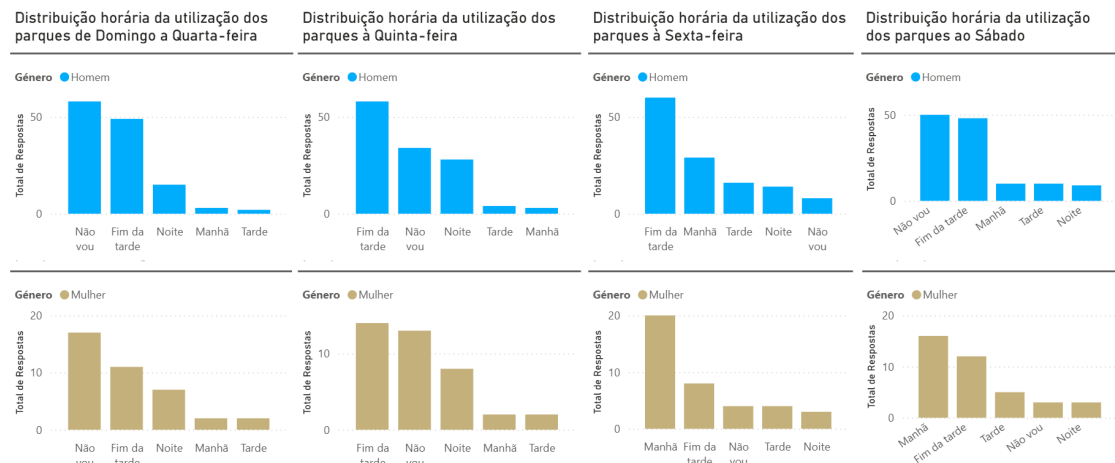


Figura 47 - Distribuição horária da utilização dos parques por dias da semana. (Fonte: Autor).

De domingo a quarta-feira, os padrões de frequência revelam-se bastante semelhantes entre homens e mulheres. No caso masculino, o final da tarde destaca-se como o período preferencial, seguido pela noite, enquanto a manhã e a tarde registam valores quase residuais. Entre as mulheres, a distribuição mantém esta tendência, ainda que a manhã e a tarde apresentem um pouco mais de expressão.

À quinta-feira, a leitura mantém-se próxima entre géneros. Entre os homens, o final da tarde continua a ser o momento mais referido, seguido de perto pela opção “não vou” e pela noite, enquanto manhã e tarde permanecem residuais. Entre as mulheres, o final da tarde e a opção “não vou” surgem também como as respostas mais assinaladas, seguidas pela noite, mantendo-se igualmente baixos os valores da manhã e da tarde.

É sobretudo a partir da sexta-feira que se começam a notar diferenças mais significativas. Os homens concentram-se maioritariamente no final da tarde, seguido pela manhã, ainda que com valores sensivelmente a metade, e apresentam uma distribuição relativamente equilibrada entre tarde e noite, com muito poucos a assinalarem “não vou”. Já as mulheres evidenciam um padrão distinto: a manhã assume clara predominância, com valores muito acima das restantes opções, sendo seguida

pelo final da tarde. As restantes respostas distribuem-se de forma equilibrada entre a tarde, a noite e a opção “não vou”.

No sábado, os contrastes voltam a ser evidentes. Entre os homens, verifica-se um equilíbrio entre os que assinalaram “não vou” e os que indicaram o final da tarde, com valores muito baixos para manhã, tarde e noite. No caso das mulheres, o padrão inverte-se: a manhã constitui a opção mais assinalada, seguida de perto pelo final da tarde, enquanto a tarde, a noite e a opção “não vou” surgem em valores semelhantes, embora inferiores.

Assim, enquanto durante a semana homens e mulheres revelam padrões semelhantes, centrados sobretudo no final da tarde, é no final de semana que as diferenças de género se acentuam: os homens tendem a concentrar-se no final do dia ou a não frequentar os parques, enquanto as mulheres apresentam forte presença no período da manhã, embora também se destaquem no final da tarde.

Depois de analisados os padrões de frequência semanal e diária, bem como as diferenças de género nos horários de utilização, importa agora compreender quais as atividades realizadas nos parques. Esta dimensão permite avançar da caracterização quantitativa da presença para a identificação da forma como os espaços são efetivamente apropriados. Através da análise das atividades, é possível perceber não apenas as práticas mais comuns, mas também a diversidade de usos que os parques concentram, desde o exercício físico ao convívio social ou ao lazer individual.

Atividades praticadas nos parques por género

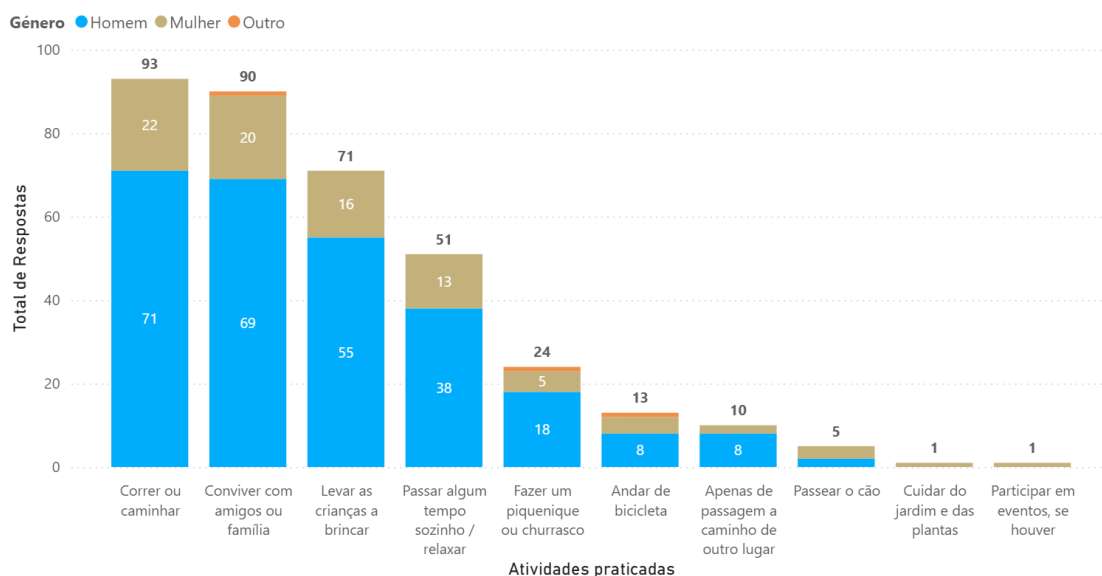


Figura 48 – Atividades praticadas nos parques por género (Fonte: Autor).

Entre as atividades apontadas pelos participantes, destacam-se sobretudo correr ou caminhar, mencionados em 93 respostas, seguidos de perto por conviver com amigos ou família, referido em 90. Também surgem com bastante expressão levar as crianças a brincar, com 71 respostas, e passar algum tempo sozinho ou a relaxar, assinalado por 51 participantes. Outras atividades mencionadas, embora em menor número, incluem fazer um piquenique ou churrasco (24 respostas), andar de bicicleta (13) e utilizar o espaço apenas de passagem a caminho de outro destino (10). De forma ainda menos frequente, foram referidos passear o cão (5), cuidar do jardim e das plantas (1) e participar em eventos quando estes existem (1). Relativamente à distribuição por género, dado que as mulheres estão em menor número na amostra, parecem participar menos. Ainda assim, este gráfico permite identificar quais as atividades em que cada género tem maior participação.

Optou-se por analisar em detalhe as atividades realizadas pelo género feminino, uma vez que, estando em minoria na amostra, a sua participação tenderia a parecer residual na análise global. No entanto, a desagregação por género evidencia que as mulheres apresentam picos de frequência distintos dos homens, concentrados sobretudo no período da manhã (Figura 47). Assim, a análise das atividades femininas nesses horários permite compreender melhor padrões específicos de utilização que, de outro modo, ficariam ocultos.

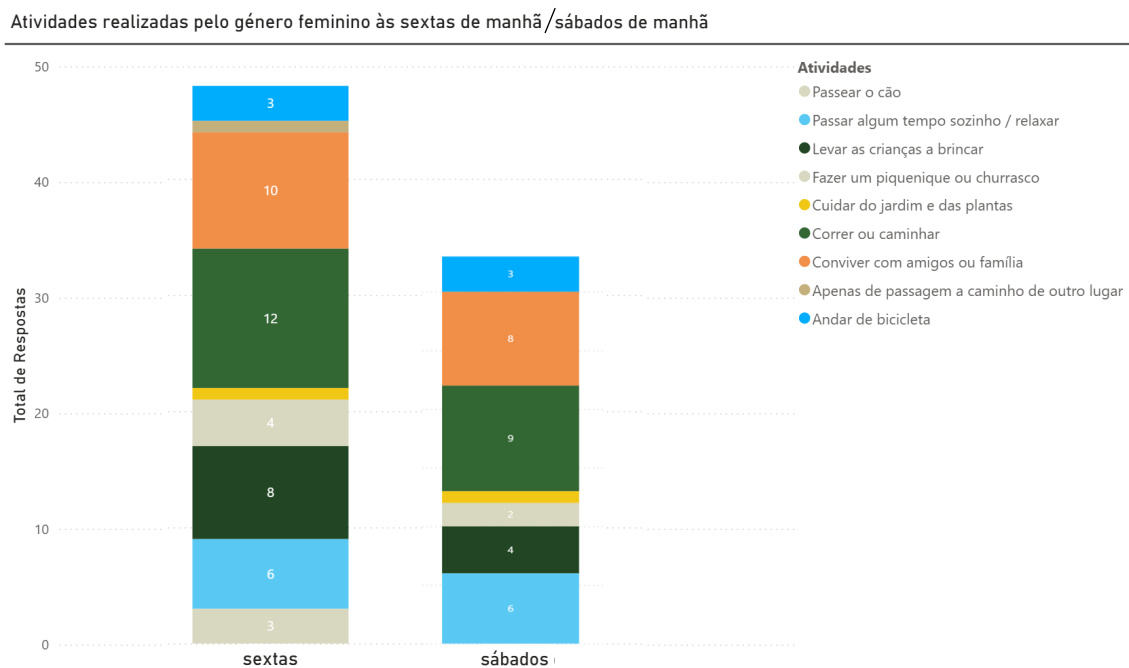


Figura 49 - Atividades realizadas pelo género feminino às sextas de manhã / sábados de manhã. (Fonte: Autor).

A Figura 49 mostra então, as atividades realizadas pelo género feminino às sextas-feiras e sábados de manhã. No que diz respeito à manhã de sexta-feira, observa-se que a maioria das participantes reparte este período entre duas atividades principais. Por um lado, correr ou caminhar foi indicado por 12 mulheres, revelando a importância do exercício físico. Por outro, o convívio com amigos ou família surge logo a seguir, mencionado por 10 participantes. Em seguida, surge levar as crianças a brincar, referido por 8 mulheres, atividade ligada ao lazer familiar. A necessidade de momentos de descanso também está presente, com 6 participantes a assinalarem passar algum tempo sozinhas ou simplesmente a relaxar. Outras utilizações, ainda que menos expressivas, incluem fazer um piquenique ou churrasco (4 respostas), andar de bicicleta (3), passear o cão (3) e estar apenas de passagem a caminho de outro destino (3). Por fim, apenas 1 participante mencionou cuidar do jardim e das plantas.

Relativamente ao sábado de manhã, observa-se uma distribuição de atividades semelhante à registada na sexta-feira, ainda que com um número total de respostas mais reduzido. As práticas mais referidas foram correr ou caminhar (9 respostas) e conviver com amigos ou família (8 respostas), seguidas de passar algum tempo sozinha e relaxar (6 respostas) e levar as crianças a brincar (6 respostas). Outras utilizações, embora menos expressivas, incluem andar de bicicleta (3 respostas), fazer um piquenique ou churrasco (2 respostas) e cuidar do jardim e das plantas (1 resposta).

Em contraste com a sexta-feira, não foram registadas respostas relativas a passear o cão nem a estar apenas de passagem.

Após a análise dos resultados relativos aos dias e horários de maior utilização dos parques, bem como das atividades praticadas por homens e mulheres, torna-se pertinente integrar uma nova variável de leitura: a nacionalidade. Esta dimensão permite complementar a interpretação dos dados, oferecendo uma visão mais abrangente sobre como diferentes grupos culturais se apropriam dos parques urbanos e que práticas se destacam em cada comunidade.

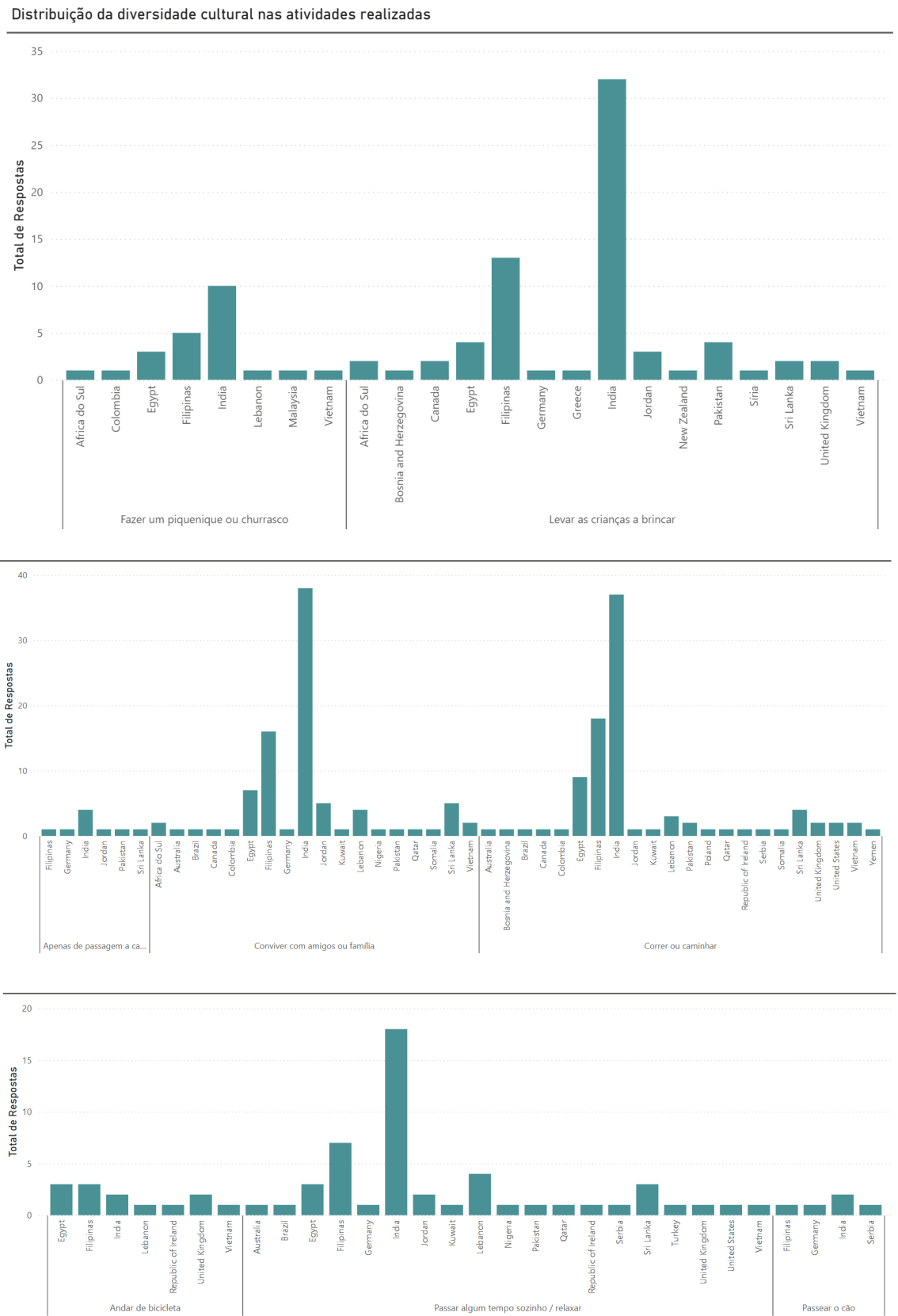


Figura 50 – Distribuição da diversidade cultural nas atividades realizadas. (Fonte: Autor).

Na análise da Figura 50, o aspeto central não é o número absoluto de respostas obtidas por nacionalidade, mas sim a diversidade de nacionalidades representadas em cada atividade. A elevada frequência de respostas numa determinada atividade não constitui, por si só, um indicador de pluralidade cultural, uma vez que essa frequência pode resultar da predominância de uma única nacionalidade. Pelo contrário, a consideração da variedade de nacionalidades permite evidenciar quais as atividades que congregam uma participação mais heterogénea.

Neste enquadramento, a atividade “correr ou caminhar” assume particular relevância, pois não só é a mais praticada em termos gerais, conforme evidenciado na Figura 48, como também apresenta a maior diversidade cultural, reunindo participantes de 22 nacionalidades distintas. Já a atividade “passar algum tempo sozinho e relaxar”, que na Figura 48 ocupa a quarta posição em termos de frequência, surge nesta análise como a segunda atividade com maior diversidade, sendo praticada por indivíduos provenientes de 19 nacionalidades. Através destes dados conseguimos então observar que a diversidade cultural de uma atividade não está diretamente relacionada com a frequência com que é praticada.

Depois de analisada a diversidade de nacionalidades associada a cada atividade, importa agora observar a questão inversa: identificar qual a atividade mais votada em cada nacionalidade. Esta perspetiva permite apresentar as preferências específicas de cada grupo, considerando apenas as cinco nacionalidades com maior expressão na amostra.

Preferência de atividades por nacionalidade - Top 5

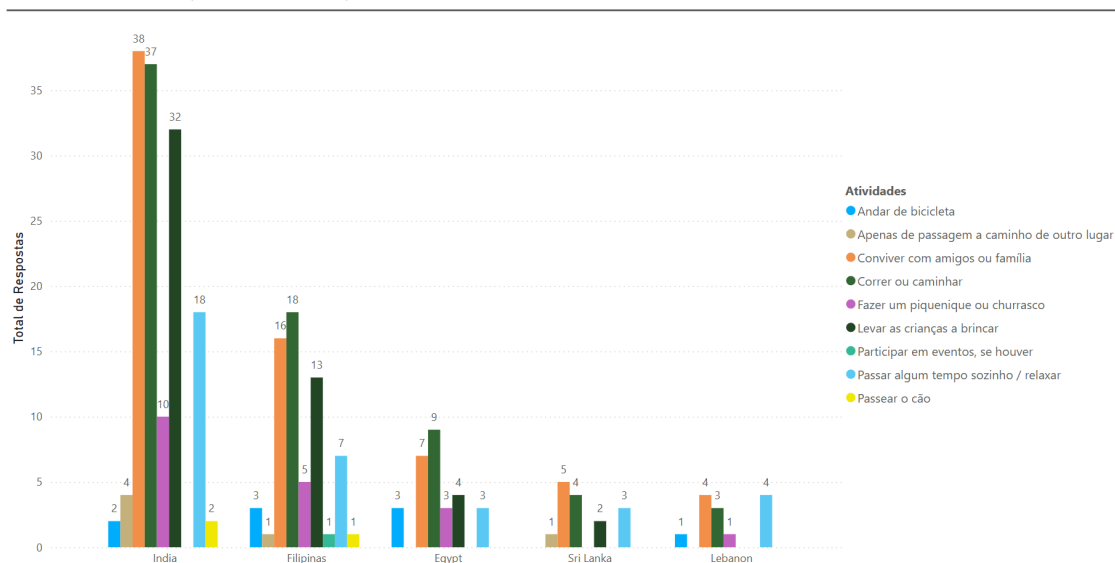


Figura 51 - Preferência de atividades por nacionalidade - Top 5. (Fonte: Autor)

A Figura 51 evidencia as atividades mais votadas pelas cinco nacionalidades com maior expressão na amostra. No caso da Índia, observa-se uma ampla diversidade de atividades praticadas, sendo as mais destacadas “conviver com amigos ou família” (38 respostas), “correr ou caminhar” (37 respostas) e “levar as crianças a brincar” (32 respostas), seguidas ainda de “passar algum tempo sozinho/relaxar” (18 respostas). Entre os Filipinos, verifica-se igualmente uma variedade de opções, embora com maior concentração em “correr ou caminhar” (18 respostas) e “conviver com amigos ou família” (16 respostas), a que se segue “levar as crianças a brincar” (13 respostas). A nacionalidade egípcia apresenta menor dispersão de escolhas, destacando-se sobretudo “correr ou caminhar” (9 respostas) e “conviver com amigos ou família” (7 respostas). No caso do Sri Lanka, sobressai a preferência pela atividade “conviver com amigos ou família” (5 respostas), logo seguida por “correr ou caminhar” (4 respostas). Finalmente, os inquiridos de nacionalidade libanesa apresentam uma distribuição mais equilibrada, com maior incidência em “conviver com amigos ou família” (4 respostas) e “passar algum tempo sozinho/relaxar” (4 respostas), seguidas de “correr ou caminhar” (3 respostas).

Ao observar a figura 52 que integra a totalidade das nacionalidades presentes na amostra, verifica-se que, à medida que a expressão de uma nacionalidade diminui, também a diversidade de atividades praticadas tende a reduzir-se, em contraste com o que se verificou anteriormente. Constata-se, assim, uma relação entre o número de inquiridos pertencentes a uma mesma nacionalidade e a variedade de atividades registadas: quanto maior o número de participantes de uma nacionalidade, maior é a diversidade de atividades por eles praticadas, e vice-versa.

Preferência de atividades por nacionalidade

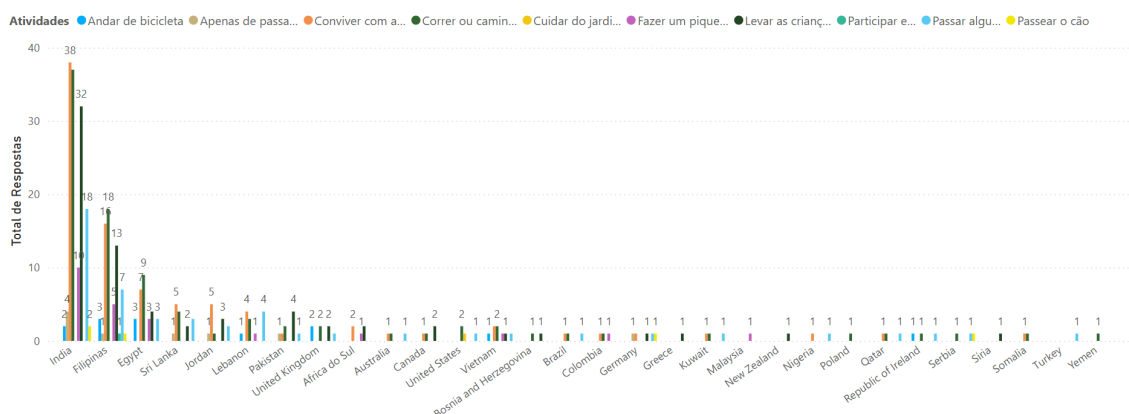


Figura 52 - Preferência de atividades por nacionalidade. (Fonte: Autor)

5.3. Percepções Gerais

Após reunidos os dados relativos a usos específicos, frequências e cruzamentos com género e nacionalidade, a fase final, corresponde à apresentação dos resultados referentes às percepções gerais sobre os parques em Doha.

Percepção da suficiência de parques urbanos em Doha

Existem parques suficientes?

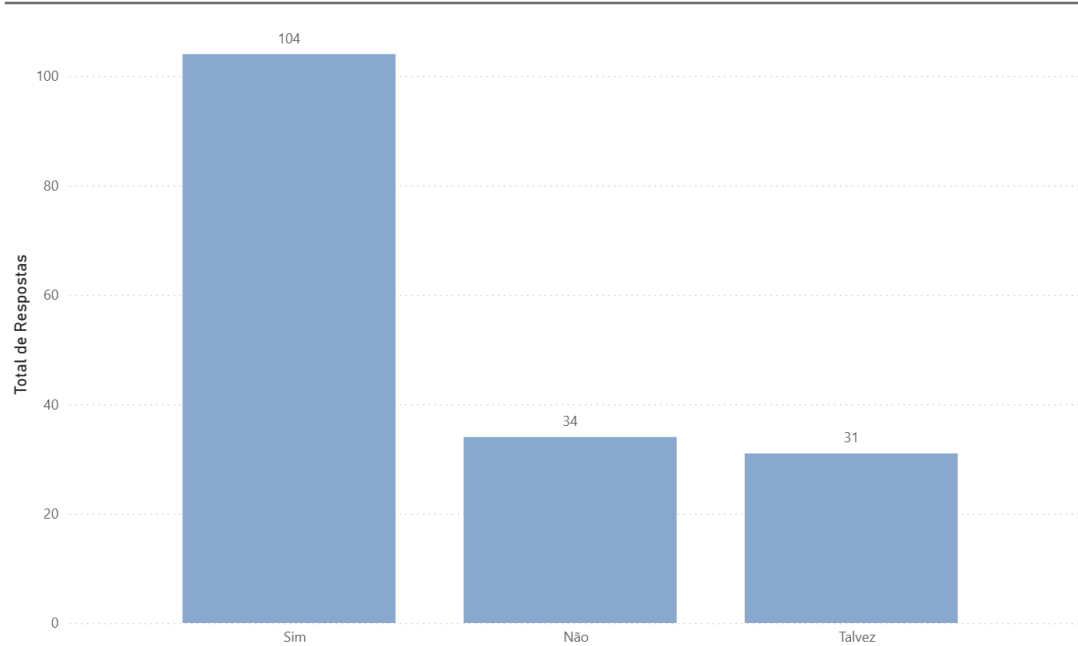


Figura 53 – Percepção da suficiência de parques urbanos em Doha. (Fonte: Autor).

A Figura 53 apresenta a percepção dos inquiridos relativamente à suficiência de parques urbanos em Doha. A maioria das respostas correspondeu à opção “Sim” (104), indicando que consideram existir parques suficientes na cidade. Em contraste, 34 respostas assinalaram a opção “Não”, expressando a percepção de insuficiência, e 31 respostas escolheram a opção “Talvez”, revelando uma posição de incerteza quanto à adequação da oferta existente.

Após estes resultados, procedeu-se ao cruzamento da percepção de suficiência de parques com o tipo de transporte utilizado pela amostra.

Relação entre o modo de transporte e a suficiência de parques em Doha

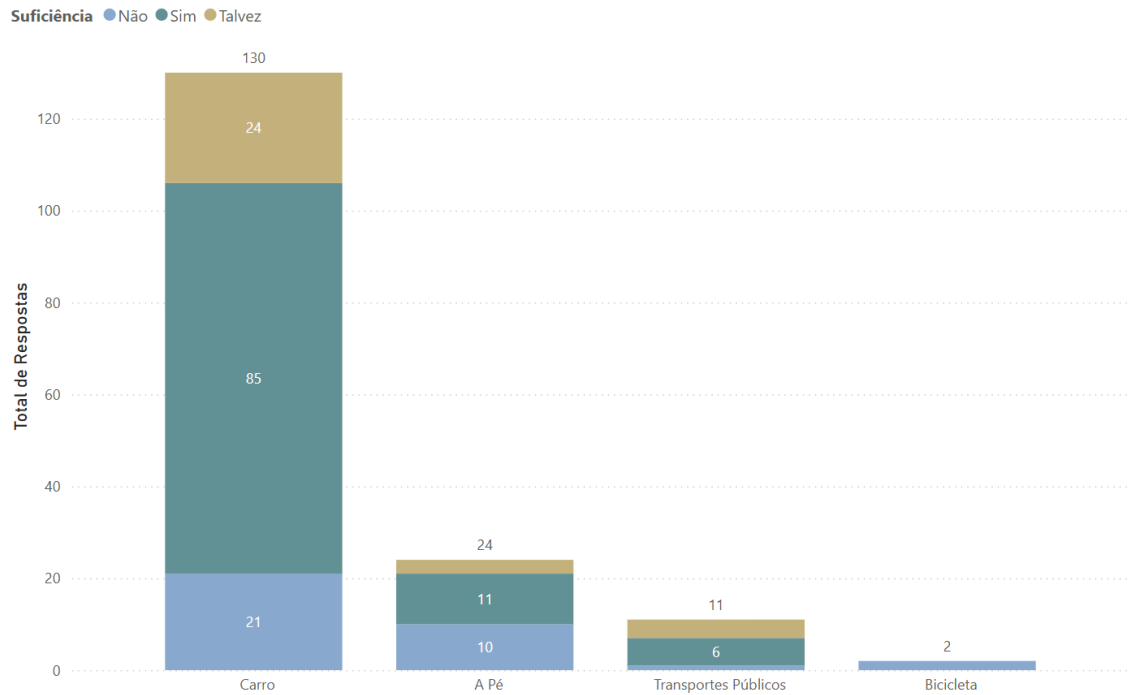


Figura 54 - Relação entre o modo de transporte e a suficiência de parques em Doha (Fonte: Autor).

Os dados mostram que a percepção de suficiência de parques varia de acordo com o modo de transporte. A maioria dos que se deslocam de carro considera que existem parques suficientes (85 respostas), contrastando com valores muito mais baixos nos restantes modos. Entre os que se deslocam a pé, a percepção está bastante dividida: 11 afirmam que sim, 10 que não e 3 que talvez. Nos que utilizam transportes públicos, apesar do número reduzido, predomina também a resposta positiva (7 “sim”), embora haja 4 que se mantêm indecisos. Já entre os que recorrem à bicicleta, todos os inquiridos consideraram que não existem parques suficientes (2 respostas), sem qualquer resposta positiva.

De seguida, procurou-se ainda perceber se os inquiridos consideram que falta algo nos parques.

Percepção sobre a existência de carências nos parques de Doha

Falta algo nos parques?

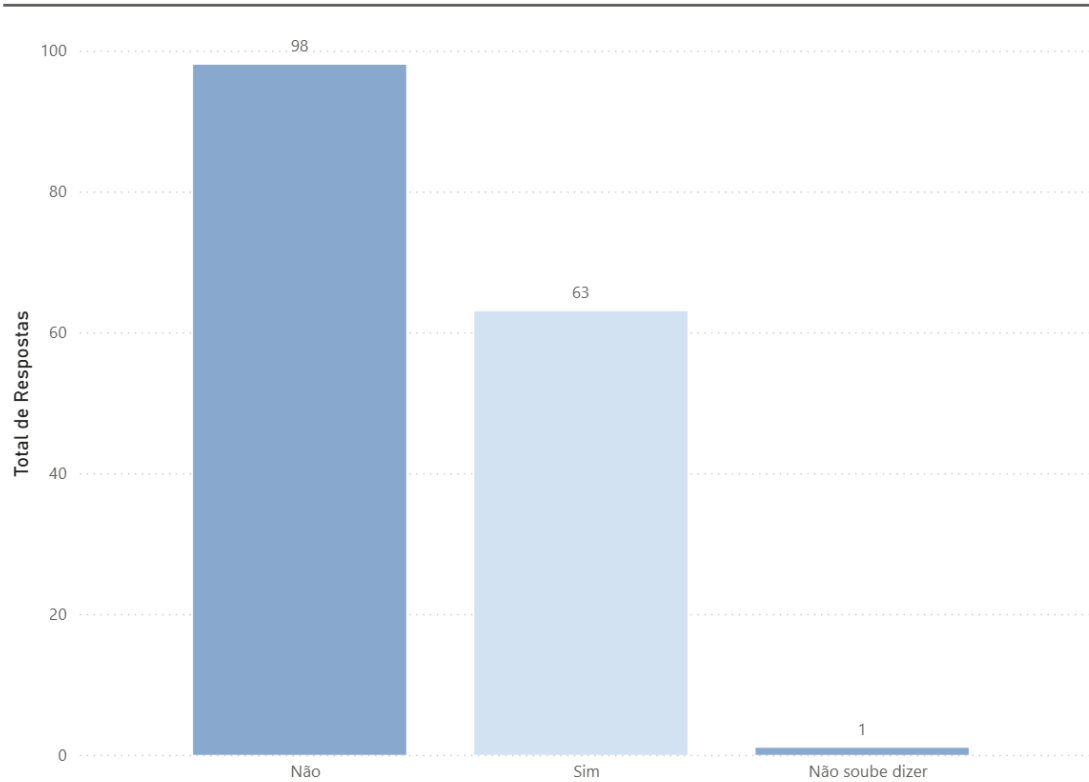


Figura 55 – Percepção sobre a existência de carências nos parques de Doha.(Fonte: Autor).

A Figura 53 apresenta precisamente essa percepção dos inquiridos relativamente à existência de carências nos parques urbanos de Doha. A maioria dos participantes (98 respostas) afirmou não identificar faltas significativas nestes espaços, enquanto 63 respostas indicaram a percepção de que existem aspetos em falta. Apenas um participante referiu não saber responder à questão.

A identificação desta dualidade é fundamental no contexto da investigação, pois fornece a base para, em secções posteriores, explorar de forma mais aprofundada quais são os aspetos concretos que os utilizadores consideram em falta e de que forma estes podem condicionar a experiência nos parques. Assim, este gráfico funciona como ponto de partida para uma leitura crítica que articula a valorização geral dos parques com a identificação de fragilidades, permitindo compreender melhor os desafios associados ao planeamento e à gestão destes espaços em Doha.

Aspetos em falta nos parques , apontados pelos utilizadores

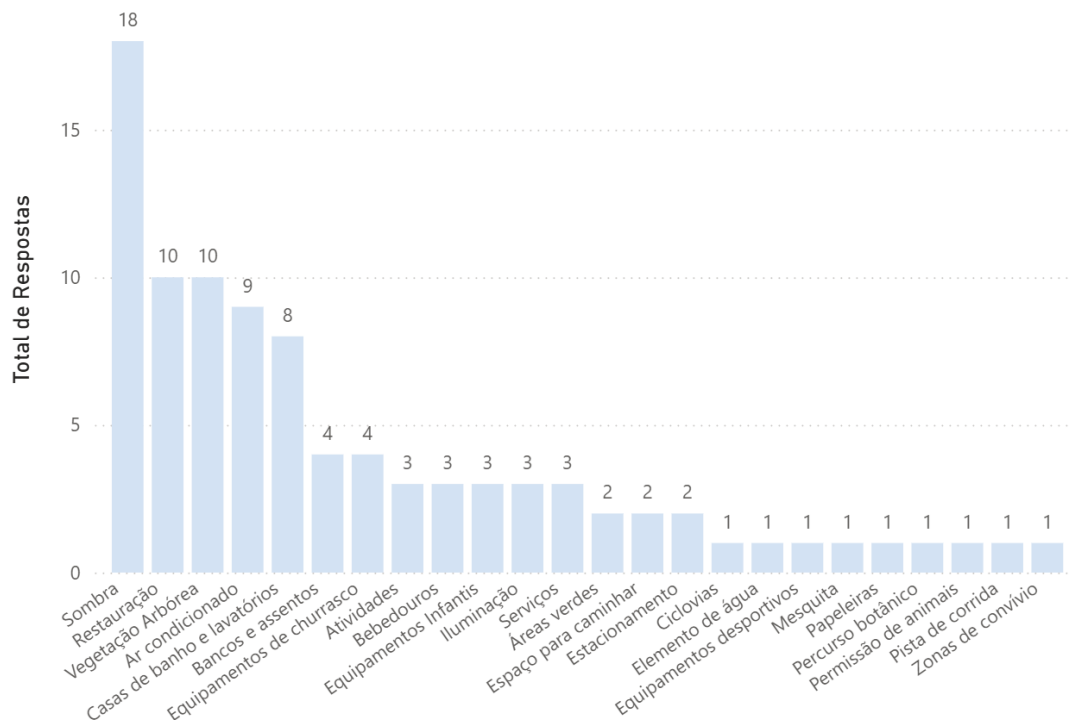


Figura 56 – Aspetos em falta nos parques de Doha, apontados pelos utilizadores (Fonte: Autor).

A Figura 54 detalha as carências específicas identificadas pelos utilizadores nos parques urbanos de Doha. A necessidade mais mencionada foi a de sombra (18 respostas), em seguida, destacaram-se as referências à restauração e à vegetação arbórea (10 respostas cada), seguidas do ar condicionado (9) e das casas de banho e lavatórios (8).

Outros aspetos apontados, embora com menor expressão, incluem a presença de bancos e assentos e equipamentos de churrasco (4 respostas cada), bem como a oferta de atividades, bebedouros, equipamentos infantis e iluminação (3 respostas cada). Registos pontuais (2 respostas cada) referiram ainda a falta de serviços complementares, áreas verdes adicionais, espaços para caminhar, estacionamento e ciclovias.

Por fim, surgiram menções isoladas (1 resposta cada) a equipamentos desportivos, elementos de água, mesquitas, percursos botânicos, papeleiras, permissão de animais, pistas de corrida e zonas de convívio.

O grupo G2, por constituir a minoria da amostra, será analisado especificamente quanto ao que identifica como aspetos em falta nos parques.

Aspetos em falta nos parques - Utilizadores do G2

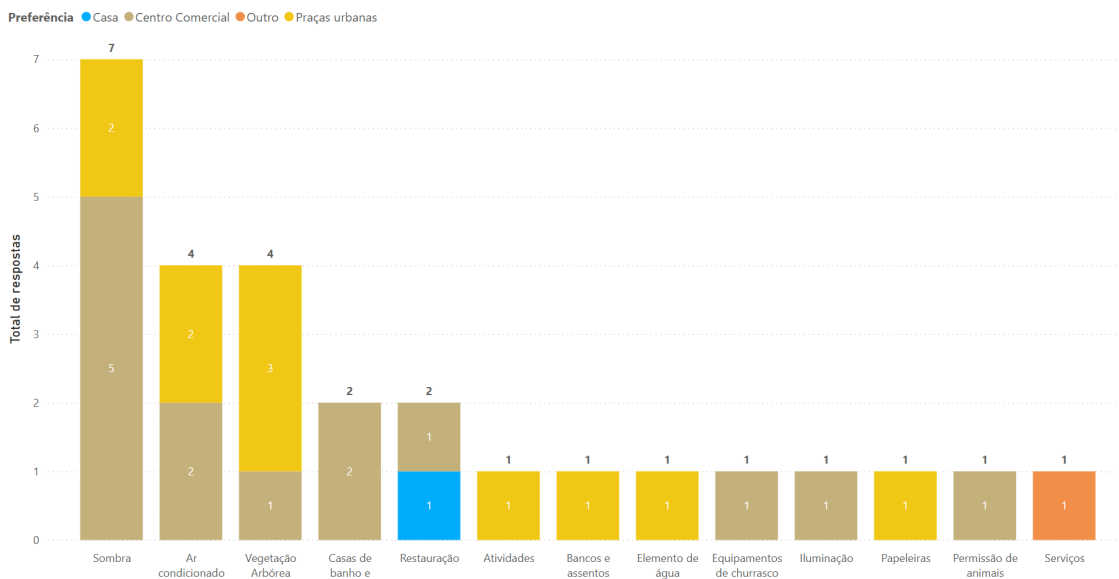


Figura 57 - Aspetos em falta nos parques - Utilizadores do G2. (Fonte: Autor).

A análise da figura permite constatar uma redução significativa no número de aspetos identificados como em falta, em comparação com a figura anterior. A sombra foi o elemento mais referido, em conformidade com os resultados gerais, com 7 respostas. Seguiram-se o ar condicionado e a vegetação arbórea, ambos mencionados em 4 respostas. Entre as carências apontadas surgem ainda as casas de banho (2 respostas) e a restauração (2 respostas). Outros aspetos mencionados, embora de forma pontual (1 resposta cada), incluem a falta de atividades, bancos e assentos, elementos de água, equipamentos de churrasco, iluminação, papeleiras, permissão de animais e serviços.

A nível das respostas abertas:

De forma geral, os comentários dos participantes revelam simultaneamente uma apreciação positiva pelo investimento realizado no Catar em parques urbanos e uma consciência clara das limitações que persistem. Uma das questões mais recorrentes prende-se com a percepção de insuficiência e má distribuição territorial dos parques. Muitos inquiridos defendem a necessidade de criar mais espaços verdes de proximidade, de menor escala, inseridos nos bairros residenciais e acessíveis a pé, em vez de concentrar a oferta em grandes parques centrais.

Outro tema fortemente presente diz respeito ao impacto das condições climáticas, particularmente do calor extremo e prolongado durante grande parte do ano. Diversos comentários apontam que, no verão, a utilização dos parques se torna quase

impossível, o que leva muitas famílias a optar por espaços climatizados, como centros comerciais

No que respeita à qualidade e manutenção, o discurso dos inquiridos é maioritariamente elogioso. Muitos sublinham que os parques são limpos, bem cuidados, seguros e acolhedores, reconhecendo o esforço estatal no seu planeamento e gestão. Ainda assim, foram identificadas lacunas importantes na oferta de infraestruturas complementares, como casas de banho em número adequado, pontos de água potável, estacionamento e áreas de recreio infantil.

Os comentários destacam igualmente a dimensão social e comunitária dos parques, entendidos como espaços centrais para a convivência familiar, para encontros entre amigos e para momentos de relaxamento. São valorizados como ambientes inclusivos e acessíveis, que proporcionam bem-estar físico e mental e que contribuem para o reforço da coesão social. Em muitos testemunhos, esta dimensão é descrita como parte integrante da qualidade de vida urbana, colocando os parques ao mesmo nível que outras infraestruturas fundamentais da cidade.

Paralelamente, surgiram sugestões relativas ao desenho e planeamento destes espaços. Alguns inquiridos consideram que certos parques são excessivamente formais, defendendo abordagens mais orgânicas, diversificadas e adaptadas ao clima local. Houve também sugestões para a criação de corredores verdes que liguem diferentes zonas da cidade, promovendo a mobilidade pedonal e ciclável, aumentando a biodiversidade e reduzindo a dependência do automóvel.

Em síntese, os comentários gerais revelam uma percepção dual: por um lado, um reconhecimento claro dos avanços feitos na criação e manutenção de parques urbanos em Doha, considerados limpos, seguros e bem estruturados; por outro, a identificação de carências persistentes ao nível da distribuição espacial, da adaptação climática e das infraestruturas de apoio. Estas duas dimensões, quando articuladas, fornecem um retrato rico das expectativas e necessidades dos utilizadores, constituindo uma base sólida para orientar intervenções futuras em políticas públicas e em projetos de planeamento e desenho de espaços abertos no Catar.

5.4. Evidências Fotográficas

Como complemento à análise quantitativa e qualitativa, foram também registadas evidências fotográficas que documentam diferentes momentos de utilização dos parques. Estas imagens têm como objetivo ilustrar visualmente padrões de apropriação e de permanência já discutidos nos resultados, reforçando a sua interpretação.

A maioria das fotografias foram captadas após as 17h00, período que correspondeu à possibilidade prática de deslocação aos parques, mas também ao momento em que as condições climáticas se tornavam mais favoráveis à permanência ao ar livre. Esta circunstância é, por si só, reveladora da influência do clima nas práticas de lazer em Doha.

As imagens apresentadas procuram fornecer uma leitura complementar, de carácter ilustrativo, que ajuda a materializar visualmente os padrões descritos ao longo do capítulo dos resultados, tendo sido agrupadas por períodos do dia em diversos parques para clarificar a frequência de utilização e os padrões horários.

A discussão dos resultados inicia-se pela análise sequencial das observações, organizada do mais cedo para o mais tarde, de modo a evidenciar a evolução do uso dos espaços ao longo do dia. Neste enquadramento, destaca-se um caso excecional registado no Oxygen Park na Education City, um parque situado em campus académico, onde, durante um período de observação de aproximadamente três horas, à hora de almoço, não foram identificados utilizadores pedonais, verificando-se apenas deslocações em automóvel. A elevada temperatura, que inviabilizava percursos pedonais, estimados em cerca de 20 minutos, obrigou inclusivamente à utilização de transporte motorizado no interior do parque, reforçando a percepção de que, em contextos climáticos extremos, a fruição pedonal é fortemente condicionada e a mobilidade depende quase exclusivamente de veículos. Apesar da existência de percursos pedonais e de corrida/cicláveis sombreados, estes não se encontravam em utilização (Figuras 59 e 61). Na Figura 60 observa-se uma sala climatizada, com temperaturas bastante frescas, destinada a permitir que os alunos assistissem aos jogos que decorriam no campo em frente ou, simplesmente, usufríssem do espaço, ainda assim, durante o período de observação não foi registada qualquer presença. Situação idêntica verificou-se em diversos bancos totalmente sombreados e, no caso ilustrado pela Figura 62, nos socacos, cuja fotografia foi captada no período de almoço, não tendo igualmente sido registado qualquer uso.



Figura 58 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025, 12h55 (Fonte: Autor).



Figura 59 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025, 13h04 (Fonte: Autor)



Figura 60 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,13h04 (Fonte: Autor)



Figura 61 - Oxygen Park, Quarta-feira 07 de Maio de 2025,13h05 (Fonte: Autor)



Figura 62 - Oxygen Park, Quarta-feira, 07 de Maio de 2025, 13h10 (Fonte: Autor)

A seguir temos imagens do MIA Park ao final da tarde de uma sexta-feira, onde se observa uma crescente concentração de pessoas à medida que as horas avançam, embora mantendo sempre o regime de convívio. Os utilizadores transportavam as suas próprias cadeiras e mesas, de forma a permanecerem confortavelmente em grupo, sendo frequente estarem acompanhados de alimentos para pequenos piqueniques. Para além desta ocupação e considerando a dimensão relativamente reduzida do parque, encontravam-se ainda veículos do próprio espaço destinados ao transporte dos visitantes de uma extremidade à outra (Figura 67). Após o pôr do sol, como ilustrado na Figura 68, a concentração e densidade dos núcleos de convívio aumentava significativamente, abrangendo tanto grupos numerosos como grupos mais pequenos.



Figura 63 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)



Figura 64 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)



Figura 65 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h05 (Fonte: Autor)



Figura 66 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h07 (Fonte: Autor)



Figura 67 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 18h08 (Fonte: Autor)



Figura 68 - MIA Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 19h36 (Fonte: Autor)

A partir deste ponto apresentam-se fotografias captadas nos parques em horários mais tardios, onde é possível observar uma diversidade de atividades. Os piqueniques assumem particular relevância, sobretudo no Mina Park (Figura 70), onde se registam vários grupos munidos de diferentes alimentos, mesas e cadeiras, reunindo-se para este fim. Paralelamente, observam-se também numerosos grupos dedicados à prática

desportiva, que recorrem aos seus próprios acessórios para criar, por exemplo, um campo de futebol, como ilustrado na Figura 71.

No entanto, ao deslocarmo-nos para o Al Muntazah Park, a um sábado à noite, observam-se igualmente vários grupos em convívio, mas num regime mais informal, apropriando-se dos relvados de forma mais espontânea e tirando partido das colinas para maior conforto. Identificam-se, neste caso, duas abordagens distintas: grupos que optam por permanecer junto aos postes de iluminação e outros que escolhem áreas consideravelmente mais escuras.

Neste parque, embora não ter sido possível registar fotograficamente, foi igualmente possível observar vários grupos a praticar jogos tradicionais das suas culturas, sobretudo concentrados nos limites do espaço.

Numa deslocação realizada após a meia-noite a um dos parques mais afastados do centro de Doha, procurou-se verificar se existia atividade a horas tão tardias. No Aspire Park foi observada apenas uma presença muito reduzida, de cerca de dez pessoas, não se registando um uso significativo do espaço. Contudo, do outro lado da rua encontrava-se uma elevada concentração de crianças acompanhadas pelos pais, envolvidas em diversas atividades. O ambiente era particularmente dinâmico, com várias famílias reunidas na zona mais iluminada, fazendo uso de comida, bebida, cadeiras ou mantas. O campo de futebol encontrava-se repleto de crianças a jogar (Figura 79). Apesar de a concentração se restringir a uma área relativamente reduzida, por corresponder à parte mais iluminada, tratou-se do momento do dia em que se observou a maior intensidade de convívio.



Figura 69 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h13 (Fonte: Luís Castro)



Figura 70 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h16 (Fonte: Luís Castro)



Figura 71 - Mina Park, Sexta-feira, 10 de Abril de 2025, 22h48 (Fonte: Luís Castro)



Figura 72 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 22h13 (Fonte: Autor)



Figura 73 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h56 (Fonte: Autor)



Figura 74 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h57 (Fonte: Autor)



Figura 75 - Al Muntazah Park, Sexta-feira, 09 de Maio de 2025, 23h59 (Fonte: Autor)



Figura 76 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h06 (Fonte: Autor)



Figura 77 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h07 (Fonte: Autor)



Figura 78 - Al Muntazah Park, Sábado, 10 de Maio de 2025, 00h09 (Fonte: Autor)



Figura 79 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h32 (Fonte: Luís Castro)



Figura 80 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h50 (Fonte: Luís Castro)



Figura 81 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 00h57 (Fonte: Luís Castro)



Figura 82 - Aspire Park, Sexta-feira, 25 de Abril de 2025, 01h13 (Fonte: Luís Castro)

6. Discussão dos resultados

A discussão que se segue procura responder às questões de investigação orientadoras, evidenciando como os resultados obtidos se relacionam com o contexto urbano e social de Doha. Procura-se, assim, compreender de que modo os padrões de uso e percepção dos parques urbanos em Doha se articulam com fatores demográficos, culturais e ambientais, bem como identificar as implicações que emergem para o planeamento e gestão destes espaços.

Apesar das condições climáticas extremas que caracterizam Doha, com temperaturas muito elevadas e níveis significativos de humidade durante grande parte do ano, a esmagadora maioria dos inquiridos indicou preferir os parques como espaço de lazer. Este resultado evidencia a centralidade que estes espaços assumem na vida quotidiana, funcionando como locais de encontro, convivência e recreio, mesmo num cenário em que a vivência ao ar livre é condicionada por barreiras ambientais adversas.

A literatura confirma esta aparente contradição: embora o clima árido imponha limitações à permanência prolongada em espaços exteriores, a procura por parques subsiste como expressão de uma sociabilidade em transformação, ligada a novas práticas urbanas que reconfiguram a relação entre população e espaço público (Wiedmann & Salama, 2012; Salama, 2013). Assim, os parques em Doha emergem como infraestruturas sociais e ambientais de elevada importância, cujo estudo permite revelar não apenas padrões de utilização, mas também dinâmicas culturais e condicionantes materiais que moldam a experiência urbana.

6.1. Frequência de utilização: dois perfis distintos

Ao observar a frequência de utilização dos parques e segmentando os participantes em dois grupos (G1 – prefere parques; G2 – não prefere parques), emergem padrões distintos (Figura 40 e Figura 41). No G1, predomina a frequência semanal, o que sugere que este grupo utiliza os parques de forma recorrente, encontrando forma de os frequentar em diferentes condições, mesmo quando o desconforto térmico é elevado. Já no G2, a utilização revela-se mais irregular e marcadamente sazonal, concentrada sobretudo nos meses de inverno.

Esta diferença permite levantar duas leituras complementares. Por um lado, quem prefere parques (G1) parece disposto a enfrentar constrangimentos ambientais para manter a sua prática de lazer ao ar livre, o que pode ser lido como um sinal da centralidade que os parques assumem no quotidiano deste grupo. Por outro, quem não prefere parques (G2) não exclui estes espaços, mas condiciona a sua visita ao período em que o clima se torna mais favorável. Neste caso, a barreira não será tanto a falta de interesse, mas antes a percepção de ausência de condições adequadas para uma vivência confortável.

Importa ainda notar que, dentro do próprio G1, existe também uma fração de utilizadores que visita os parques de forma sazonal, igualmente concentrada no inverno. Esta coincidência reforça a ideia de que o clima constitui um fator transversal a todos os grupos, embora com efeitos diferentes: enquanto alguns resistem e adaptam as suas práticas, outros ajustam-se ao calendário climático, evidenciando a dificuldade em manter um uso constante durante o verão.

Estes resultados alinham-se com o que a literatura descreve relativamente ao impacto do clima no Catar, onde as barreiras ambientais, calor extremo, humidade elevada e tempestades de poeira, limitam fortemente a utilização dos espaços exteriores (Brown & Gharipour, 2019). No entanto, confirmam também que, apesar destes constrangimentos, existe um desejo persistente de usufruir do ar livre, traduzido em padrões de visita regulares ou sazonais, mas nunca em rejeição absoluta.

Neste ponto, importa reforçar a distinção entre preferência e uso condicionado: enquanto o G1 demonstra como os parques se tornam centrais no quotidiano urbano, mesmo sob condições adversas, o G2 revela sobretudo a importância do conforto ambiental como critério decisivo. Esta diferenciação será essencial para compreender os resultados seguintes.

Neste sentido, a identificação destes dois perfis de utilização (regular e sazonal). A forma como os diferentes grupos organizam as suas visitas aos parques ajuda a compreender as motivações, os constrangimentos e as expectativas que moldam a relação dos habitantes de Doha com o espaço público.

6.2. Padrões semanais e diários de utilização

A análise da frequência semanal revela tendências consistentes com o contexto cultural catari. Os dias mais mencionados como de maior utilização são quinta-feira, sexta-feira e sábado, correspondendo ao fim de semana local (Figura 46). Esta concentração sugere que a disponibilidade de tempo livre poderá constituir um fator determinante para a visita aos parques, indiciando uma forte ligação entre lazer e ritmos sociais.

Em termos de frequência diária, o final da tarde surge como o período mais referido ao longo de toda a semana, evidenciando a procura por temperaturas mais suportáveis após o pôr-do-sol, um comportamento identificado na literatura como parte da chamada “cultura da noite” característica das sociedades do Golfo (Wiedmann & Salama, 2012). Ainda assim, durante o fim de semana, o período da manhã ganha maior relevância, sobretudo à sexta-feira, quando muitas famílias parecem aproveitar as horas mais frescas do dia e a ausência de trabalho para realizar atividades ao ar livre.

A leitura conjunta destas duas escalas permite identificar padrões mais claros. À sexta-feira, dia sagrado e de reunião familiar, a predominância de atividades matinais poderá estar associada tanto à amenidade climática desse período como à rotina social e religiosa que caracteriza esse dia (Wiedmann, Salama & Thierstein, 2012). Já à quinta-feira, véspera do fim de semana, observa-se uma maior permanência nos parques até à noite, o que pode sugerir procura por lazer e descontração antes do dia de descanso. O sábado, por sua vez, apresenta uma distribuição mais diversificada, dividindo-se entre manhã e final da tarde, de acordo com a flexibilidade de horários das famílias e a adaptação às condições térmicas.

Quando se introduz a variável género, emergem diferenças relevantes. Durante a semana, o uso revela-se relativamente equilibrado entre homens e mulheres. Contudo, à sexta-feira verifica-se uma distinção clara: as mulheres concentram-se maioritariamente no período da manhã, enquanto os homens tendem a frequentar os parques sobretudo ao final da tarde. Já ao sábado, as mulheres distribuem-se de forma quase equilibrada entre manhã e final da tarde, ao passo que os homens se repartem de modo semelhante entre o final da tarde e a não utilização dos parques nesse dia.

Se analisarmos com maior detalhe as atividades realizadas pelas mulheres no período da manhã, verifica-se que estas se centram sobretudo no convívio familiar, no acompanhamento das crianças ou em momentos individuais de descanso e relaxamento. Embora em número absoluto inferior ao dos homens, as mulheres parecem privilegiar o usufruto dos parques nas horas mais frescas do dia, comportamento que poderá estar relacionado com a necessidade de conciliar responsabilidades familiares com a utilização dos espaços públicos.

A literatura confirma que, no Catar, as práticas de lazer feminino permanecem condicionadas por papéis de género e por dinâmicas familiares, o que ajuda a enquadrar a preferência por horários que conciliem vida doméstica e lazer ao ar livre (Wiedmann & Salama, 2012). Já os homens apresentam maior presença ao final do dia, o que sugere que a sua participação em atividades recreativas ao ar livre é menos restringida por estes fatores sociais.

Assim, a análise combinada da frequência semanal, da frequência diária e da variável Género mostra que a utilização dos parques é moldada por uma articulação complexa entre fatores climáticos, sociais e culturais. Este cruzamento permite compreender melhor as condições que favorecem ou limitam a presença de diferentes grupos ao longo do tempo, preparando o terreno para discutir aspetos de acessibilidade e mobilidade.

Neste sentido, a leitura combinada dos dados empíricos e da literatura sugere que os parques no Catar não apenas refletem, mas também reproduzem as dinâmicas sociais que estruturam a utilização diferenciada do espaço público por género.

6.3. Transporte, tempo de deslocação e acessibilidade

A frequência de utilização dos parques mostra-se também relacionada com o meio de transporte utilizado. No grupo G1, que prefere parques, o automóvel surge de forma transversal em todas as frequências de utilização, sugerindo uma forte dependência deste modo de transporte. Já o deslocar-se a pé concentra-se sobretudo nos que frequentam semanal ou diariamente, o que indica proximidade entre residência e parque, hipótese confirmada pelos dados do tempo de deslocação, onde a maioria dos que vão a pé demora até 10 minutos. No G2, o ir a pé mantém uma presença constante, mas associado a visitas menos regulares, o que sugere que, embora existam parques próximos, o clima desfavorável pode limitar a prática regular.

O cruzamento entre meios de transporte e parques mais mencionados permite compreender melhor as diferenças de acessibilidade. O Al Bidda Park destaca-se pelo elevado número de utilizadores que se deslocam de carro, beneficiando de um parque de estacionamento subterrâneo de grandes dimensões. Simultaneamente, é também o parque mais acedido por transporte público, evidenciando uma boa integração com a rede de autocarros e metro. O MIA Park apresenta um perfil semelhante, ainda que com menor diversidade de acessos. O Aspire Park, pelo contrário, é visitado exclusivamente de carro, refletindo a sua localização periférica e o tempo elevado de deslocação em transporte público. Já o Al Muntazah evidencia maior número de utilizadores a deslocarem-se a pé, reforçando a ideia de proximidade com áreas residenciais e acessibilidade pedonal.

Deste modo, torna-se possível distinguir dois perfis de vivência: por um lado, parques de destino, como o Aspire, que exigem planeamento prévio e deslocações mais longas, quase sempre de carro, por outro, parques de proximidade, como Al Muntazah, inseridos no quotidiano das comunidades locais e acessíveis sobretudo a pé. Esta distinção ajuda a compreender não apenas como os parques são alcançados, mas também como são apropriados no dia a dia.

Os dados revelam igualmente que a utilização do carro não se explica apenas pela distância. É plausível assumir que as condições climáticas extremas reforçam a preferência pelo transporte motorizado, oferecendo maior conforto térmico face a deslocações pedonais ou em transporte público. Assim, mesmo em casos de proximidade relativa, o automóvel mantém-se como a opção dominante.

A análise evidencia ainda desigualdades na acessibilidade. Só o Al Bidda Park e, em menor grau, o MIA Park, apresentam uso significativo de transportes públicos. Os restantes parques ficam praticamente inacessíveis a quem não dispõe de carro. Esta situação confirma a literatura que identifica a dependência estrutural do automóvel como uma barreira ao acesso equitativo aos parques, sobretudo para grupos de baixo rendimento que residem em zonas periféricas com cobertura insuficiente de transportes públicos (Salama & Wiedmann, 2013). Pode-se assim considerar que a integração com a rede de mobilidade condiciona a diversidade dos utilizadores, limitando a experiência de inclusão social que os parques poderiam oferecer.

6.4. Atividades desenvolvidas nos parques

Depois de analisados os padrões de frequência e de acesso, importa compreender em maior detalhe o modo como os parques são efetivamente vividos. As respostas sobre as atividades realizadas fornecem indicações valiosas sobre as funções que estes espaços assumem no quotidiano dos utilizadores e sobre as motivações que sustentam a sua escolha enquanto locais de lazer.

Entre as várias opções apresentadas, uma das menos escolhidas foi a de atravessar o parque apenas como trajeto para outro destino. Este resultado sugere que, para a maioria dos inquiridos, os parques não são entendidos como espaços de passagem, mas como locais de permanência, associados a uma intenção clara de usufruto.

A partir desta constatação, torna-se evidente que os parques são valorizados enquanto destinos em si mesmos, desempenhando um papel que ultrapassa a simples função de ligação dentro da cidade. Mais do que corredores de mobilidade, configuram-se como lugares de encontro, lazer e descanso, dotados de significado próprio para os utilizadores.

Neste enquadramento, destacam-se as atividades mais mencionadas, que ajudam a caracterizar a natureza multifuncional destes espaços: correr ou caminhar, conviver com amigos ou família, levar as crianças a brincar e passar algum tempo sozinho/relaxar. Estas escolhas revelam que os parques dão resposta a diferentes necessidades, desde a prática de exercício físico até à procura de sociabilidade e bem-estar psicológico. A literatura confirma esta versatilidade, apontando que, no contexto de Doha, os parques se afirmam simultaneamente como extensão da vida familiar e comunitária e como cenários de lazer ativo, mesmo num ambiente climático exigente (Salama, 2013).

Tendo em conta esta diversidade de usos, importa agora compreender como estas práticas se distribuem entre diferentes grupos sociais, começando pelas diferenças de género.

6.4.1. Diferenças de género

Ao analisar mais em detalhe a distribuição destas atividades, torna-se evidente que o fator género introduz padrões distintos de utilização. Embora os homens surjam em maior número em todas as práticas, resultado da sua sobre representação na amostra, observa-se que as mulheres se concentram sobretudo em atividades ligadas ao usufruto individual ou familiar, como relaxar ou acompanhar crianças. Esta diferença sugere que a apropriação feminina dos parques tende a ocorrer em contextos mais familiares ou controlados, o que é consistente com a literatura que assinala o peso das normas sociais e da percepção de segurança no uso do espaço público (Al-Azri, 2012; Al-Mohannadi et al., 2023; Wiedmann et al., 2012).

Ainda que em número absoluto inferior, as mulheres evidenciam preferências que a literatura já identificava: práticas de lazer condicionadas por papéis de género e por dinâmicas familiares, refletindo uma apropriação condicionada dos espaços exteriores (Wiedmann, Salama & Thierstein, 2012). Assim, os resultados sugerem que, mesmo em espaços relativamente inclusivos como os parques urbanos, permanecem barreiras sociais que influenciam a sua utilização.

6.4.2. Diferenças por nacionalidade

Se, por um lado, o género evidencia desigualdades ligadas a papéis sociais, por outro, a variável nacionalidade acrescenta uma dimensão adicional à leitura das atividades. A análise mostra que os grupos filipino e indiano surgem com maior destaque em quase todas as práticas, desde o convívio social ao desporto, passando pelo acompanhamento das crianças e pelo lazer individual. Esta predominância poderá estar relacionada com o peso demográfico destas comunidades em Doha, mas também com o valor atribuído ao espaço público como lugar de encontro. A literatura confirma que, para muitas comunidades migrantes, os parques desempenham funções de pertença e integração, constituindo espaços onde se mantêm redes sociais e se constrói sentido de comunidade num contexto marcado pela mobilidade laboral (Salama & Wiedmann, 2013).

Nas atividades de convívio e desporto, observa-se ainda maior diversidade de origens, o que sugere que os parques funcionam como pontos de encontro interculturais. Esta diversidade é particularmente relevante num país onde a população nacional é minoritária, reforçando a ideia de que os parques urbanos assumem um papel inclusivo ao permitir práticas partilhadas entre grupos sociais distintos. Ao cruzar a nacionalidade com a quantidade de atividades praticadas, verifica-se que, quanto maior o número de

indivíduos de uma determinada nacionalidade, maior é também a diversidade de práticas registada. Este resultado pode sugerir a existência de um sentido de comunidade entre os expatriados, uma vez que as nacionalidades menos representadas na amostra se associam sobretudo a atividades individuais e à prática desportiva.

6.4.3. Padrão entre movimento e tranquilidade

Ao cruzar estas variáveis com os tipos de atividades, emerge ainda um contraste significativo entre usos associados a maior movimento, como convívio ou desporto, e outros mais ligados à tranquilidade, como relaxamento ou lazer individual. Embora esta diferença possa, à primeira vista, parecer contraditória, ela reflete uma procura diversificada de funções, possivelmente relacionada tanto com o ritmo intenso da vida profissional como com a ausência das famílias de muitos migrantes. Nestes casos, os parques assumem-se simultaneamente como espaços de convívio coletivo e como refúgios individuais.

Este equilíbrio confirma o que a literatura descreve como apropriações múltiplas dos espaços verdes, em que a diversidade de funções se torna essencial para garantir a sua relevância social (Brown & Gharipour, 2019). Assim, no contexto de Doha, os parques não apenas acomodam diferentes perfis de utilizadores, como também integram práticas que oscilam entre movimento e calma, respondendo de forma plural às necessidades de quem os frequenta.

6.5. Pontos positivos e aspetos em falta

Após analisadas as atividades desenvolvidas nos parques, torna-se relevante compreender como os utilizadores avaliam a qualidade e suficiência destes espaços. Esta dimensão é essencial porque permite perceber não apenas o que já é valorizado, mas também o que é considerado em falta, ajudando a explicar as diferenças entre grupos de utilizadores e a sua relação com a frequência de uso.

A análise dos pontos positivos evidencia uma clara valorização da vegetação, dos percursos destinados à corrida e caminhada, das áreas sombreadas, dos espaços infantis, da presença de elementos de água e ainda de cafés ou quiosques. Estes aspetos estão em estreita correspondência com as atividades mais praticadas, confirmando a centralidade dos parques enquanto lugares de lazer familiar, prática desportiva e convívio multicultural. A valorização de elementos como sombra, vegetação, cafés ou quiosques sugere também que os utilizadores procuram condições que lhes permitam prolongar a permanência nos parques. Mais do que visitas rápidas,

há uma procura por experiências de estadia, associadas ao lazer familiar, ao convívio social ou ao descanso.

A literatura confirma que, no contexto catari, a multifuncionalidade dos parques responde a diferentes camadas de necessidades, funcionando como prolongamento da vida comunitária em ambientes que conciliam exercício, descanso e sociabilidade (Salama, 2013).

Importa salientar que as percepções do G1, grupo que já frequenta regularmente os parques, são relevantes porque revelam os aspetos mais valorizados e as melhorias desejadas na experiência atual. No entanto, o olhar do G2 assume particular importância por permitir identificar as barreiras que limitam uma utilização mais frequente. Enquanto o G1 mostra como os parques são vividos, o G2 evidencia o que ainda falta para que visitantes ocasionais se tornem utilizadores regulares. Este grupo continua a frequentar estes espaços, mas fá-lo de forma mais esporádica, sobretudo sazonal ou mensalmente. Tal sugere que não rejeitam os parques, mas apenas os utilizam quando as condições lhes são mais favoráveis. Entre as necessidades mais referidas destacam-se a ausência de sombra suficiente, a falta de soluções de arrefecimento artificial (como ar condicionado) e a escassez de vegetação arbórea. Estas percepções estão alinhadas com a literatura, que sublinha as limitações impostas pelo clima árido e pela falta de sombreamento adequado como barreiras determinantes ao uso contínuo dos parques (Al-Hosani et al., 2023; Mohammed et al., 2022). Assim, mesmo os utilizadores que expressam menor preferência pelos parques revelam vontade em usufruir deles, mas condicionada pela inexistência de condições de conforto ambiental.

Para além da avaliação dos elementos internos dos parques, importa também considerar a percepção global sobre a sua suficiência. Uma parte dos inquiridos considera que Doha já possui parques suficientes, porém, muitos destacam a sua distribuição desigual, que condiciona o acesso diário. Esta percepção torna-se mais relevante quando articulada com os resultados sobre transportes e acessibilidade (secção 6.3), que evidenciam a dependência estrutural do automóvel e a integração limitada de alguns parques nas redes de mobilidade. Assim, a percepção de insuficiência não se prende apenas com o número de parques, mas também com a sua implantação no território e a facilidade de acesso.

Em síntese, os resultados evidenciam que a procura pelos parques em Doha é clara e transversal, mas a sua utilização depende tanto da qualidade das infraestruturas internas (sombra, vegetação, equipamentos) como da suficiência da rede no tecido urbano, num desafio simultaneamente qualitativo e quantitativo.

7. Diretrizes

O presente capítulo tem como objetivo transformar os resultados discutidos no capítulo anterior em orientações de carácter operativo, capazes de informar o planeamento e o desenho dos parques urbanos em Doha. Enquanto a discussão dos resultados (Cap. 6) procurou interpretar de que forma as práticas de utilização se articulam com condicionantes ambientais, sociais e de acessibilidade, este capítulo avança um passo adicional: traduz essas leituras em diretrizes projetuais.

A pertinência deste exercício reside no facto de os dados revelarem não apenas padrões de uso, mas sobretudo barreiras estruturais que condicionam a apropriação plena dos parques. Mais do que aspetos pontuais, essas barreiras cruzam dimensões diversas, como frequência, acessibilidade, conforto ambiental, género, nacionalidade e tipo de atividades, que apontam para desafios transversais ao quotidiano urbano de Doha.

Assim, o objetivo do capítulo não é propor soluções finais ou modelos fechados de intervenção, mas antes delinear linhas de ação que possam orientar práticas futuras de planeamento e gestão. As diretrizes aqui apresentadas emergem da análise crítica dos resultados empíricos, em diálogo com a literatura e com o contexto específico da cidade, e procuram destacar quais as condições essenciais para que os parques se tornem espaços mais inclusivos, acessíveis e adequados às necessidades da população.

7.1.1. Conforto ambiental

O clima árido de Doha emerge como a barreira mais estrutural à utilização plena dos parques urbanos. A sua influência não se limita à sazonalidade das visitas, concentradas sobretudo nos meses de inverno, mas atravessa diferentes dimensões da experiência dos utilizadores. Observou-se que tanto a frequência semanal como a diária são moldadas pelas condições ambientais, com destaque para a preferência pelo final da tarde e pela manhã, quando as temperaturas se tornam mais suportáveis. Do mesmo modo, a mobilidade revela sinais claros desta condicionante: a predominância do automóvel, mesmo em casos de relativa proximidade, pode ser interpretada como uma estratégia de proteção face ao desconforto térmico. A percepção dos utilizadores confirma esta leitura, já que entre os aspetos mais frequentemente referidos como em falta surgem a sombra, a vegetação arbórea e soluções de arrefecimento.

Neste enquadramento, o calor não deve ser entendido apenas como uma limitação inevitável, mas como uma barreira cuja intensidade é agravada pela insuficiência de mecanismos de mitigação ambiental. A ausência de estratégias eficazes de sombreamento, de vegetação adaptada ao contexto climático e de dispositivos que reduzam a exposição direta ao calor transforma a utilização regular em prática difícil de manter. A procura persistente pelos parques, ainda que em condições adversas, sugere que o problema não reside na falta de interesse, mas na inexistência de condições adequadas para usufruir desses espaços de forma continuada.

Deste modo, a melhoria do conforto ambiental deve ser encarada como condição central de inclusão e regularidade de uso, e não apenas como um detalhe de desenho. Estratégias que reforcem o sombreamento, que garantam ventilação natural adequada e que explorem soluções tecnológicas de arrefecimento em pontos estratégicos podem constituir linhas de ação prioritárias. Para além disso, importa que o conforto térmico seja assegurado não apenas em áreas de estadia prolongada, mas também nos percursos internos e acessos, de modo a incentivar a mobilidade pedonal e a integração dos parques no quotidiano urbano.

7.1.2. Acessibilidade e mobilidade

Para além das condicionantes ambientais, a acessibilidade surge como uma barreira estrutural que limita a apropriação plena dos parques urbanos em Doha. Os resultados revelaram uma forte dependência do automóvel, transversal a todos os perfis de utilizadores, sugerindo que este modo de transporte não se explica apenas pela distância, mas também pela necessidade de conforto face às condições climáticas extremas. Ainda assim, a forma como os parques se distribuem e se articulam com a rede de mobilidade mostra desigualdades claras. Enquanto parques como o Al Bidda ou, em menor grau, o MIA, beneficiam de integração com o transporte público, outros, como o Aspire, permanecem praticamente inacessíveis sem carro. Já o Al Muntazah, por se localizar junto a áreas residenciais, evidencia maior utilização pedonal, revelando a importância da proximidade no acesso quotidiano.

Esta situação permite distinguir dois perfis de vivência: os parques de destino, que exigem planeamento prévio e deslocações longas, e os parques de proximidade, integrados no dia a dia das comunidades locais. Contudo, a frágil cobertura da rede de transportes públicos e a distribuição desigual dos parques criam limitações significativas, sobretudo para quem não dispõe de automóvel. A percepção dos inquiridos reforça esta leitura: embora uma parte considere que Doha dispõe de parques suficientes, muitos apontam a falta de equilíbrio territorial como um entrave ao acesso.

Assim, a questão não reside apenas no número absoluto de parques, mas na forma como estão implantados e ligados ao sistema de mobilidade.

Neste contexto, ganha relevo a necessidade de reforçar a oferta de parques de proximidade. Mais do que grandes infraestruturas, a presença de espaços verdes de menor escala, mas com os requisitos mínimos identificados pelos utilizadores, tal como sombra, vegetação, percursos, áreas infantis e pontos de apoio, pode garantir que diferentes segmentos da população tenham acesso facilitado a espaços de lazer quotidianos. Esta estratégia permitiria não só reduzir a dependência do automóvel, mas também aumentar a regularidade de uso, aproximando os parques das rotinas urbanas.

Ainda que os dados recolhidos nesta investigação incidam sobre expatriados qualificados, situados maioritariamente em zonas centrais, é possível observar que, mesmo neste grupo, a barreira da proximidade se manifesta: a ausência de parques acessíveis a pé ou bem conectados com transportes públicos limita a sua utilização frequente. Ao projetar esta realidade para outros segmentos da população, nomeadamente os de rendimentos mais baixos que residem em áreas periféricas, torna-se plausível assumir que as dificuldades de acesso são ainda mais acentuadas. Assim, a acessibilidade aos parques deve ser entendida não apenas como uma questão de conforto, mas sobretudo de justiça ambiental, garantindo que todos os grupos sociais tenham oportunidade de usufruir destes espaços.

7.1.3. Fatores socioculturais

Para além das questões ambientais e de acessibilidade, os resultados revelam barreiras de natureza social e cultural que condicionam a apropriação plena dos parques. Estas barreiras não são explícitas como o calor ou a distância, mas tornam-se visíveis ao analisar padrões de género, diferenças entre nacionalidades e a coexistência de usos muito distintos, do convívio coletivo ao lazer individual.

A variável género mostra que, embora as mulheres frequentem os parques, a sua utilização tende a concentrar-se em determinados horários e atividades, sobretudo de manhã e ligadas ao contexto familiar (como acompanhar crianças ou relaxar em grupo). Já os homens apresentam maior presença em todas as práticas e em horários mais variados, menos condicionados. Esta diferença sugere que a apropriação feminina é mais seletiva, ainda que não possamos afirmar com os dados recolhidos quais são os fatores exatos que a condicionam. No entanto, torna-se evidente que as mulheres não usufruem dos parques em condições tão diversificadas quanto os homens, o que aponta para uma barreira de participação plena.

Esta seletividade de uso observada no género encontra eco noutros critérios sociais, nomeadamente a nacionalidade. Também aqui, embora por motivos diferentes, verificam-se padrões de apropriação específicos. Observa-se a predominância de comunidades indianas e filipinas na maioria das práticas, sinal do peso demográfico destes grupos, mas também da importância dos parques como espaços de pertença e integração social. Os resultados indicam que os parques funcionam como pontos de encontro interculturais, sobretudo em atividades como desporto e convívio. No entanto, esta predominância também levanta questões: se os parques são apropriados sobretudo por comunidades específicas, corre-se o risco de segmentação social, limitando o seu papel como espaços verdadeiramente inclusivos para a totalidade da população de Doha.

Para além destas diferenças sociais, há ainda uma dimensão ligada ao tipo de uso, que reforça a ideia de apropriações seletivas. A análise das atividades permite observar a coexistência entre práticas de movimento e práticas de tranquilidade. Esta tensão entre práticas ativas (corrida, desporto ou convívio) e práticas de descanso (lazer individual ou relaxamento) não deve ser lida como incompatibilidade, mas como uma procura multifuncional que desafia o desenho do parque. Em sociedades de ritmo profissional intenso e grande diversidade cultural, os parques tornam-se simultaneamente cenários de sociabilidade e refúgios pessoais. A ausência de estratégias para equilibrar estas apropriações múltiplas pode resultar em sobreposição conflituosa de usos, diminuindo a qualidade da experiência.

Conclusão

Este capítulo constitui a conclusão final da dissertação e tem como propósito reunir a síntese dos principais achados, evidenciar as contribuições do estudo para o conhecimento científico e para o planeamento urbano em Doha, reconhecer as limitações metodológicas e, finalmente, apontar pistas para investigações futuras.

8.1. Síntese da Investigação

A investigação teve como objetivo central analisar e caracterizar os padrões de uso e a percepção dos utilizadores sobre os parques urbanos em Doha, procurando relacionar estes aspetos com os fatores culturais e climáticos que condicionam a vivência dos espaços públicos no Catar. Com esta abordagem, procurou-se preencher uma lacuna identificada na literatura, que privilegiava análises institucionais e arquitetónicas, mas raramente integrava a perspetiva quotidiana dos utilizadores.

Através de uma metodologia descritiva que combinou questionários a expatriados qualificados com observação direta, foi possível demonstrar que os parques urbanos desempenham uma centralidade estratégica na vida urbana de Doha. Estes espaços constituem locais fundamentais de encontro, convívio e recreio, mas a sua apropriação é complexa e encontra-se profundamente condicionada por barreiras ambientais e de acessibilidade.

A discussão dos resultados apresentada no Capítulo 6 permitiu responder de forma sistemática às questões de investigação. Verificou-se que a utilização dos parques é marcada pela sazonalidade, com maior intensidade nos meses de inverno devido às temperaturas extremas do verão. Ao nível diário, os períodos mais mencionados foram o final da tarde e a noite, confirmando a relevância da chamada “cultura da noite” como forma de adaptação ao clima árido. As mulheres revelaram padrões distintos, concentrando-se sobretudo na manhã de sexta-feira, o que sugere uma apropriação mais seletiva, associada à conciliação de responsabilidades familiares e à procura dos horários mais amenos.

No que respeita às atividades, confirmou-se que os parques são vividos como espaços de destino e não de mera passagem. As práticas mais destacadas foram correr ou caminhar, conviver com amigos ou família e levar as crianças a brincar. A presença predominante de comunidades de expatriados qualificados, em particular filipinos e indianos, evidenciou o papel dos parques como arenas multiculturais e espaços de pertença e integração social. O fator género revelou-se igualmente determinante, com as mulheres a privilegiarem atividades familiares ou individuais em contextos mais controlados.

Foram também identificadas barreiras significativas à utilização regular dos parques. As mais estruturais estão ligadas ao clima árido, refletido na insuficiência de sombra, na falta de vegetação arbórea e na ausência de soluções de arrefecimento, fatores que limitam a permanência regular nos espaços exteriores. A dependência quase estrutural do automóvel constituiu outra barreira evidente, explicada tanto pela fraca integração dos parques na rede de transportes públicos como pela procura de conforto térmico em detrimento das deslocações a pé. A percepção de má distribuição territorial reforçou ainda a ideia de que o problema não reside apenas no número absoluto de parques, mas sobretudo na sua localização e articulação com o sistema de mobilidade.

A análise dos diferentes grupos de utilizadores permitiu distinguir dois perfis principais: o Grupo G1, de utilizadores regulares, que demonstram maior adaptação às condições adversas, e o Grupo G2, de utilizadores sazonais, cuja presença depende fortemente da amenidade climática do inverno. A mobilidade reforça esta diferenciação, já que os que dependem de carro percebem maior suficiência da rede, enquanto os que se deslocam a pé ou em transportes públicos enfrentam maiores dificuldades. A utilização mostrou-se também diferenciada por género, confirmando padrões mais seletivos e horários específicos no caso das mulheres.

8.2. Contributos e Implicações para o Planeamento

Os resultados obtidos oferecem contributos empíricos relevantes para o planeamento urbano e para a arquitetura paisagista no Catar. Ao integrar a perspetiva do utilizador, esta dissertação traduz lacunas identificadas em diretrizes operativas, complementando a abordagem institucional dominante, de natureza mais *top-down*.

Três eixos principais emergem como prioritários. O primeiro é o conforto ambiental, que deve ser entendido como condição essencial de inclusão, exigindo estratégias de sombreamento contínuo, vegetação adaptada e soluções de arrefecimento capazes de prolongar a utilização diurna e estival. O segundo é a justiça espacial e a acessibilidade, que passam pela redução da dependência do automóvel e pela criação de uma rede de parques de proximidade, de menor escala, mas acessíveis a pé, capazes de servir quotidianamente diferentes segmentos populacionais. O terceiro é o desenho responsivo à pluralidade, que deve ser capaz de conciliar usos ativos e de descanso e atender às necessidades específicas de grupos como as mulheres, assegurando condições que favoreçam a sua participação plena.

8.3. Limitações e Pistas para Futuras Investigações

Apesar da consistência dos resultados, importa reconhecer as limitações metodológicas do estudo. A principal limitação reside na composição da amostra, que incluiu apenas expatriados qualificados, sobretudo colaboradores da KEO Consulting. Este perfil, ainda que relevante, não permite generalizar os resultados a toda a população de Doha, ficando de fora dois segmentos fundamentais: os cidadãos nacionais e os trabalhadores migrantes de baixo rendimento.

Estas limitações abrem caminho para futuras investigações. Será essencial alargar a amostra, de modo a incluir grupos com práticas espaciais e condições de vida muito distintas, aprofundar qualitativamente a percepção subjetiva das barreiras ambientais e sociais através de métodos como entrevistas ou etnografia, e desenvolver estudos de monitorização pós-ocupação que permitam avaliar a eficácia de soluções de sombreamento, vegetação ou arrefecimento na melhoria do conforto térmico e no aumento da frequência real de utilização dos parques.

Em síntese, esta dissertação confirma o papel vital dos parques urbanos no contexto climático e sociocultural de Doha. Ao dar voz aos utilizadores, documenta não apenas os padrões de uso e as percepções atuais, mas também oferece um quadro interpretativo sólido que pode orientar futuros processos de planeamento e desenho. Mais do que simples espaços verdes, os parques de Doha afirmam-se como infraestruturas sociais e ambientais de primeira ordem, cujo desenvolvimento deve ser pensado em função da inclusão, da acessibilidade e da adaptação climática.

Referências Bibliográficas

- Abbas, J. (2021). The Corniche: The representation of Doha's waterfront and its institutional buildings. *Urban Modernity in the Contemporary Gulf: Obsolescence and Opportunities*, 138–155. <https://doi.org/10.4324/9781003156529-10>
- Addas, & Rishbeth. (2018). *THE TRANSNATIONAL GULF CITY: SAUDI AND MIGRANT VALUES OF PUBLIC OPEN SPACES IN JEDDAH*. <https://doi.org/10.1080/01426397.2018.1427709>
- Ahmad, H., Cao, Y., Almomani, A., Akmeel, L., & Wang, L. (2025). Exploring Safety Perceptions Among Women Using Factor and Cluster Analysis: A Case Study of Neighborhood Parks in Jordan. *Land* 2025, Vol. 14, Page 725, 14(4), 725. <https://doi.org/10.3390/LAND14040725>
- Ajjur, S. B., & Al-Ghamdi, S. G. (2022). Exploring urban growth–climate change–flood risk nexus in fast growing cities. *Scientific Reports*, 12(1). <https://doi.org/10.1038/S41598-022-16475-X>
- Alabdullah, W. (2020). Incorporating Practices of Publicness in Kuwaiti Parks. Chai Ithahha, Cricket, Diwaniya, and Malls. *The Journal of Public Space*, Vol. 5 n. 1, 95–110. <https://doi.org/10.32891/JPS.V5I1.1253>
- Al-Azri, K. M. (2012). Social and Gender Inequality in Oman: The Power of Religious and Political Tradition. *Social and Gender Inequality in Oman: The Power of Religious and Political Tradition*, 1–201. <https://doi.org/10.4324/9780203115589/SOCIAL-GENDER-INEQUALITY-OMAN-KHALID-AL-AZRI/RIGHTS-AND-PERMISSIONS>
- Al-Buainain, F. (sd). *Urbanisation in Qatar: a study of the residential and commercial land development in Doha City, 1970-1997*. Obtido 19 de Setembro de 2025, de <https://salford-repository.worktribe.com/output/1435135/urbanisation-in-qatar-a-study-of-the-residential-and-commercial-land-development-in-doha-city-1970-1997>
- All set for Qatar National Day festivities - Gulf Times*. (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://www.gulf-times.com/story/616732/all-set-for-qatar-national-day-festivities>
- AL-Mohannadi, A., Furlan, R., & Grosvald, M. (2023). Women's spaces in the vernacular Qatari courtyard house: how privacy and gendered spatial segregation shape

- architectural identity. *Open House International*, 48(1), 100–118.
<https://doi.org/10.1108/OHI-01-2022-0011>
- Al-Mohannadi, A. S., & Furlan, R. (2022). The syntax of the Qatari traditional house: privacy, gender segregation and hospitality constructing Qatar architectural identity. *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*, 21(2), 263–283.
<https://doi.org/10.1080/13467581.2020.1869555>
- Annual Relative Humidity and Rainfall – Qatar — State of Qatar Open Data*. (sd). Obtido 19 de Setembro de 2025, de <https://www.data.gov.qa/explore/dataset/annual-relative-humidity-and-rainfall-qatar/information/?dataChart=eyJxdWVyaWVzIjpbeyJjb25maWciOnsiZGF0YXNldCI6ImFubnVhbC1yZWxhdGl2ZS1odW1pZGI0eS1hbmQtcnFpbmZhbGwtdWF0YXliLCJvcHRpb25zIjpb7fX0slmNoYXJ0cyI6W3siYWxpZ25Nb250aCI6dHJ1ZSwidHlwZSI6ImxpbmUiLCJmdW5lIjoiQVZHliwieUF4aXMiOiJ2YWx1ZSIslmNjaWVudGlmawNEaXNwbGF5Ijpb0cnVILCJjb2xvcil6liMwNjVlODMifV0slmhBeGlzIjoieWVhcilslm1heHBvaW50cyI6IiIsInRpbWVzY2FsZSI6InlIYXliLCJzb3J0Ijoiln1dLCJkaXNwbGF5TGVSZW5kljpb0cnVILCJhbGlnbk1vbnR0Ijpb0cnVlfQ%3D%3D>
- Aqil, K. (2018). Pearl industry in the UAE region in 1869-1938: Its construction, reproduction, and decline. *RUDN Journal of Sociology*, 18(3), 452–469.
<https://doi.org/10.22363/2313-2272-2018-18-3-452-469>
- Ataullah Sanaullah. (2022). *Public parks, green spaces see remarkable increase*.
<https://thepeninsulaqatar.com/article/27/12/2022/public-parks-green-spaces-see-remarkable-increase>
- Bande, L., Adan, R., Young, K., Ghazal, R., Jha, M., Aldarmaki, A., Aldaheri, A., Alneyadi, A., Aldaheri, S., & Khalifa, M. (2021). Outdoor thermal comfort study on a district level as part of the housing programs in Abu Dhabi and Al Ain, United Arab Emirates. *Land*, 10(3), 1–23. <https://doi.org/10.3390/LAND10030264>
- Binabid, J., & Anteet, Q. (2024). Numerical study of vegetation effects on thermal comfort for outdoor spaces at a public school in hot and arid climate. *Environmental Advances*, 15. <https://doi.org/10.1016/J.ENVADV.2023.100482>
- Condições meteorológicas e temperatura média de Qatar na primavera (Catar) - Weather Spark*. (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://pt.weatherspark.com/s/150272/0/Condi%C3%A7%C3%B5es->

meteorol%C3%B3gicas-m%C3%A9dias-na-primavera-em-Qatar-Catar#google_vignette

Dillman, D. A., Smyth, J. D., & Christian, L. M. (2014). Internet, Phone, Mail, and Mixed-Mode Surveys: The Tailored Design Method, 4th Edition. *John Wiley & Sons, Inc*, 1–530. <https://content.e-bookshelf.de/media/reading/L-2753682-49f7ffb446.pdf>

Doha - The Pearl of Qatar - GeoExpro. (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://geoexpro.com/doha-the-pearl-of-qatar>

Dubey, S., Bailey, A., & Lee, J. (2024). *Women's perceived safety in public places and public transport: A narrative review of contributing factors and measurement methods*. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2024.105534>

Eddisford, D., University, D., & Carter, R. (sd). *The Vernacular Architecture of Doha, Qatar*.

El Mallakh, R. (2015). Qatar: Development of an oil economy. *Qatar: Development of an Oil Economy*, 1–183. <https://doi.org/10.4324/9781315744513>

ElGahani, H., & Furlan, R. (2018). Post-2022 FIFA world cup in the state of Qatar: Urban regeneration strategies for Doha. *Journal of Urban Regeneration and Renewal*, 11(4), 355–370. <https://doi.org/10.69554/FKMU1276>

Fadli, F., & AlSaeed, M. (2019). A holistic overview of Qatar's (Built) cultural heritage; Towards an integrated sustainable conservation strategy. *Sustainability (Switzerland)*, 11(8). <https://doi.org/10.3390/SU11082277>

Ferwati, S., Skelhorn, C., Shandas, V., & Makido, Y. (2019). A Comparison of Neighborhood-Scale Interventions to Alleviate Urban Heat in Doha, Qatar. *Sustainability* 2019, Vol. 11, Page 730, 11(3), 730. <https://doi.org/10.3390/SU11030730>

Fromherz, A. James. (2012). *Qatar: a modern history*. 204.

Furlan, R., & Al-Mohannadi, A. (2020). An urban regeneration planning scheme for the Souq Waqif heritage site of Doha. *Sustainability (Switzerland)*, 12(19), 1–19. <https://doi.org/10.3390/SU12197927>

Furlan, R., & Petruccioli, A. (2016). Affordable housing for middle income expats in Qatar: Strategies for implementing livability and built form. *Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research*, 10(3), 138–151. <https://doi.org/10.26687/ARCHNET-IJAR.V10I3.1033>

- Furlan, R., & Sinclair, B. R. (2021). Planning for a neighborhood and city-scale green network system in Qatar: the case of MIA Park. *Environment, Development and Sustainability*, 23(10), 14933–14957. <https://doi.org/10.1007/S10668-021-01280-9>
- Gulf Research Center. (sd). *GLMM - Gulf Labour Markets, Migration and Population*. Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://gulfmigration.grc.net/>
- Jaidah, I. Mohamed., & Bourennane, Malika. (2009). *The history of Qatari architecture from 1800 to 1950*. 336.
- General Secretariat For Development Planning. (2008). *General Secretariat For Development Planning*. www.planning.gov.qa
- Kabisch, N., Frantzeskaki, N., Pauleit, S., Naumann, S., Davis, M., Artmann, M., Haase, D., Knapp, S., Korn, H., Stadler, J., Zaunberger, K., & Bonn, A. (2016). Nature-based solutions to climate change mitigation and adaptation in urban areas: Perspectives on indicators, knowledge gaps, barriers, and opportunities for action. *Ecology and Society*, 21(2). <https://doi.org/10.5751/ES-08373-210239>
- Kaplan, J., & Chalfin, A. (2021). Ambient lighting, use of outdoor spaces and perceptions of public safety: evidence from a survey experiment. *Security Journal*, 35(3), 694. <https://doi.org/10.1057/S41284-021-00296-0>
- Khalida, M. (2022). *SPATIAL LOGIC OF PARK ACCESS IN QATAR*. https://qspace.qu.edu.qa/bitstream/handle/10576/26363/Khalida%20Marthya_%20OGS%20Approved%20Thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Khan, A. H., Major, M. D., Tannous, H. O., & Paquet, T. (2021). Tradition, Transformation, and Re-creation in Two Marketplaces: Souq Al Wakrah and Souq Waqif, Qatar. *Habitat International*, 116, 102438. <https://doi.org/10.1016/J.HABITATINT.2021.102438>
- Li, Y., & Sadr, R. (2021). Diurnal Wind Pattern and Climate Condition on the Coastal Region of Qatar. *Journal of Scientific Research and Reports*, 37–51. <https://doi.org/10.9734/JSRR/2021/V27I230357>
- Lucio, P. S., & Gomes, A. C. (2023). Human outdoor thermal comfort analysis for the Qatar 2022 FIFA World Cup's climate. *SN Applied Sciences*, 5(1), 1–15. <https://doi.org/10.1007/S42452-022-05257-9/FIGURES/8>
- Mohamed, H. (2024). *The implications of inadequate parks in low-income*. https://qspace.qu.edu.qa/bitstream/handle/10576/56490/Hassan%20Mohamed_O

GS%20Approved%20Thesis.pdf?isAllowed=y&sequence=1&utm_source=chatgpt.com

Morgan, C., Carter, R., & Michalski, M. (sd). *The Origins of Doha Project Online Digital Heritage Remediation and Public Outreach in a Vanishing Pearling Town in the Arabian Gulf*.

Mubarak, M. S. (2021). *An Analytical Study of Mosque Identity in Qatar: The Past and the Present*.
https://manara.qnl.qa/articles/thesis/An_Analytical_Study_of_Mosque_Identity_in_Qatar_The_Past_and_the_Present/28434122/1

Nafi, S., Furlan, R., Grosvald, M., Al-matwi, R., & Marthya, K. L. (2021). Transit-Oriented Development in Doha: The Case of the Al Sadd Neighborhood and Hamad Hospital Metro Station. *Designs* 2021, Vol. 5, Page 61, 5(4), 61.
<https://doi.org/10.3390/DESIGNS5040061>

National Sport Day to be unique and widespread this year: Dosari - Read Qatar Tribune on the go for unrivalled news coverage. (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://www.qatar-tribune.com/article/154897/FIRSTPAGE/National-Sport-Day-to-be-unique-and-widespread-this-year-Dosari>

Nulty, D. D. (2008). The adequacy of response rates to online and paper surveys: what can be done? *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 33(3), 301–314.
<https://doi.org/10.1080/02602930701293231>

Orient-Institut Beirut. (sd). *How Dukhan made Doha*. Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://oib.hypotheses.org/1473>

Patel, S., Indraganti, M., & Jawarneh, R. N. (2024). Urban planning impact on summer human thermal comfort in Doha, Qatar. *Building and Environment*, 254.
<https://doi.org/10.1016/J.BUILDENV.2024.111374>

Peel, M. C., Finlayson, B. L., & McMahon, T. A. (2007). Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. *Hydrology and Earth System Sciences*, 11(5), 1633–1644. <https://doi.org/10.5194/HESS-11-1633-2007>

Peters, K., Elands, B., & Buijs, A. (2010). Social interactions in urban parks: Stimulating social cohesion? *Urban Forestry and Urban Greening*, 9(2), 93–100.
<https://doi.org/10.1016/J.UFUG.2009.11.003>

PSA. (2020). *Qatar Atlas: Statistical maps*. <https://gis.psa.gov.qa/QatarAtlas/mymap>

- Qatar in History: Ties to World's Earliest Civilizations.* (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de https://www.wrmea.org/1996-may-june/qatar-in-history-ties-to-world-s-earliest-civilizations.html?utm_source=chatgpt.com
- QatarEnergy. (sd). *Our History*. Obtido 18 de Setembro de 2025, de <https://www.qatarenergy.qa/en/whoweare/Pages/OurHistory.aspx>
- QatarQAT - Country Overview | Climate Change Knowledge Portal. (sd). Obtido 19 de Setembro de 2025, de <https://climateknowledgeportal.worldbank.org/country/qatar>
- Radoine, H. (sd). *Hassan Radoine, Revitalization of Souq Waqif, Doha, Qatar, Aga Khan Award, cycle 2008-2010*. Obtido 17 de Setembro de 2025, de https://www.academia.edu/25720646/Hassan_Radoine_Revitalization_of_Souq_Waqif_Doha_Qatar_Aga_Khan_Award_cycle_2008_2010
- Rasheed, M. (2021). *Moving Forward: An Assessment of Qatar's Public Transportation System and Recommendations for Future Development*. <https://www.politesi.polimi.it/retrieve/500af14b-8aed-4308-97dc-595036340d47/Report%20Mohammed%20Raihan%20Rasheed%20961372.pdf?>
- Salama, A. M. A. ., & Wiedmann, Florian. (2016). *Demystifying Doha : on architecture and urbanism in an emerging city*. 300.
- Salama, A. M., & Azzali, S. (2015). Examining attributes of urban open spaces in Doha. *Proceedings of the Institution of Civil Engineers: Urban Design and Planning*, 168(2), 75–87. <https://doi.org/10.1680/UDAP.14.00011>
- Salama, A. M., & Khalfani, F. (2016). *Experiential Assessment of Urban Open Spaces in Doha Article in Open House International · December 2013 CITATIONS 4 READS 18 3 authors, including*. <https://www.researchgate.net/publication/289794304>
- Salama, A. M., Wiedmann, F., Khalfani, F. A., & Al-Maimani, A. (sd). *Dynamics of Populations and Urban Open Spaces in the Emerging City of Doha Dynamics of Populations and Urban Open Spaces in the Emerging City of Doha* Introduction: Experiencing the City of Doha*.
- Santamouris, M. (2014). On the energy impact of urban heat island and global warming on buildings. *Energy and Buildings*, 82, 100–113. <https://doi.org/10.1016/J.ENBUILD.2014.07.022>

- Shashua-Bar, L., Pearlmutter, D., & Erell, E. (2011). The influence of trees and grass on outdoor thermal comfort in a hot-arid environment. *International Journal of Climatology*, 31(10), 1498–1506. <https://doi.org/10.1002/JOC.2177>
- Stiftung, B. (2024). *BTI 2024 Country Report Qatar*. <https://www.bti-project.org>.
- The World Bank Group. (2025). *World Development Indicators*. <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?country=QAT%2CTCD&series=SP.URB.TOTL.IN.ZS&source=2&>
- Twilight of Pearl Trade Sees ‘Slave’ Divers Seek Freedoms* | Qatar Digital Library. (sd). Obtido 17 de Setembro de 2025, de <https://www.qdl.qa/en/twilight-pearl-trade-sees-%E2%80%99slave%E2%80%99-divers-seek-freedoms>
- WHO. (2016). *World Health Statistics 2016: Monitoring Health for the Sustainable Development Goals (SDGs)*. https://books.google.com/books/about/World_Health_Statistics_2016_OP.html?id=-A4LDgAAQBAJ
- Wiedmann, F., Salama, A. M., & Thierstein, A. (2012). Urban evolution of the city of Doha: An investigation into the impact of economic transformations on urban structures. *Metu Journal of the Faculty of Architecture*, 29(2), 35–61. <https://doi.org/10.4305/METU.JFA.2012.2.2>
- Yu, Y., Notaro, M., Kalashnikova, O. V., & Garay, M. J. (2016). Climatology of summer Shamal wind in the Middle East. *Journal of Geophysical Research*, 121(1), 289–305. <https://doi.org/10.1002/2015JD024063>
- Zhu, Y., Zhang, Y., & Biljecki, F. (2025). Understanding the user perspective on urban public spaces: A systematic review and opportunities for machine learning. *Cities*, 156. <https://doi.org/10.1016/J.CITIES.2024.105535>

Anexos

Anexo 1 - Questionário original aplicado

Public Space Preference Survey- University student assessment

If nothing is said, please answer the direct next question.

* Mandatory question

Demographic Information

All your information is anonymous

1. What's your age group? *

- ☐ 18-24
- ☐ 25-34
- ☐ 35-44
- ☐ > 45

2. What's your gender?

- ☐ Woman
- ☐ Man
- ☐ Prefer to not say
- ☐ Other

3. What is your nationality? *

4. What's your level of education? *

- ☐ No formal education
- ☐ Primary school
- ☐ Secondary school / High school
- ☐ University

Your Experience in Public Parks

Tell us how you usually spend time in parks — what you do, how often you go, and why you enjoy it.

5. If you could only choose one, where do you prefer to go? *

Please have in mind the springtime for reference.

- | | |
|--|--|
| ☐ Parks | If you choose this option, please go to question 6.1 |
| ☐ Urban Plazas/Squares | If you choose this option, please go to question 6.2 |
| ☐ Shopping Malls | If you choose this option, please go to question 6.2 |
| ☐ Other | If you choose this option, please go to question 6.2 |

6.1. How often do you visit public parks? *

- | | |
|--------------------------------|--|
| ☐ Daily | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Weekly | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Monthly | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Seasonal | If you choose this option, please go to question 8.1 |

6.2. How often do you visit public parks?* *

- | | |
|--------------------------------|--|
| ☐ Daily | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Weekly | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Monthly | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Seasonal | If you choose this option, please go to question 9 |
| ☐ Never | If you choose this option, please go to question 7 |

7. Why don't you visit public parks? * After answering, please go directly to question 15.

8.1. If you chose 'Seasonal', which time of year do you usually visit? * After answering, please go directly to question 9.

- ☐ Summer
- ☐ Spring
- ☐ Winter
- ☐ Fall

8.2. If you chose 'Seasonal', which time of year do you usually visit?* *

- ☐ Summer
- ☐ Spring
- ☐ Winter
- ☐ Fall

9. Which park(s) do you usually visit? *

10. How do you usually get to those parks? *

Please chose the most common one

- ☐ Car
- ☐ Walk
- ☐ Public transport
- ☐ Bicycle

If you choose this option, please go to question 11.1

If you choose this option, please go to question 11.2

If you choose this option, please go to question 11.3

If you choose this option, please go to question 11.4

11.1 How long does it take you to get there from home? * After answering, please go directly to question 12.

Having in mind the way of transport you chose before (CAR)

- ☐ 5min
- ☐ 10min
- ☐ 20 min
- ☐ 30 min
- ☐ >30 min

11.2. How long does it take you to get there from home? * After answering, please go directly to question 12.

Having in mind the way of transport you chose before (WALK)

- ☐ 5min
- ☐ 10min
- ☐ 20 min
- ☐ 30 min
- ☐ >30 min

11.3 How long does it take you to get there from home? * After answering, please go directly to question 12.

Having in mind the way of transport you chose before (PUBLIC TRANSPORT)

- ☐ 5min
- ☐ 10min
- ☐ 20 min
- ☐ 30 min
- ☐ >30 min

11.4 How long does it take you to get there from home? * After answering, please go directly to question 12.

Having in mind the way of transport you chose before (BICYCLE)

- ☐ 5min
- ☐ 10min
- ☐ 20 min
- ☐ 30 min
- ☐ >30 min

12. What do you like about the park(s) you visit? *

- ☐ Shade
- ☐ Greenery
- ☐ Walking/Running tracks
- ☐ Playgrounds
- ☐ Cafes/Kiosks
- ☐ Quiet atmosphere
- ☐ Water feature
- ☐ Events / Activities
- ☐ Other

13. At what time do you usually go to the park? *

Please choose for each day of the week, the most common time

	Morning	Afternoon	Evening	Night	I don't go
Sunday to Wednesday	☐	☐	☐	☐	☐
Thursday	☐	☐	☐	☐	☐
Friday	☐	☐	☐	☐	☐
Saturday	☐	☐	☐	☐	☐

14. What do you usually do in the park? *

- ☐ Walk the dog
- ☐ Go for a run or walk
- ☐ Hang out with friends or family
- ☐ Spend some time alone / relax
- ☐ Take the kids out to play
- ☐ Ride my bike
- ☐ Just passing through on the way to somewhere else
- ☐ Have a picnic or barbecue
- ☐ Other

General Perceptions

Tell us about your opinion on Doha parks.

15. Do you think there's enough parks in Doha? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ Maybe

16. What do you think it's missing in existing public parks/ green spaces in Doha? *

- ☐ Nothing
- ☐ Other

17. Please feel free to live any comment about your perception on parks and green spaces.

Thank you for answer !

Anexo 2 – Total de parques mencionados pelos inquiridos

